



CEPEA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM
ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO

CEPEA/ESALQ/USP



RELATÓRIO FINAL

PROF.DR. ROBERTO ARRUDA DE SOUZA LIMA
PROF.DR. RICARDO SHIROTA
PROF.DR. GERALDO SANT'ANA DE CAMARGO BARROS

Piracicaba
Junho /2006

Agradecimentos

Um trabalho com as características de pioneirismo como este jamais poderia ser bem sucedido sem o apoio de diversos colaboradores. O Dr. Pio Guerra, com visão estratégica e suporte das Associações de Criadores, foi o idealizador deste estudo. Para sua realização, o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) foi decisivo. Agradecemos a Comissão Nacional do Cavalo, em especial ao assessor técnico – engenheiro agrônomo João Carlos de Petribú de Carli Filho – o constante apoio. Diversas Associações de Criadores forneceram inúmeras informações que foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa.

À ADECA – Agronegócios, cujos estagiários Heloísa Maria de Pereira Orsolini, Plínio Moriki Silva, Rafael Lopes Marins, Guilherme Augusto Asai e Thiago Marques Budni foram valiosos na coleta de dados e desenvolvimento de parte da pesquisa, o nosso reconhecimento pela dedicação.

Adicionalmente, dentre os inúmeros entrevistados, a quem somos gratos pela colaboração, é necessário destacar alguns nomes pela maneira particularmente receptiva e dedicada que atenderam os pesquisadores. Foram pessoas que pensaram sempre no coletivo, com profundo conhecimento do cavalo e que merecem grande parte dos créditos deste estudo e as desculpas pelas eventuais falhas que tenham sido cometidas neste trabalho, de nossa inteira responsabilidade. Nossos agradecimentos aos profissionais:

Alessandro Lima

Henry Berger

Aluisio Marins

Joaquim F. R. César Neto

André Galvão de Campos Cintra

José Aldo de Moraes Santos

Bjarke Rink

Josemar Xavier de Medeiros

Capitão Braga

Mariana Meira França

Claudia Leschonski

Patricia Amaral

Edison Pagoto

Paulo Junqueira Arantes

Fernando José Maiolino

Walney Miguel Paccola



Sumário

	Pág.
1. Introdução.....	5
2. Metodologia	7
3. Origem do Cavalo	10
4. O Conceito de Complexo do Agronegócio	12
5. Importância do cavalo na formação do Brasil.....	20
5.1. A Introdução do Cavalo no Brasil	21
5.2. A Contribuição Militar.....	27
5.3. Tração	32
6. Caracterização do Perfil Atual do Agronegócio Cavalos	36
6.1. Distribuição Geográfica da Tropa.....	37
6.2. Perfil das Propriedades.....	47
7. Atividades “Antes da Porteira”	54
7.1. O Mercado de Medicamentos Veterinários.....	55
7.2. O Mercado de Rações	60
7.3. Feno	69
7.4. Selaria e Acessórios	76
7.5. Casqueamento e Ferrageamento	80
7.6. Transporte de Equinos.....	83
7.7. Educação e Pesquisa.....	86
7.8. Mídia e Publicações	97
7.9. Outras Atividades “Antes da Porteira”.....	101



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

3



8. Atividades “Dentro da Porteira”	103
8.1. O Cavalo Militar.....	104
8.2. O Cavalo para Lida	112
8.3. A Equoterapia	115
8.4. Esportes	122
8.4.1. O Pólo Eqüestre.....	132
8.4.2. A Vaquejada	135
8.4.3. O Rodeio	139
8.5. Turismo Eqüestre	141
8.5.1. Cavalhada.....	147
8.6. Escolas de Equitação	150
8.7. Jockey.....	152
8.8. Trote	159
8.9. Exposições e Eventos.....	161
8.10. O Segmento “Consumidor”.....	164
9. Atividades “Pós-Porteira”	167
9.1. Leilões	168
9.2. Exportações e Importações de Cavalos Vivos	173
9.3. Carne	184
9.3.1. Curtume	196
10. Atividades de Apoio	197
10.1. Seguro	198
10.2. Instituições Financeiras	203
10.3. Médico Veterinário	204
11. Ambiente de Negócios.....	205
11.1. Normas	209
12. Pontos críticos	211



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

4



13. Considerações Finais	218
14. Bibliografia Consultada.....	221
15. Termo de Encerramento	226
16. Anexos.....	227



1. Introdução

O cavalo ocupa uma posição de destaque nos países desenvolvidos e em muitos daqueles em desenvolvimento. No entanto, a configuração do Agronegócio Cavalos no Brasil é ainda pouco conhecida, particularmente, no que se refere à sua contribuição na geração de renda e de postos de trabalho. Mais grave, muitas vezes, a imagem do setor é distorcida e carregada de preconceitos. Para muitos, a indústria do cavalo está relacionada ao interesse restrito de uma elite e distante da realidade do brasileiro médio. A associação do cavalo à elite não é novidade e há razões históricas para esta visão. Gilberto Freire, ao analisar o ciclo do açúcar no Brasil colonial, destaca o papel do boi e do cavalo: o boi associado ao escravo e ao trabalho, e o cavalo ao senhor de engenho, destacando: “... *essa caracterização do cavalo brasileiro como o animal, mais que qualquer outro, a serviço do domínio dos ‘defensores da Ordem’ sobre a massa*” (Freyre, 1937, p. 66).

O rompimento dessa imagem – formada ao longo de extenso período que tem origem no início da formação do Brasil – não será tarefa fácil e muito menos rápida. É necessário, antes de tudo, conhecer e dimensionar o Agronegócio Cavalos. Isso permitirá o desenvolvimento de estudos visando a criação de sustentação teórica para formulação de políticas que permitam o desenvolvimento não somente da equinocultura mas, também, dos diversos segmentos econômicos relacionados a essa atividade que são responsáveis pela geração de centenas de milhares de empregos diretos.

Os esforços visando o aprofundamento dos conhecimentos sobre a indústria do cavalo – embora esporádicos e, muitas vezes, resultantes da dedicação e trabalho quase solitário de algumas pessoas vinculadas às atividades relacionadas ao cavalo – têm contribuído para disseminação de informação e de pressões por políticas de apoio ao crescimento da equinocultura brasileira. Em meados dos anos 90, o escritor e equitador Bjarke Rink já desenhava o que denominou Guia Eqüestre Brasileiro (um retrato do que seria a indústria eqüestre brasileira). Outras iniciativas se seguiram, como as recentes edições do Guia Horse (fruto do esforço da veterinária Cláudia Sophia Leschonski).



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP

6



Apesar destes esforços isolados, o dimensionamento da indústria do cavalo – incluindo todas atividades a ela relacionadas – até hoje não foi realizado em toda sua profundidade e extensão. Mesmo o Governo, através dos seus ministérios e órgãos, tem dado pouca atenção ao tema. Ao contrario de bovinos, aves, suínos e ovinos, os equinos não aparecem com destaque nas pesquisas e censos governamentais. A disponibilidade de informações sobre cavalo é ainda muito escassa.

Visando preencher – ainda que parcialmente – esta lacuna, o presente estudo busca caracterizar a configuração do Complexo do Agronegócio Cavalo, estimando a sua dimensão econômica e social. Pretende-se, também, discutir alguns aspectos institucionais, de estrutura e desempenho do setor. Esta iniciativa é o primeiro produto resultante de uma solicitação da Comissão Nacional do Cavalo e de seu presidente, Dr. Pio Guerra, com apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Por outro lado, pela sua natureza exploratória e o curto espaço de tempo disponível para elaboração, deve-se alertar que este relatório não tem a pretensão de ser definitivo. Antes disso, trata-se de um primeiro trabalho – inédito, de filtragem e organização de informações dispersas e muitas vezes inconsistentes – no universo do cavalo no Brasil. Assim como um poste de iluminação, sua principal função não será servir de apoio (embora possa e deva ser, também, assim utilizado), mas a de fonte de luz visando mostrar futuros caminhos na direção do melhor entendimento da indústria eqüestre. Espera-se que, a partir deste estudo, novas políticas – de crédito, sociais, de fomento, entre outras – venham a ser formuladas para apoio, desenvolvimento e consolidação do Complexo.

No início, o estudo apresenta uma breve história do cavalo. A origem e evolução da espécie, a sua dispersão geográfica mundial e a sua simbiose com o ser humano são descritas resumidamente. No Brasil, o estudo inicia com a análise do papel do cavalo na formação do País. Em seguida, avança pela discussão e compreensão das diversas atividades relacionadas com o cavalo, antes, dentro e pós-porteira. O estudo é finalizado com considerações sobre a configuração do Complexo do Agronegócio Cavalo, sua contribuição ao País, descrevendo as interconexões entre as diversas atividades associadas a este nobre animal.

2. Metodologia

Pelas características de amplo escopo e natureza exploratória, a metodologia deste estudo envolveu diversos aspectos, tais como: revisão da literatura, entrevistas e debates com grupos de especialistas. Inicialmente, a caracterização do complexo do agronegócio cavalo foi realizada através de um detalhado levantamento da literatura em bibliotecas e por meio eletrônico. Esta revisão permitiu um diagnóstico preliminar do segmento, assim como a definição mais clara das informações adicionais que deveriam ser buscadas em trabalho de campo.

Nesta fase, foram também identificados os principais agentes econômicos – privados e públicos – atuantes no setor, buscando o entendimento da dinâmica competitiva do complexo do agronegócio cavalo. Amostras desses agentes foram selecionadas para a condução de entrevistas informais e semi-estruturadas, conduzidas por grupos de pesquisadores.

Os dados primários foram obtidos em entrevistas realizadas em diversas fases. A amostra incluiu representantes das associações de criadores e de diversos segmentos considerados chaves, tais como: indústrias de medicamentos, de equipamentos para transporte, selarias, hípicas, sindicatos e associações de profissionais, entre outros. Duplas de pesquisadores foram a campo e aplicaram os questionários junto a criadores (dos mais diversos portes e para diversas finalidades) nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal, Bahia e Sergipe. Adicionalmente, inúmeras entrevistas foram realizadas – por telefone e por e-mail – com criadores, empresários e pessoas ligadas ao Agronegócio Cavalo. Também foram visitados eventos – exposições e festas, para complementar o trabalho dos levantamentos.

Para a coleta desses dados, foram desenvolvidos três questionários distintos. O primeiro, menos detalhado, foi utilizado nas visitas e contatos junto às empresas com atividades pertinentes ao agronegócio cavalo. O segundo, refere-se ao questionário utilizado nas visitas às associações de criadores. Finalmente, o terceiro questionário foi utilizado nas visitas aos produtores, no levantamento das criações a campo. Todos os três questionários encontram-se anexos ao final deste relatório.

Grande parte das informações coletadas foram rediscutidas e reavaliadas na presença de grupos de colaboradores. Para tanto, em diversas etapas ao longo do estudo, foram organizadas reuniões com profissionais de destaque nas diversas áreas do Agronegócio para debate do trabalho em andamento.

Como era de se esperar numa pesquisa pioneira, alguns obstáculos foram encontrados ao longo do trabalho. Informações existentes em bancos de dados, como na Receita Federal e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), não puderam ser obtidas por restrições legais (sigilo)¹. Empresas e entidades, como, por exemplo, algumas Polícias estaduais, optaram por não responder aos entrevistadores por receio de revelar segredos estratégicos de suas atividades. No entanto, a maior parte das pessoas contadas foi bastante generosa em termos de tempo e na quantidade de informações fornecidas, contribuindo para o sucesso do estudo.

Ao longo do estudo, diversas estimativas foram realizadas. Procurou-se, sempre, a obtenção de números conservadores. Isto significa que muitos valores podem estar subestimados. Em momentos em que não foram encontrados dados quantitativos sobre o tamanho e a movimentação econômica em torno de determinado segmento do agronegócio, optou-se por não proceder estimativas que teriam baixa confiabilidade. Deve-se destacar que muitos segmentos não possuem mecanismos sistemáticos de coleta, depuração e verificação, armazenamento e divulgação de informações estatísticas como, por exemplo, o número de pessoas empregadas (e/ou o número de diárias trabalhadas). Nos casos em que foi possível, foram realizadas as seguintes estimativas:

- a) número de pessoas ocupadas. Nesta estimativa foram consideradas pessoas ocupadas na atividade, tanto com emprego formal quanto os trabalhadores informais. Para estas pessoas, foram consideradas apenas as horas dedicadas à atividade ligada ao cavalo. Por exemplo, numa atividade que contasse com 600 trabalhadores que dedicam apenas um

¹ A codificação das atividades econômicas realizada através da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) é o padrão adotado no Brasil, inclusive pela Receita Federal e IBGE. Nesta classificação cada atividade é identificada por uma seqüência de letras e algarismos que identificam seção, divisão, grupo, classe e subclasse a que pertence. Por exemplo, a atividade de criação de eqüinos recebe o código A0142-2/02. Isto significa que esta atividade pertence aos seguintes níveis: seção A = agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal; divisão 01 = agricultura, pecuária e serviços relacionados; grupo 014 = pecuária; classe 0142-2 = criação de outros animais de grande porte; e, sub-classe 0142-2/02 = criação de eqüinos. O acesso público às informações está limitado até o nível de grupo. Assim, não estão disponíveis dados referentes à criação de eqüinos isoladamente, apenas o consolidado de várias atividades da pecuária (criação de bovinos, ovinos, suínos, entre outras).



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



9

terço do seu tempo às atividades relacionadas ao cavalos², o estudo considerou que esta atividade estaria ocupando 200 pessoas (um terço de 600 trabalhadores); e,

- b) movimentação econômica. Nas diversas atividades, foi estimado não apenas o faturamento formal, mas toda dimensão econômica da atividade. Por exemplo, para uma atividade de educação que fornece cursos gratuitos aos alunos, foram considerados as remunerações dos instrutores, o material utilizado, transporte, luz, aluguel e demais custos e despesas incorridos para a realização da atividade.

Na maior parte dos casos, a metodologia está apresentada explicitamente no próprio texto. Quando isso não ocorre, a metodologia utilizada é descrita no anexo D ao final deste relatório.

² O restante do tempo poderia, por exemplo, estar sendo dedicando a tarefas ligadas à produção de leite.

3. Origem do Cavallo

Ao contrário da maior parte dos animais, a origem e a evolução do cavalo teve reconstituição facilitada pela descoberta de inúmeros registros fósseis. De acordo com estes registros, o ancestral do cavalo surgiu no Continente Americano durante a Era Cretácica – mais precisamente, no Período Eoceno – há cerca de 60 milhões. Este primeiro antepassado do cavalo moderno, denominado *Eohippus*, media apenas 35 cm de altura e possuía o dorso arqueado.

O passo significativo na sua evolução ocorreu somente no Período Oligoceno, 40 milhões de anos atrás. Naquela época, o *Eohippus* já ganhara novas dimensões, evoluindo para o *Mesohippus*, animal com 45 cm de altura.

Há 30 milhões de anos, no Período Mioceno, o *Mesohippus* cedeu lugar para o *Miohippus*, de 70 cm de altura. Em seguida, os ancestrais do cavalo atingiram a altura de um metro – próximo ao Período Plioceno, há 25 milhões de anos – com o *Merichippus*. Mais recentemente, há cerca de seis milhões de anos os cavalos passaram a ter aparência muito próxima do que se conhece hoje, com o surgimento do *Pliohippus* (Período Pleistoceno). Finalmente, a evolução do *Pliohippus* resultou no surgimento do *Equus* na segunda metade da Era do Gelo.

Da América do Norte, o *Equus* migrou para outras partes do mundo – Ásia, Europa, África e América do Sul – através das ligações terrestres entre os continentes que existiam naquela época.

Em torno de 9.000 a.C., durante o final da Era do Gelo, desfez-se a ligação por terra entre a Ásia e a América (na região do atual Estreito de Bering), e os cavalos na América ficaram isolados dos demais cavalos do mundo. Por causas ainda desconhecidas, há 8.000 anos os cavalos foram extintos no continente americano³.

Nessa época, o gênero *Equus* distribuía-se da seguinte forma: cavalos na Europa e Ásia, asnos no norte da África e zebras no sul da África. Para sobreviver

³ Como será visto mais adiante, no Capítulo 5, o cavalo foi reintroduzido neste continente – pelas mãos do homem – somente após o descobrimento. Cristóvão Colombo trouxe alguns animais para a Ilha de Santo Domingo em 1494 e Hernán Cortez desembarcou no México trazendo 16 cavalos, em 1519.

aos predadores, o *Equus* desenvolveu agilidade e velocidade e quatro espécies prevaleceram e deram origem às raças conhecidas hoje. Estas espécies foram: *Equus przewalski* (na Ásia Central); *Equus tarpanus* (na Rússia); *Equus robustus* (nas planícies da Europa); e, *Equus agillis* (nas planícies da Arábia e África).

Desta forma, a contínua evolução do pequeno *Eohippus*, ao longo de 60 milhões de anos, resultou no surgimento das espécies atualmente conhecidas de zebras, asnos e cavalo (*Equus caballus*), conforme Figura 1.

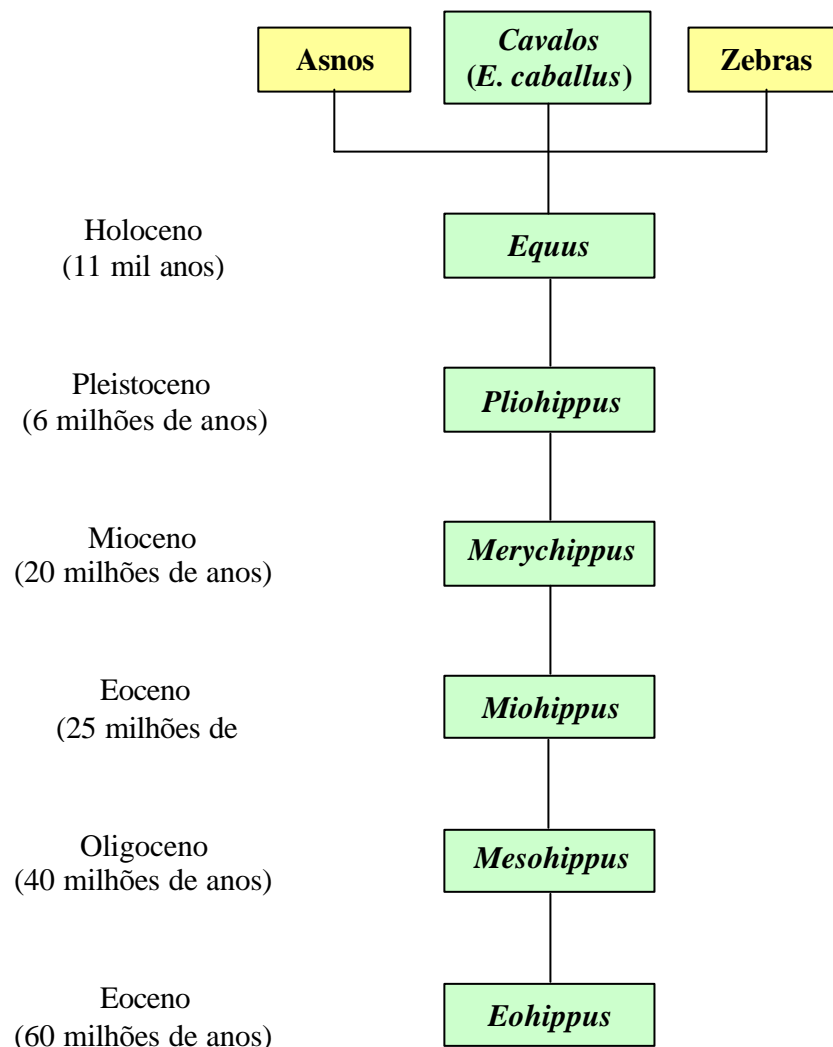


Figura 1 – Evolução do *Eohippus* até o *Equus caballus*.

4. O Conceito de Complexo do Agronegócio

O termo “agribusiness⁴” foi utilizado pela primeira vez em outubro de 1955 por John H. Davis⁵ referindo-se à soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, das operações de produção nas unidades agrícolas e itens produzidos com eles. O termo engloba todas atividades existentes desde a produção e distribuição dos insumos utilizados na atividade produtiva “dentro da porteira”, a própria atividade e até a comercialização (o que inclui armazenamento, processamento e distribuição) dos produtos e subprodutos originários da atividade agropecuária.

O surgimento deste conceito está associado às transformações que ocorreram no setor ao longo do tempo. Antigamente, as atividades de produção vegetal e de criação de animais ocorriam de forma isolada do restante da economia, muitas vezes limitadas à produção para a auto-suficiência de alimentos.

Com a evolução dos sistemas de produção e o surgimento de modernos parques industriais fornecedores de bens e insumos para o campo – as chamadas atividades “antes da porteira” ou à montante da fazenda – e a formação de redes de armazenamento, transporte, processamento, industrialização e distribuição – as chamadas atividades “pós-porteira” ou à jusante da fazenda – as relações entre indústria, serviços e agropecuária se estreitaram.

A tradicional classificação das atividades em setores estanques – primário, secundário e terciário – tornou-se obsoleta. Os estudos das estruturas produtivas passaram a ser feitas tendo por base um sistema interligado de produção, processamento e comercialização dos produtos de origem agropecuária. Passou-se a estudar o **Complexo do Agronegócio**.

No Brasil, o CEPEA (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), em convênio com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil), tem realizado a mensuração do PIB (Produto Interno Bruto) do Agronegócio, inclusive

⁴ Este termo originou a expressão agronegócio em português.

⁵ O termo foi formalizado na obra de Davis em co-autoria com R.A. Goldberg (vide apêndice 1 de Davis & Goldberg, 1957).

dividindo-o em agrícola e pecuária (Tabela 1). Observa-se que a participação do Agronegócio no total da renda gerada no país tem se mantido próximo de 30% (Figura 2).

Tabela 1 – Brasil: Evolução do PIB (Total do País, Total do Agronegócio e da Pecuária), 1994 a 2004, em valor (R\$ milhões de 2004) e participação percentual.

Ano	PIB	Agronegócio Total		Agronegócio Pecuária	
	Valor	Valor	Perc,	Valor	Perc,
1994	1.409,04	429,03	30,45%	119,54	8,48%
1995	1.468,56	441,57	30,07%	126,52	8,62%
1996	1.507,60	434,40	28,81%	122,15	8,10%
1997	1.556,92	430,56	27,65%	117,72	7,56%
1998	1.558,97	433,06	27,78%	122,96	7,89%
1999	1.571,22	441,04	28,07%	130,56	8,31%
2000	1.639,73	441,47	26,92%	137,31	8,37%
2001	1.661,26	449,18	27,04%	139,22	8,38%
2002	1.693,26	488,74	28,86%	145,77	8,61%
2003	1.702,49	520,68	30,58%	151,48	8,90%
2004	1.775,70	533,98	30,07%	154,09	8,68%

Fonte: CNA/CEPEA (2005)

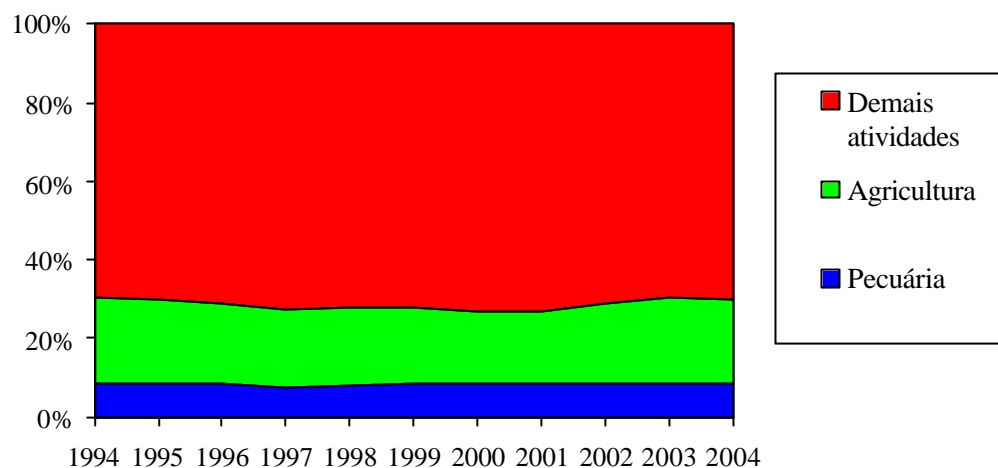


Figura 2 – Brasil: evolução da participação percentual da Agricultura, da Pecuária e das demais atividades no PIB Total, 1994 a 2004.

Fonte: CNA/CEPEA (2005)

O termo agronegócio foi traduzido para o francês como “filière”, que em português significa cadeia, adquirindo uma conotação mais dinâmica, preocupada com a evolução tecnológica e com uma visão sistêmica das relações entre os diversos agentes econômicos.

Assim, o conceito de cadeia produtiva – entendida como o conjunto de etapas consecutivas pelas quais os diversos insumos passam e vão sendo transformados e transferidos, até a chegada do produto final ao consumidor – parte da premissa de que a produção de bens e serviços pode ser representada como um sistema. Neste, os diversos agentes estão interconectados por fluxos de materiais, de capital e de informação, com o objetivo de suprir um mercado consumidor com os produtos do sistema. O funcionamento geral deste sistema deixou de ser interpretado como um simples somatório de suas partes componentes e passa a ser visto como resultado de complexas inter-relações de um conjunto de partes intimamente relacionadas.

A cadeia produtiva pode ser entendida como um recorte dentro do complexo agroindustrial mais amplo. Assim, inserido no agronegócio, tem-se as cadeias da soja, da laranja, do leite e dos diversos produtos agropecuários.

A Figura 3 apresenta um diagrama genérico de uma cadeia agroindustrial. No caso da pecuária de carne, por exemplo, não é difícil identificar os diversos elos da cadeia. No seu início, no item “insumos”, localizam-se os fornecedores de rações, de sementes para pastagem, a indústria de medicamentos veterinários etc. A seguir, tem-se o pecuarista, o criador do gado de corte. Este fornece o boi para o próximo elo, o frigorífico. Antes do produto final chegar ao consumidor (elo final da cadeia), ainda há duas atividades responsáveis pela distribuição final: o atacado e o varejo.

É interessante observar que neste diagrama genérico, o setor agropecuário está inserido entre dois setores industriais concentrados: de um lado, o oligopólio da indústria fornecedora de bens de capital e insumos para agropecuária; e, de outro, o oligopsonio da agroindústria processadora de matéria prima com origem na agropecuária. Neste contexto, a agropecuária perde seu caráter autônomo.

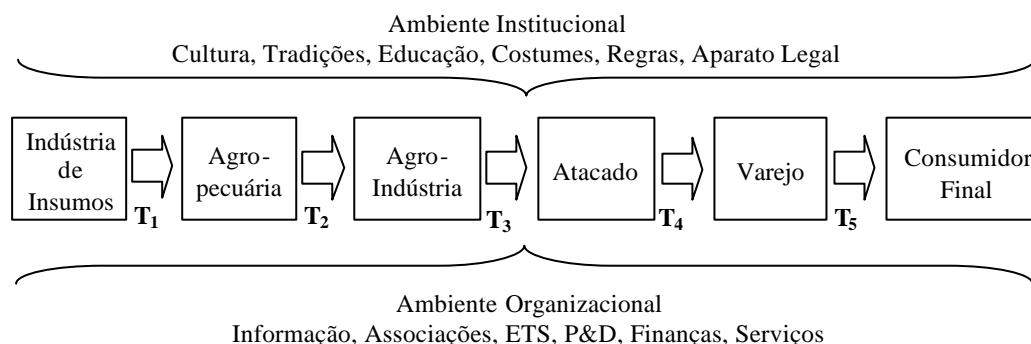


Figura 3 – Diagrama de uma cadeia agroindustrial.

Fonte: Zylbersztajn (1995).

Ao contrário de muitas atividades agropecuárias, o agronegócio do cavalo não se enquadra nesta estrutura padrão, de cadeia produtiva linear, apresentada na Figura 3. Na realidade, existe uma série de cadeias entrelaçadas, formando o que é denominado complexo agropecuário⁶.

⁶ A literatura define um complexo agroindustrial como um conjunto de cadeias produtivas relativamente independente de outros complexos. Deve-se destacar que é necessária a existência de articulações intersetoriais entre a agropecuária e a indústria (antes e após a porteira) para a formação do complexo agroindustrial.

No caso da eqüideocultura, muitas vezes, uma atividade apresenta um papel duplo (Figura 4). Por exemplo, uma escola de equitação pode tanto ser o consumidor final do produto cavalo quanto ser um elo anterior ao frigorífico na cadeia da carne de eqüinos (lembrando que o Brasil é o quinto maior exportador mundial de carne de cavalo). Além disto, ao contrário de muitas cadeias agroindustriais tradicionais, o principal fator dinâmico do setor não está localizado na indústria à montante.

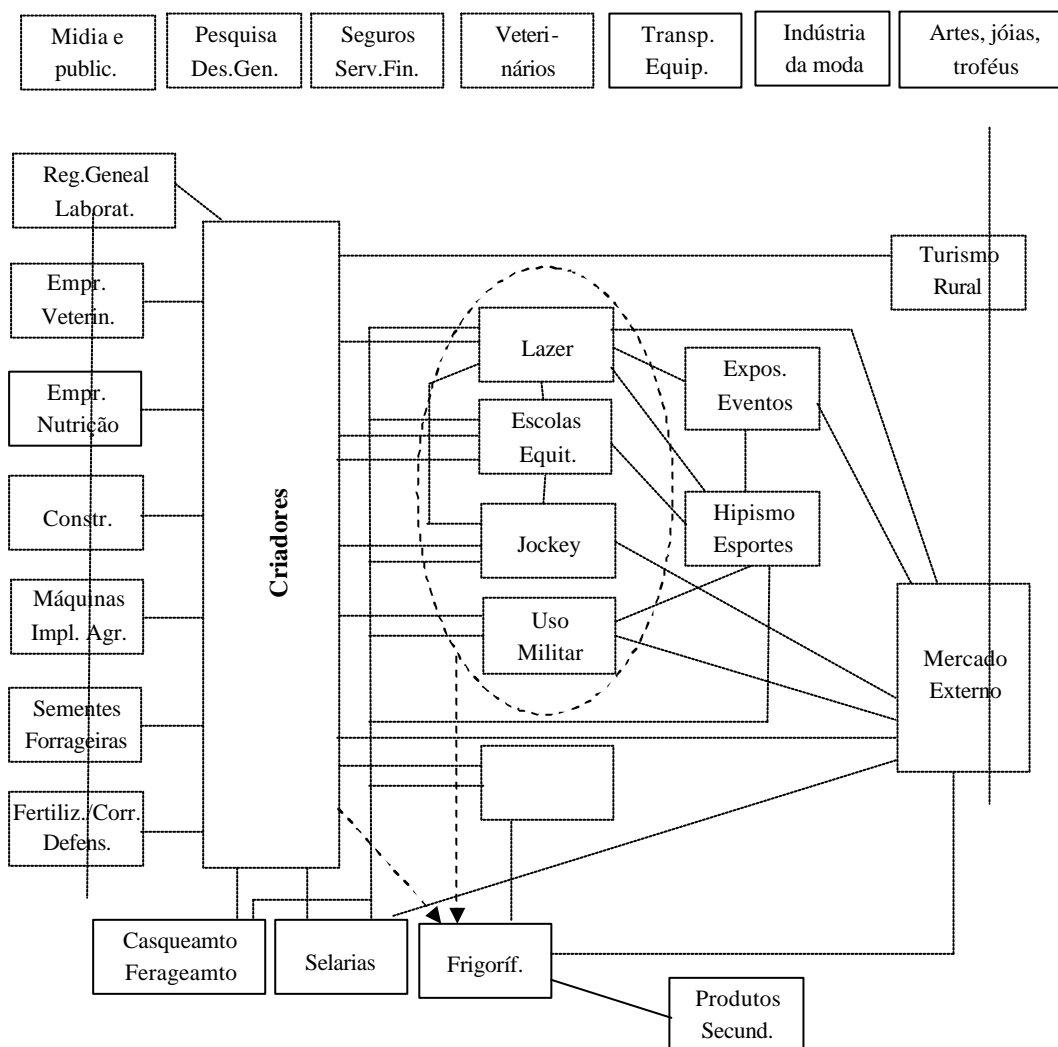


Figura 4 – Diagrama parcial do complexo do agronegócio cavalo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante dessas características específicas do agronegócio cavalo, o presente estudo optou por não configurar o complexo através da tradicional seqüência: indústria à montante; agropecuária; e, indústria à jusante. Ao invés disso, este complexo tem início com a indústria à montante e, a partir daí, as diversas atividades são divididas com base nos aspectos funcionais do cavalo, e não exatamente em atividades pecuárias e industriais (Figura 5).

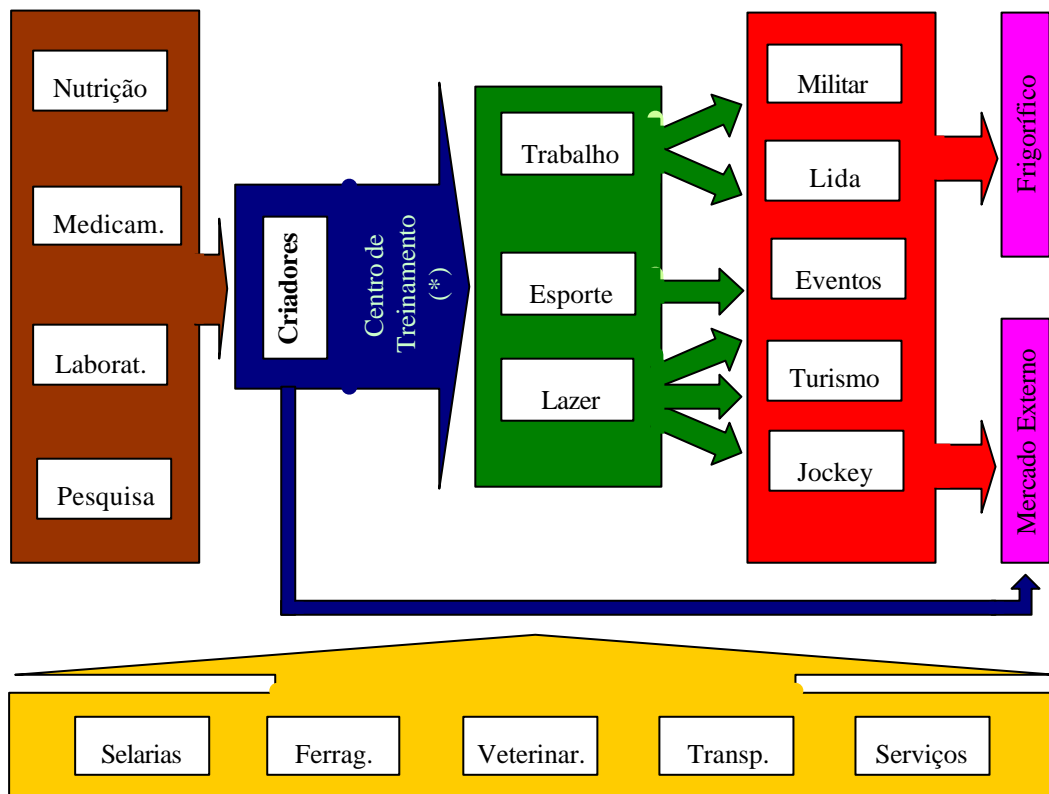


Figura 5 – Configuração do Complexo do Agronegócio Cavalos

* Apenas parte dos criadores utiliza centro de treinamento.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Algumas atividades⁷, potencialmente participantes desta configuração, em especial a indústria da moda, não foram consideradas. Isto decorreu, em grande parte, da inexistência – na realidade brasileira atual – de articulações intersetoriais entre a agropecuária e a indústria. Estes setores, infelizmente, não apresentam coordenação tornando impossível a segregação de eventuais sobreposições de atividades⁸.

Deve-se mencionar, ainda, que a literatura – acadêmica ou não – utiliza as expressões cadeia e complexo agroindustrial com diferentes objetivos. Não há um consenso quanto ao dimensionamento de agronegócio e de agroindústria, o que provoca dificuldades metodológicas em estabelecer o que realmente deve ser englobado nestes conceitos e, principalmente, quanto à forma de mensurá-los. Os critérios de mensuração acabam dependendo do que se quer enfatizar, do nível de análise e da disponibilidade de informações. Em geral – e por razões óbvias – a opção é feita (erroneamente) pelos cálculos que superestimam a importância do setor analisado.

A teoria ensina que o mais correto seria mensurar os setores com metodologia que evitasse a dupla contagem de atividades na avaliação. A comparação entre duas economias hipotéticas ilustra este ponto. Considere dois países em que o agronegócio é composto pelo plantio de milho e criação de animais. O rebanho desses dois países é idêntico, de mesmo valor, mas no país A os próprios criadores plantam o milho que é fornecido aos animais. Já no país B, existem tanto agricultores (plantadores de milho) quanto pecuaristas (que só criam, não plantam milho). Note que a riqueza dos dois países é igual (a produção de milho e os rebanhos são idênticos!), mas ao somar o faturamento de todas as atividades, chega-se a valores totais diferentes: no país A o faturamento é só dos animais enquanto no país B este valor é acrescido do faturamento dos agricultores. Na realidade, no valor dos animais já está incluindo o valor do milho que ele ingeriu. O valor do rebanho do país A mostra o resultado tanto da criação quanto da produção do milho. No país B, ao somar o faturamento

⁷ Ver Figura 4.

⁸ Por exemplo, a moda denominada “country” está baseada no universo rural, em que o cavalo é apenas um componente com importância relativa menor quando comparado aos outros componentes (como o gado bovino). Nas entrevistas realizadas com empresas do setor de moda country - incluindo aquelas que estão sempre presentes em eventos como rodeio e exposições – verificou-se que os empresários não diferenciam o cavalo do restante do universo *country*. Por exemplo, a produção e comercialização de calças jeans são realizadas indiferentemente para pessoas ligadas ao cavalo ou ao boi ou qualquer outro elemento rural.

dos agricultores, foi realizada uma dupla contagem do valor do milho (já contabilizado no valor do rebanho!).

Para evitar esta dupla contagem, a mensuração do PIB só considera o valor adicionado em cada atividade. O valor adicionado representa o pagamento efetuado pelos setores produtivos aos serviços dos fatores de produção, isto é, salários, juros, lucro, renda da propriedade e impostos pagos ao governo. A noção de valor adicionado parte do princípio de que, num determinado período de tempo, uma mercadoria pode participar de vários processos produtivos, até chegar ao consumo final. Este procedimento é fundamental para se evitar a dupla contagem naquela avaliação.

Usualmente, na análise de cadeias e de complexos agroindustriais o dimensionamento econômico não é baseado no valor adicionado, mas pelo valor bruto da produção⁹. Isto prejudica fortemente a comparação direta com outros complexos e não permite verificar a importância do segmento no PIB brasileiro, a exemplo do que ocorreu na comparação do país A e B comentados anteriormente.

Desta forma, as análises e as conclusões apresentadas no presente estudo e suas possíveis comparações com resultados obtidos em estudos de outros complexos ou cadeias devem ser realizadas com a necessária cautela. Neste trabalho, mede-se o produto gerado nas diversas atividades efetivamente relacionadas ao cavalo no Brasil, e não o PIB¹⁰ do Complexo do Agronegócio Cavalos.

⁹ Tal como foi realizada a soma no país B comentada anteriormente.

¹⁰ Infelizmente, mesmo que desejado, o cálculo do PIB da atividade não seria possível em razão da inexistência de dados (do IBGE ou qualquer outra instituição) suficientemente detalhados. As informações existentes são agregadas em grandes grupos de atividades.

5. Importância do cavalo na formação do Brasil

O cavalo exerceu um importante papel na formação econômica, social e política do Brasil. Esta memória, pouco discutida na literatura, permite compreender aspectos fundamentais para a configuração do atual perfil do agronegócio do cavalo. Adicionalmente, esta revisão histórica auxilia a compreensão de tópicos discutidos nos demais capítulos.

No aspecto econômico, desempenhou as funções de sela (para o vaqueiro e o peão, nas lides comuns à pecuária); de carga¹¹ (nos comboios ou comitivas); e, de tração¹² (“motor” de veículos de carga e de moendas). No aspecto social – englobando exibicionismo, vaidade, orgulho e diferenciação social – o cavalo desempenhou seu papel tanto na função de sela quanto de tração dos veículos. A partir da segunda metade do século XIX, destacam-se no aspecto social, as atividades de esportes e lazer, como corrida e salto.

¹¹ A carga possui importância secundária em relação à sela. Adicionalmente, observa-se que na região Norte, a floresta dificultava o transporte terrestre, privilegiando o fluvial. Nas regiões mais acidentadas do interior, houve preferência pelo transporte humano (índio, negro escravo, mameluco assalariado, e, depois, muares). Somente no final do séc. XIX, os muares ganharam importância no NE.

¹² Em muitas regiões, para esta função, houve preferência pelo mular. Na agricultura (arado), a preferência foi pelo boi.

5.1. A Introdução do Cavalo no Brasil

As características do processo de introdução¹³ do cavalo no Brasil diferem daquelas verificadas nos demais países do continente americano. Nos países de colonização espanhola, a principal função do cavalo foi como armas de guerra. Na sua segunda viagem à América, em 1494, Cristóvão Colombo trouxe alguns exemplares para a Ilha de São Domingo. Cortez, em 1519, utilizou cavalos trazidos da Europa nas suas expedições pelo México. Na América do Sul, a introdução do cavalo ocorreu em 1532, quando Pizarro utilizou cavalos na sua incursão no Peru. No mesmo ano, o cavalo foi trazido para Colômbia. Dois anos mais tarde, Pedro de Mendoza introduziu 100 cavalos na Argentina¹⁴. Em 1535, Diogo de Almagro, no Chile e Ojeda, na Venezuela, trouxeram mais cavalos para o continente americano. Cabeça de Vaca (D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca) em 1541 levou uma tropa de cavalos para as colônias espanholas, atravessando o território brasileiro (Paraná e Santa Catarina). Juntamente com os animais trazidos por Mendoza para Argentina, parte desses animais contribuiu para o início da tropa no sul do Brasil.

Ao contrário dos países citados no parágrafo anterior, os índios brasileiros, amistosos e mais atrasados que os habitantes do restante da América, não ofereceram resistência significativa e organizada aos colonizadores.

Provavelmente, os primeiros cavalos voltados para utilização em solo brasileiro, chegaram em 1534, quando D. Ana Pimentel, esposa e procuradora de Martin Afonso de Souza (donatário da Capitânia de São Vicente), trouxe diversos animais domésticos das ilhas da Madeira e das Canárias. No ano seguinte, em 1535, Duarte Coelho (donatário da Capitânia de Pernambuco) iniciou a criação de animais domésticos no nordeste brasileiro incluindo, provavelmente, alguns cavalos.

Oficialmente, a chegada de cavalos no Brasil só foi registrada em 1549. Naquele ano, Tomé de Souza (primeiro governador-geral) mandou vir alguns animais, de Cabo Verde para a Bahia, na caravela Galga. Assim, nos primeiros anos

¹³ O termo introdução refere-se, neste texto, ao cavalo moderno. Embora ancestrais do cavalo tenham habitado o continente americano, na época do descobrimento da América, eles haviam desaparecido (ver Capítulo 3).

¹⁴ Os descendentes destes cavalos ajudaram a compor o rebanho brasileiro (ver texto a seguir).



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



da Colônia, a sua criação (junto com o gado bovino) foi iniciada formalmente e que seria fundamental para a formação do Brasil.

Após o breve ciclo do Pau-brasil, a principal atividade econômica no Brasil colonial foi a indústria açucareira. E, junto com os primeiros engenhos, surge a pecuária nacional. A carne era, então, o único artigo de consumo de importância que podia ser produzido com vantagens no Brasil. Destaca-se que a carne compunha também a dieta dos escravos. Adicionalmente, a pecuária era importante como fonte de energia para os engenhos. Inicialmente, a lenha e a força motriz animal (bovinos e eqüinos) atendiam as necessidades dos engenhos. No entanto, com a expansão da atividade açucareira, a necessidade de animais cresce rapidamente, pois com a devastação das áreas próximas aos engenhos, o suprimento de lenha ficava cada vez mais distante.

Assim, nessa época, a base econômica do Brasil colonial era composta por duas atividades principais: a açucareira e a criatória (ressalta-se que a criação de gado bovino sempre era acompanhada de tropa de cavalos para a lida¹⁵). Mas, com diferenças significativas em suas características, que, como será visto, fizeram da pecuária o principal fator de penetração e ocupação do interior do Brasil.

A pecuária, relativamente mais pobre que a indústria açucareira¹⁶, apresentava características locais, formada por gente livre e com capitais próprios, enquanto a indústria açucareira utilizava-se de capitais da metrópole. Nota-se a primeira diferença importante entre estas atividades: ao contrário dos engenhos, a criação gerava rendimentos que eram incorporados ao Brasil.

Outra importante diferença ocorreu na ocupação territorial. Numa época em que ainda não existia arame, logo surgiram conflitos entre agricultores que viam suas lavouras invadidas (e destruídas) por animais e os criadores. O Governo português regulamentou esta disputa. Uma Carta Régia de 1701 proibiu a criação de animais a menos de 10 léguas da costa (onde se localizavam as lavouras)¹⁷. Desta forma, a criação é forçada para o interior do sertão, em terras mais pobres. Assim, a pecuária torna-se uma atividade itinerante, de acordo com o regime de águas e a distribuição

¹⁵ Segundo Simonsen (1969, p.151), em Pernambuco, “um bom estabelecimento carecia de quarenta negros adultos de ambos os sexos, outros tantos bois e igual número de cavalos”.

¹⁶ A renda total da pecuária, incluindo couro e gado, correspondia a menos de 5% do valor das exportações de açúcar.

¹⁷ El-Rei D. Pedro já havia ordenado, através da Provisão de 30 de janeiro de 1698, a notificação aos criadores de Itapoã ao Rio Vermelho, na Bahia, que levassem seu gado para interior devido aos danos que este causava nas lavouras.

dos mercados. A ocupação da terra é extensiva. A acumulação de capital (gado) ocorria sempre que havia disponibilidade de terra por ocupar, independente da demanda.

Com o início do ciclo da mineração no interior do Brasil, surge também a necessidade de abastecer os núcleos mineradores, reforçando a interiorização do gado. Nesse processo, o cavalo também foi para o interior do Brasil, expandindo a criação nas direções do Centro-Oeste e Norte, a partir de dois centros: Bahia e Pernambuco. Na Bahia, a criação se espalhou para o norte e noroeste em direção ao Rio São Francisco. De Pernambuco, o movimento também seguiu uma direção norte e noroeste, no sentido dos atuais Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. O Maranhão, ao longo do rio Itapicuru, foi um núcleo secundário de criação. A pecuária chegou a esta região após transpor o rio São Francisco no final do século XVII. Nesta época, ocorreu a ocupação do interior do atual Estado do Piauí (as fazendas deste estado acabaram se tornando as mais importantes, abastecendo, apesar da distância, a Bahia). Da Bahia houve, também, uma ocupação no sentido do Ceará, que se misturou com o rebanho vindo de Pernambuco. Assim, ocorreu a ocupação da faixa litorânea do Nordeste.

Adicionalmente, diversos paulistas contribuíram para ampliação da pecuária na Bahia. Isto ocorreu, no final do século XVII, em razão de um levante de índios no sertão baiano que levou o Governo daquele estado a solicitar ajuda dos bandeirantes paulistas, experientes em conflitos. Muitos destes paulistas não retornaram para São Paulo, constituindo diversas fazendas de gado na região.

Enquanto este movimento ocorria no nordeste, em menor escala, no Rio de Janeiro e em São Vicente foram formados núcleos de criação nas regiões de Campos dos Goitacases e ao longo do Rio Paraíba, respectivamente. Com a expansão da mineração¹⁸, esta região – juntamente com o nordeste –, abasteceu o mercado de animais do interior de Minas Gerais e Goiás,. Posteriormente, com o declínio das regiões mineradoras, Minas Gerais tornou-se região produtora de algodão e pecuária, convertendo-se no centro criador de mais alto nível na colônia.

No Sul, a introdução do cavalo ocorreu de forma distinta. Na região dos atuais Estados do Paraná e Santa Catarina misturaram-se os cavalos vindos de São

¹⁸ Segundo Simonsen (1969, p163), “com o surto minerador de fins do século XVII, subiram notadamente os preços dos animais domésticos em São Paulo. Assim, os cavalos e éguas passaram de 3.000 e 1.500 rs. a 10 e 5.000 réis, segundo livros da mordomia do Mosteiro de São Bento, paulistano”.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



Paulo (junto com a criação de gado bovino) com cavalos descendentes de animais extraviados da viagem de Cabeça de Vaca. Ao contrário do Nordeste, Minas Gerais e Goiás, aqui não houve nenhum movimento de interiorização do gado provocado por núcleos de população demandantes de carne ou para proteção da lavoura. Assim, nas palavras de Goulart (1964), nesta região (Paraná e Santa Catarina) o cavalo chegou com o gado (e não mais devido ao gado). Já no extremo-oeste, a expansão do cavalo ocorreu independente da influência do gado bovino¹⁹.

O Rio Grande do Sul é um caso particular e a análise da introdução do cavalo no extremo sul do País foi deixada por último face às suas características ímpares. Fisicamente, o cavalo chegou nesta região ainda no século XVI, originário dos países vizinhos. Mas, aqui, a sua importância econômica só surgiu mais tarde.

Esta região passou a compor a história política e administrativa do Brasil no final do século XVII. Entretanto, economicamente, isso só ocorreu na segunda metade do século XVIII, com a indústria do charque (carne-seca), na região entre o Rio Pelotas e São Gonçalo. Rapidamente, a criação de cavalos no Rio Grande do Sul ganhou importância, transformando-se em fornecedor de equídeos para as demais regiões. Prado Jr (1962) estima que, no início do século XIX, as exportações anuais do Rio Grande do Sul para as demais regiões era de 4 a 5 mil cavalos. Neste ponto, deve-se destacar a importância do comércio de cavalos envolvendo vendedores e compradores das mais diversas regiões em feiras (destacando-se a que ocorria em Sorocaba). Estas feiras desempenharam papel de grande relevância na formação da infra-estrutura unitária do Brasil colonial. A grande extensão territorial do Brasil favorecia a formação de núcleos de povoamento estanques. Foi o comércio de gado (incluindo o de cavalos) que contribuiu para ligar as regiões entre si, mantendo o país num bloco coeso. Nas palavras de Simonsen (1969, p.187):

“Se a indústria mineradora originou o rápido crescimento da população e a construção de cidades no interior do país, foi por intermédio da pecuária e dos laços criados pelo comércio do gado bovino e cavalos, pelos transportes organizados pelas grandes tropas muars, que se estabeleceram elos indestrutíveis na unidade econômica brasileira.

A pecuária goza da faculdade peculiar de ocupar grandes áreas com pequena população; é uma indústria extensiva por excelência. Desaparecido o interesse da caça ao bugre, e extinta praticamente a

¹⁹ Este é o caso, por exemplo, dos índios Guaicurus. Quando os portugueses os viram pela primeira vez (em Mato Grosso), já estavam montados em cavalos, descendentes dos trazidos pelos espanhóis.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



mineração, foi a pecuária que consolidou economicamente a ocupação de vastíssimas regiões do país, as quais, sem ela, teriam sido, talvez, condenados ao abandono. Foi ela igualmente que amparou as populações do Sul entre o fim da mineração e o advento do café.

Alargadas as fronteiras econômicas, ocupadas as vastas regiões dos sertões brasileiros, as economias e os capitais nacionais estavam representados, em fins do período colonial, nos engenhos, na escravaria e na pecuária. Foi a acumulação destes dois elementos, pela mineração, que facilitou a rápida expansão da cultura cafeeira, cultura esta, pela sua natureza especial, exigiria fartos braços e amplos meios de transportes.

Se não houvessem acumulado no centro-sul brasileiro essas massas de gente e de gado e não teríamos os elementos suficientes ao desenvolvimento de outras atividades, à expansão da cultura cafeeira e ao reerguimento econômico do país...”

A criação de cavalos no Brasil colonial teve também importância estratégica. Durante o século XVII e parte do século XVIII o Brasil foi o grande fornecedor de cavalos para as tropas portuguesas na África²⁰.

Portugal tinha grande necessidade de cavalos para suas tropas, tanto para utilizar como armas de guerra quanto para intimidar os africanos (que demonstravam pavor ao cavalo). Diversas cartas do Rei de Portugal, desde 1648, ordenavam o envio de cavalos para Angola, chegando a tornar obrigatório o seu envio para África. A Carta Régia de 16 de setembro de 1688 ordenou que os navios que saíssem do Brasil para o Reino de Angola deveriam levar dois cavalos para o serviço das tropas para cada 100 toneladas de arqueação. Cartas Régias e Provisões de 1706, 1707, 1712, 1715, 1719, 1720, 1721, 1722, 1726, 1753, 1754, repetem a ordem para que as embarcações não partissem para Angola sem conduzirem cavalos²¹.

²⁰ Na realidade, as exportações de cavalos para África iniciaram-se ainda no século XVI. Em carta de 9 de maio de 1583, Padre Fernão Cardim, referindo-se a Pernambuco, diz: “Nesta província se dá bem a criação de cavalos e há já muita abundância deles, e formosos ginetes de grande preço que valem duzentos e trezentos cruzados e mais, e já há correr de fatos, de argolinhas, canas e outros torneios, e escaramuças, e daqui começam a prover Angola de cavalos que lá tem” (Goulart, 1964, p.50).

²¹ Reforçando esta ordem, em 1726 foi determinado que quando algum navio, pelo seu porte, não pudesse transportar os cavalos, o senhor responsável pelo embarque deveria, por sua conta, enviar os cavalos que não couberam em outra embarcação.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



O fato do Brasil exportar cavalos nunca inibiu a sua importação. E, cavalos de melhor qualidade começaram a ser importados com a chegada da família real. Em 1808, na sua fuga para o Brasil, D. João VI trouxe os cavalos da coudelaria do Alter Real para o Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1819, determinou a criação do “Estabelecimento de Manadas Reais”, em Minas Gerais, com a importação de cavalos. Outras importações de destaque ocorreram também em 1821 (de cavalos da Áustria, pela Imperatriz D. Leopoldina) e 1825 (de cavalos ingleses, para a coudelaria de Cachoeira dos Campos).

5.2. A Contribuição Militar

A utilização militar do cavalo explica, em grande parte, a evolução dos povos, a começar pelas tribos nômades da Ásia Central, passando pelas Invasões Bárbaras e a Conquista do Novo Mundo. Mesmo na era moderna, o cavalo tem tido papel de destaque nas campanhas militares. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) havia um equino para cada quatro soldados. Muitos cavalos foram enviados para a frente de batalha: França e Inglaterra utilizaram 2.770.000 cavalos, os Estados Unidos enviaram 923.580 equinos para Europa, enquanto a Alemanha contou com 1.236.000 animais. Mesmo na Segunda Guerra Mundial (1939-1940) a utilização do cavalo militar foi intensa. A Alemanha possuía 40% de sua tropa motorizada atrelada a cavalos e, ainda como exemplo, a Itália utilizou 60.000 cavalos ao invadir a Etiópia. Acrescente que em muitos momentos o cavalo é insubstituível: fez a diferença na campanha Russa durante a Segunda Guerra (o motorizado exército alemão ficava retido por falta de combustível e atolado na neve) e, ainda nos dias atuais, na guerra travada pelos Estados Unidos nas montanhas do Afeganistão.

O Brasil, com sua ampla dimensão geográfica, diversidade de relevo e precária malha rodovias e ferroviária, teve e tem no cavalo grande utilidade. No capítulo "Importância do cavalo na formação do Brasil" já foi discutido o papel do cavalo na formação da infra-estrutura unitária do Brasil colonial, que manteve o país num bloco coeso.

O surgimento da Cavalaria no Brasil está relacionado ao término da guerra contra os holandeses em Pernambuco. Naquela época, foi organizado o Regimento de Dragões²² Auxiliares. Posteriormente, já no governo do Marquês de Pombal, foi criado o Regimento de Dragões, no Rio de Janeiro, para garantir a lei e a ordem. Na Região Sul, devido a lutas em torno da Colônia do Sacramento, foi organizado o Regimento de Dragões do Rio Grande, preocupado com a segurança na fronteira brasileira.

²² O termo "dragão" origina-se dos dragoniários romanos.

Em 1765, foi criado o Regimento de Cavalaria Ligeira com duas Companhias²³, com objetivo de fazer a guarda particular dos Vices-Reis. No ano de 1808, pouco antes da chegada da família real portuguesa no Brasil, D. João VI criou o 1º Regimento de Cavalaria de Guardas. Posteriormente, em 1946, este Regimento, a mais tradicional unidade de cavalaria do Exército brasileiro, teve sua denominação alterada para Primeiro Regimento de Cavalaria de Guardas, os Dragões da Independência²⁴ (Figura 6).



<http://novaescola.abril.com.br>

Figura 6 – Dragões da Independência.

O cavalo tem sua importância também em outra Arma, a Artilharia, destacando-se o 32º Grupo de Artilharia de Campanha, conhecido como Bateria Caiena (Figura 7). A origem de seu nome deve-se à tropa que levava seu armamento tracionado por cavalos e que 1809 conquistaram a ilha de Caiena, na Guiana Francesa²⁵.

²³ Na realidade, apenas uma Companhia foi implementada na época (a segunda foi formada muitos anos após).

²⁴ A atual missão dos Dragões é manter o Brasil independente e livre de forças estrangeiras. Assim, eles não lutam em guerras civis, que são batalhas de brasileiros contra brasileiros (e não contra estrangeiros)

²⁵ Em resposta às lutas que ocorriam na Europa, D. João V ordenou que tropas portuguesas conquistassem e ocupassem a ilha de Caiena.



<http://www.exercito.gov.br>

Figura 7 – Bateria Caiena.

No século XIX tiveram início os esforços do exército na formação de reserva de eqüinos para fins de segurança nacional, com a abertura da primeira Coudelaria Nacional de Saican, no Estado do Rio Grande do Sul. Lamentavelmente, a busca de resultados imediatos e a falta de planejamento prejudicaram os resultados da Saican. No entanto, ao longo do século XX foram abertas outras coudelarias. No final o século XX, o Exército optou por fechar as diversas coudelarias no país, centralizando as atividades numa única coudelaria (Rincão), no Rio Grande do Sul²⁶.

No entanto, o papel do cavalo militar vai além dos aspectos de segurança, tendo sido relevante no desenvolvimento de outras áreas, como a educação e o esporte.

Na educação, um bom exemplo é a contribuição do Tenente-Coronel Moniz de Aragão, patrono da Veterinária do Exército. Nos primeiros anos do século passado, ele foi o idealizador e primeiro diretor da Escola de Veterinária, pioneiro no Brasil.

Moniz de Aragão participou ativamente do processo de implantação do Serviço de Veterinária do Exército, em 1908. Um importante resultado deste

²⁶ Maiores detalhes da Coudelaria de Rincão são apresentados adiante neste mesmo capítulo.



processo²⁷ foi a criação da Escola de Veterinária, em 1914. A sua primeira turma de veterinários formou-se em dezembro de 1917.

Nos esportes equestres, o Exército realizou também contribuições de grande importância. Por exemplo, o seu Patrono, Duque de Caxias, foi o primeiro presidente do "Clube de Corridas" do Rio de Janeiro, em 1847. A partir de 1922, o Exército estabeleceu-se como centro de referência na área equestre, destacando a Missão Militar Francesa²⁸. Neste mesmo ano, foi criada a Escola de Equitação do Exército.

Em razão do fracasso da Equipe Brasileira no Concurso Hípico Internacional Centenário da Independência, foi criado – em 1923 – o Núcleo de Adestramento de Equitação nas dependências da Escola de Estado-Maior do Exército (Rio de Janeiro).

Passando por várias designações, historicamente, a equitação sempre fez parte do treinamento militar. Mas, com a proximidade da Segunda Guerra Mundial, o funcionamento do Curso Especial de Equitação foi suspenso.

Após o término da Guerra, em 1946, foi criado o Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo. Entre outros, ressurgiu o Curso Especial de Equitação, nas dependências do Departamento de Equitação e de Educação Física da Escola Militar do Realengo, onde se manteve até dezembro de 1995.

Em 1950, o curso passou a ter autonomia administrativa e, em 1954, passou a funcionar com a denominação atual de Escola de Equitação do Exército²⁹. Atualmente, a Escola de Equitação localiza-se na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo aquartelamento do Regimento Escola de Cavalaria, e tem capacidade para alojar um plantel de 100 cavalos.

²⁷ Outros fatos, ao longo da história do Brasil, também colaboraram para o surgimento da Escola de Veterinária. Trata-se um processo iniciado ainda no século XIX, com a criação do cargo de veterinário no 1º Regimento de Cavalaria do Exército. Outros momentos importantes foram a implantação da Alveitaria por D.João VI em 1818, a visita do Imperador D.Pedro II a École Veterinaire D'Alfort em 1875 e a inauguração do Laboratório Militar de Bacteriologia em 1896.

²⁸ A Primeira Guerra Mundial apresentou importantes mudanças na arte militar. Buscando modernizar-se, foi contratada uma Missão Militar Francesa – os franceses foram os grandes vitoriosos da Guerra – composta de oficiais, subalternos e civis assemelhados. Esta Missão chegou ao Brasil em 1920 e contribuiu para que ocorressem expressivas mudanças no Exército Brasileiro. Para maiores detalhes, ver Bastos Filho (1994).

²⁹ Mais informações sobre a Escola de Equitação do Exército podem ser obtidas em <http://www.eseqex.ensino.eb.br/>.



Atualmente³⁰, no Exército, os equinos são utilizadas para diversas finalidades, tais como:

- a) ações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), nos Regimentos de Cavalaria (1º, 3º e REsC);
- b) participação em cerimonial militar (desfiles, guarda de honra e escoltas de autoridades);
- c) patrulhamento em Organizações Militares e nos Campos de Instrução;
- d) instrução militar nas escolas de formações de oficiais e praças (AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras; EsSA – Escola de Sargentos das Armas; e, EsEqEx – Escola de Equitação do Exército);
- e) produção de imunobiológicos (soro antiofídico) em convênio do Ministério da Saúde com o IBEx – Instituto de Biologia do Exército;
- f) prática desportiva, integrando comissões de desportos nacionais;
- g) atividades de equoterapia; e,
- h) programas de estudos e melhoramentos da equídeocultura nacional, na Coudelaria de Rincão.

³⁰ Os dados e informações atuais estão, em grande parte, baseados em palestra realizada pelo Cap. Braga, da Diretoria de Suprimentos (Remonta e Veterinária) do Exército Brasileiro, a quem agradecemos a colaboração.

5.3. Tração

Uma das questões ainda não respondidas pela ciência é se o início da utilização do cavalo pelo homem teria ocorrido com a montaria ou com o seu uso para tração (ou tiro³¹). Uma possível resposta para esta questão estaria na dependência do tipo de terreno em que a domesticação do cavalo ocorreu. Nas planícies da Síria e do Egito e nos vales do Iraque provavelmente o cavalo era utilizado atrelado a carros. Rodas fabricadas em 3500 a.C. foram encontradas no vale entre os rios Tigre e Eufrates. Nas montanhas asiáticas, a montaria era mais eficiente que o eventual uso de carros. Nessas regiões teria ocorrido o desenvolvimento da montaria.

Independentemente da origem de sua domesticação, durante longo período da evolução do homem, o cavalo desempenhou importante papel como fonte de potência. De um lado, ao longo de milhares de anos, o seu uso militar determinou o resultado de inúmeras batalhas importantes e o destino de muitas civilizações³².

Por outro lado, o uso da tração animal na agricultura permitiu verdadeira revolução na atividade de produção de comida. Embora fundamental, a sua importância não se limitou ao aumento da força de tração, muito maior do que a humana.

Por exemplo, uso da força animal permitiu o acesso a solos inapropriados para o cultivo manual. Em situações de limitada oferta de mão-de-obra, a tração animal permitiu o cultivo de extensas áreas de terra. Da mesma forma, a atividade agrícola depende da realização de determinadas operações em períodos específicos – e curto – de tempo (em razão de sua dependência do clima). O auxílio da força animal permite rapidez muito maior do que a força humana. Finalmente, o aumento do rebanho de animais voltados para o uso agrícola gerou benefícios adicionais na forma de fertilizantes animais (esterços) que permitiu o aumento – ou manutenção –

³¹ Tiro é o mesmo que tração. A primeira entrada do verbete “titar”, segundo o dicionário Michaelis (2000, p.2070) é “exercer tração, puxar”.

³² Os animais, grandes ou pequenos, ofereciam muitas vantagens nos campos de batalha. Desde os pequenos e ágeis pôneis mongóis, passando pelos rápidos cavalos árabes até os grandes cavalos europeus montados por cavaleiros protegidos por armaduras (Landers, 2003).

da produtividade da terra cultivada continuamente e da intensificação de seu uso (Landers, 2003).

A utilização dos animais como fonte de potência pelo homem ocorre – basicamente – de duas formas: para desenvolver esforço de tração e para transporte de cargas no dorso. Por outro lado, a adaptação de animais para o fornecimento de potência para fins estacionários não é boa.

Uma utilização comum de animais de tiro é para tração de máquinas e implementos agrícolas. Para esta função, os bovinos desenvolvem maior força a velocidades baixas (Quadro 1), mas os eqüinos desenvolvem maiores velocidades.

Quadro 1 – Estimativas da capacidade de tiro de várias espécies em velocidades baixa e média.

Animal	Peso Adulto (kg)	Velocidade Baixa		Velocidade Média	
		Velocidade (km/h)	Esforço de tração (kgf)	Velocidade (km/h)	Esforço de tração (kgf)
Cavalo	385	2,5	48	4,0	39
	500	2,5	63	4,0	50
	850	2,5	106	4,0	85
Mula	200	2,5	32	4,0	20
	600	2,5	96	4,0	60
Asno	120	2,5	19	4,0	14
	200	2,5	32	4,0	24
	300	2,5	48	4,0	36
Boi	210	2,5	30	4,0	21
	450	2,5	64	4,0	45
	900	2,5	129	4,0	90
Búfalo	400	2,5	56	3,2	40
	650	2,5	91	3,2	65
	900	2,5	126	3,2	90

Fonte: Goe (1983)

Outra importante utilização dos eqüinos é para o transporte de carga no dorso. A Tabela 2 apresenta a capacidade de transporte no dorso de três espécies de



eqüídeos, ressalvado que para distâncias curtas a capacidade de carga pode ser bem superior aos valores médios apresentados.

Tabela 2 – Capacidade de transporte no dorso (% do peso vivo) de eqüídeo, por espécie, de acordo com a distância percorrida (em km/dia).

Espécie	Capacidade de carga (% do peso vivo)	Distância percorrida (km/dia)
Eqüinos	45 – 50	25 – 30
Muares	55 – 60	30 – 35
Asininos	60 – 65	35 – 40

Fonte: Mialhe (1980)

Historicamente, até o século XIX, a utilização do cavalo como fonte de potência foi crescente. A partir do início do século XX passou a ocorrer a substituição dos animais, entre eles o cavalo, por máquinas. No Brasil, este movimento de substituição também ocorreu. Segundo Kageyama et al. (1990):

“A mecanização da agricultura brasileira teve início em meados da década de 20. Anteriormente, a tração mecânica restringia-se à lavoura canavieira, com algumas centenas de tratores importados movidos a vapor e equipados com rodas de ferro – os locomóveis – aos quais eram acoplados arados pesados, tipo charrua, de uma só aiveca. Tratores a combustão que consumiam querosene foram introduzidos ainda no início dos anos 20. A potência média destes tratores era de 22 a 37 CV.”

No entanto, a substituição não foi completa. Ainda hoje, o cavalo é utilizado como fonte de potência e como meio de transporte. Em pequenas, médias e grandes propriedades rurais, muitas vezes é mais econômico empregar o cavalo do que um equipamento mecanizado. Terrenos acidentados, alagados, com vegetação etc.,



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



podem dificultar o uso de equipamentos e meios de transporte mecanizados, favorecendo a utilização de animais.



6. Caracterização do Perfil Atual do Agronegócio Cavalos

Esta parte do trabalho apresenta a distribuição geográfica da tropa no Brasil e caracteriza as propriedades em que os cavalos estão presentes. As variáveis analisadas abrangem tanto os seus aspectos físicos (tamanho, número de animais, etc.) quanto os aspectos sócio-econômicos e demográficos.

6.1. Distribuição Geográfica da Tropa

O presente estudo, pelo pioneirismo, enfrenta diversos desafios. O primeiro refere-se à qualidade das informações disponíveis sobre a dimensão da tropa nacional. Uma das principais fontes de dados para esta pesquisa é a Pesquisa Pecuária Municipal (PPM), elaborada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esta publicação contém inúmeros dados com abrangência nacional, desagregados por município e atualizados até o ano de 2004. Esta base de informação alimenta, também, os bancos de dados de importantes instituições, como as estatísticas publicadas pela FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). Embora a PPM não tenha o rigor dos levantamentos do Censo Agropecuário, ela tem a grande vantagem de apresentar dados mais recentes³³.

Os levantamentos de campo do presente estudo incluíram uma pergunta sobre a percepção dos agentes – que atuam em nível nacional no complexo – a respeito dos números da PPM. Os resultados indicam que existe um consenso quanto à confiança nos números do IBGE. Para reforçar essa confiança, os resultados preliminares do levantamento que está sendo realizado pelo Instituto Mineiro de Agropecuário (IMA) em cada uma das propriedades rurais do Estado de Minas Gerais têm apontado números bastante próximos aos do IBGE. Deve-se destacar que, após o último Censo Agropecuário, houve um forte ajuste nas suas estimativas (Figura 8).

De acordo com esses dados, em 2004, a tropa brasileira era constituída por 5.787.250 eqüinos. No período analisado, verifica-se uma clara tendência de diminuição do número de eqüinos no País. Esse mesmo comportamento é observado nos principais estados criadores³⁴ (Figura 9).

³³ Somente para efeito de comparação, o dado mais recente do Censo Agropecuário refere-se ao ano de 1995.

³⁴ Criadores, nesta parte do texto, é empregado em seu sentido mais amplo, não distinguindo entre animais de raça, forma de utilização ou cuidados recebidos.

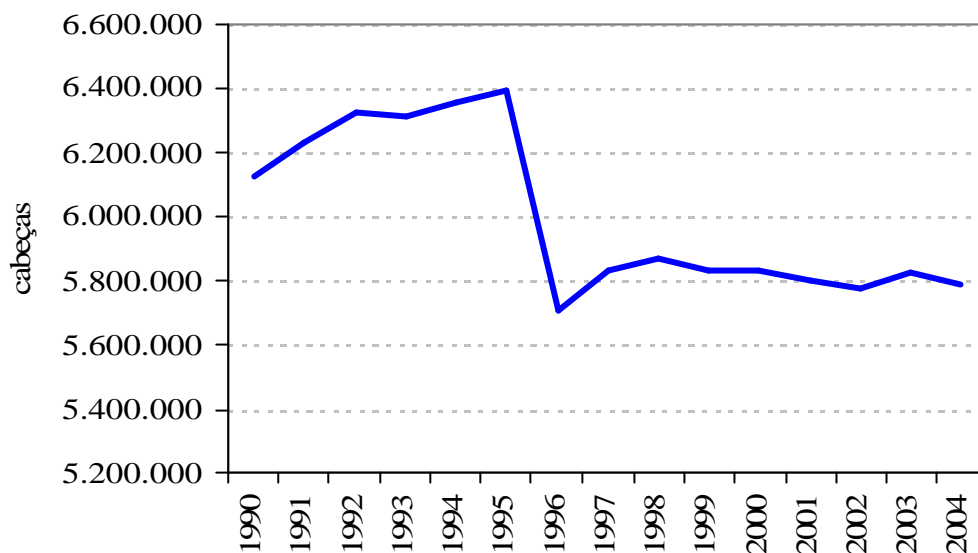


Figura 8 – Brasil: evolução da tropa no período de 1990 a 2004.

Fonte: IBGE (2006)

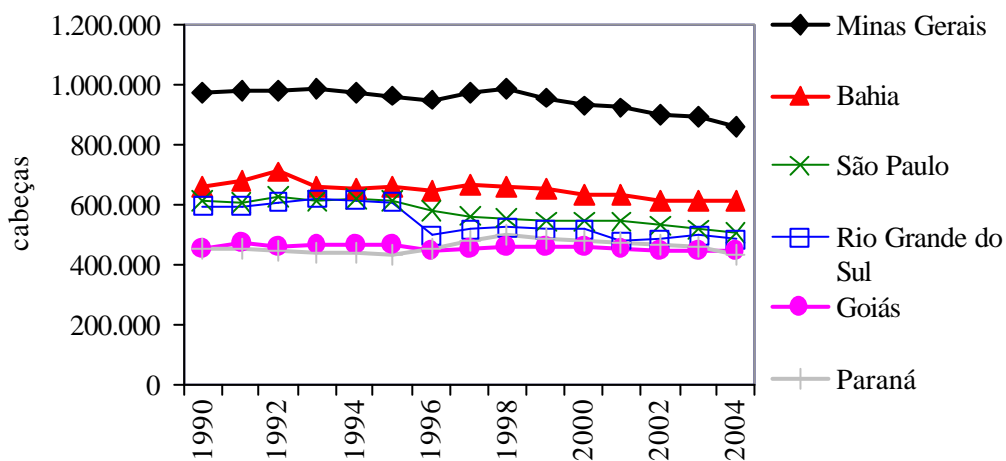


Figura 9 – Brasil: evolução da tropa nos principais Estados criadores no período de 1990 a 2004.

Fonte: IBGE (2006)

Além disso, entre 1990 e 2003, percebe-se que a tropa deslocou em direção às regiões Centro-Oeste e Norte, com destaque para o Estado de Rondônia (Figura 10).

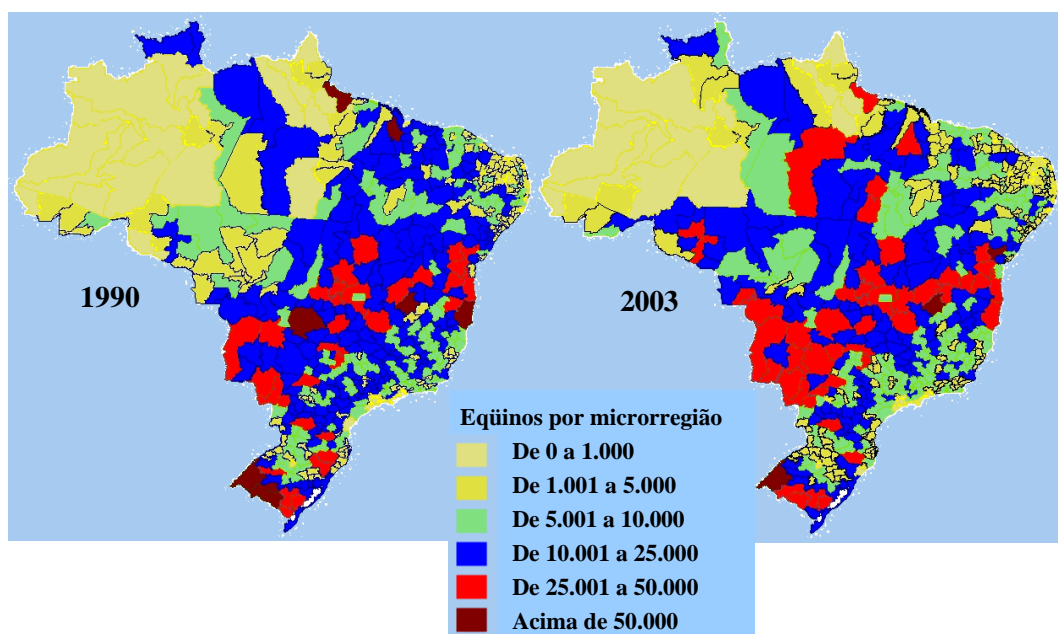


Figura 10 – Brasil: distribuição geográfica da tropa (número total de animais) por microrregião, em 1990 e 2003.

Fonte: IBGE (2005)

Esta movimentação fica mais clara quando se observa a variação da lotação animal, expressa em número de cabeças por hectares. De acordo com esse indicador, a tropa nacional está passando por um processo de desconcentração (Figura 11). A análise de alguns indicadores estatísticos, apresentados a seguir, confirma esta evolução.

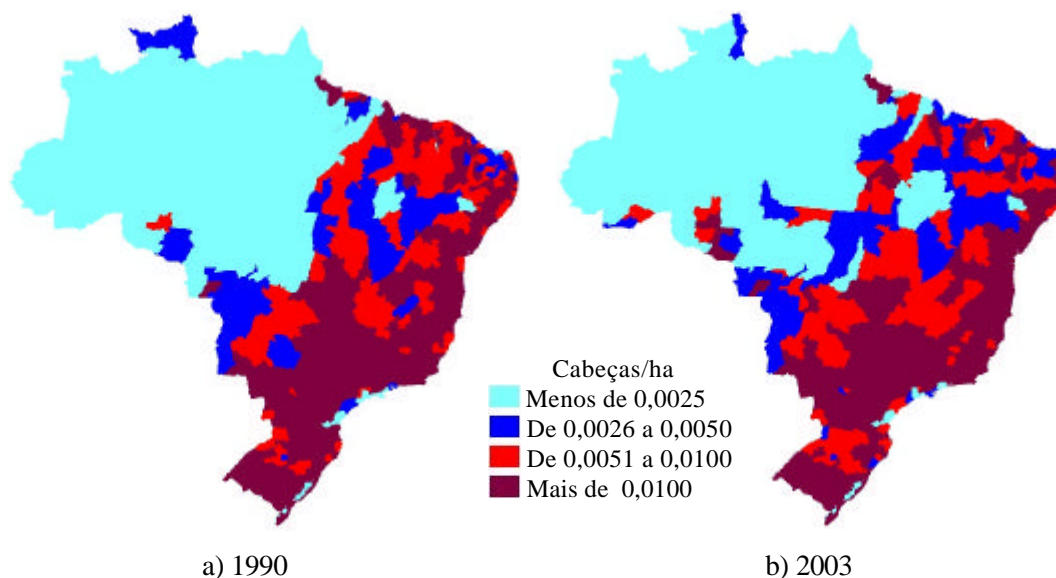


Figura 11 – Brasil: distribuição da lotação, em cabeças por hectare, da tropa por microrregião, 1990 e 2003.

Fonte: IBGE (2005)

Por exemplo, a aplicação do índice “L” de Theil nos dados de distribuição da tropa brasileira confirma esta tendência. Este índice – que varia entre 0 e 1 – é uma medida de desigualdade que permite a análise, tanto da concentração total do País, quanto da concentração entre os Estados e dentro de cada Estado. Quanto mais elevado for este indicador, maior é a concentração. Caso a tropa estivesse distribuída com equidade (o mesmo número de cabeça em todas as áreas analisadas), o resultado deste índice seria 0 (zero). Conforme apresentado na Figura 12, o valor do L de Theil tem decrescido ano a ano, indicando a desconcentração da tropa no território brasileiro. Nota-se que esta desconcentração ocorre tanto em relação à distribuição entre os Estados (L_e) quanto dentro dos Estados (Intragrupos).

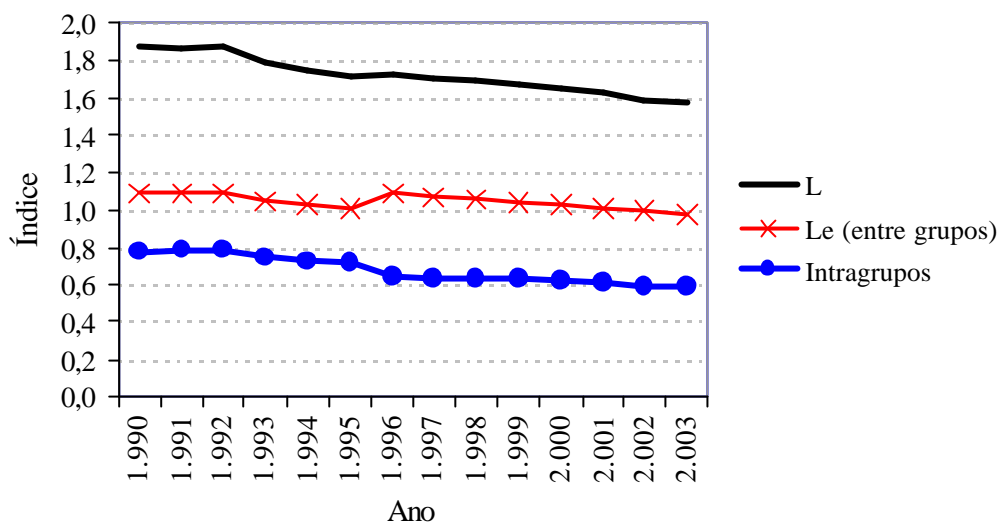


Figura 12 – Brasil: evolução anual da concentração da tropa de cavalos, medida pelo índice ‘L’ de Theil (concentração total do País), desagregado nos seu componentes concentração ‘entre os Estados’ (Le) e ‘dentro dos Estados’ (Intragrupos), 1990 a 2003.

Fonte: IBGE (2005)

A exemplo do que tem ocorrido desde a introdução do cavalo no Brasil³⁵, esta redistribuição ocorre, ainda hoje, pela forte associação que existe entre o rebanho de cavalo com a pecuária bovina. Isto é confirmado pela alta correlação entre a tropa (eqüinos) e o rebanho bovino (Tabela 3). Essa correlação entre quantidade de bovinos e de eqüinos indica que as distribuições territoriais dos rebanhos são muito próximas.

³⁵ Vide capítulo “Importância do cavalo na formação do Brasil” neste relatório.

Tabela 3 – Brasil: correlação entre as quantidades de diversos rebanho de animais presentes nos 5.558 municípios, em 2004.

	Bovino	Suíno	Eqüino	Asinino	Muar	Bubalino	Ovino	Caprino
Bovino	1,000							
Suíno	0,097	1,000						
Eqüino	0,744	0,147	1,000					
Asinino	-0,049	0,088	0,139	1,000				
Muar	0,428	0,043	0,452	0,339	1,000			
Bubalino	0,010	0,051	0,096	0,010	-0,015	1,000		
Ovino	0,207	0,042	0,416	0,388	0,092	0,027	1,000	
Caprino	-0,023	0,055	0,066	0,514	0,111	0,053	0,471	1,000

Fonte: IBGE (2006)

Nas últimas décadas a pecuária bovina de corte tem atravessado um período de grandes mudanças estruturais. Entre outros fatores, os ganhos de produtividade no setor têm permitido conquistas de novos mercados internacionais e a expansão da atividade, inclusive com a redistribuição geográfica do rebanho no território nacional. Os principais promotores dessa migração são a disponibilidade de grandes áreas para expansão da fronteira, o baixo preço das terras nessas regiões e condições edafo-climáticas favoráveis.

Assim, o crescimento do rebanho bovino tem ocorrido na direção da Amazônia (Figura 13), especialmente em Rondônia. Esse processo já havia sido anteriormente constatado no caso da tropa (Figura 11). A similaridade nas taxas de crescimento dos dois rebanhos nas unidades da federação, confirma essa associação (Tabela 4 e Figura 14). O índice de correlação entre as taxas anuais de crescimento é de 0,867.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

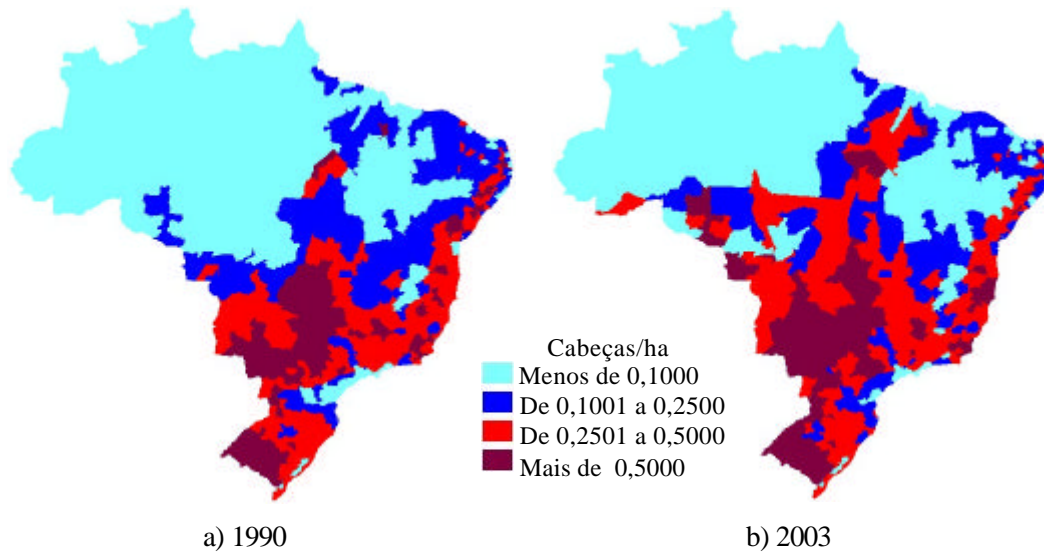


Figura 13 – Brasil: distribuição da lotação, cabeças por hectare, do rebanho bovino por microrregião, 1990 e 2003.

Fonte: IBGE (2005)

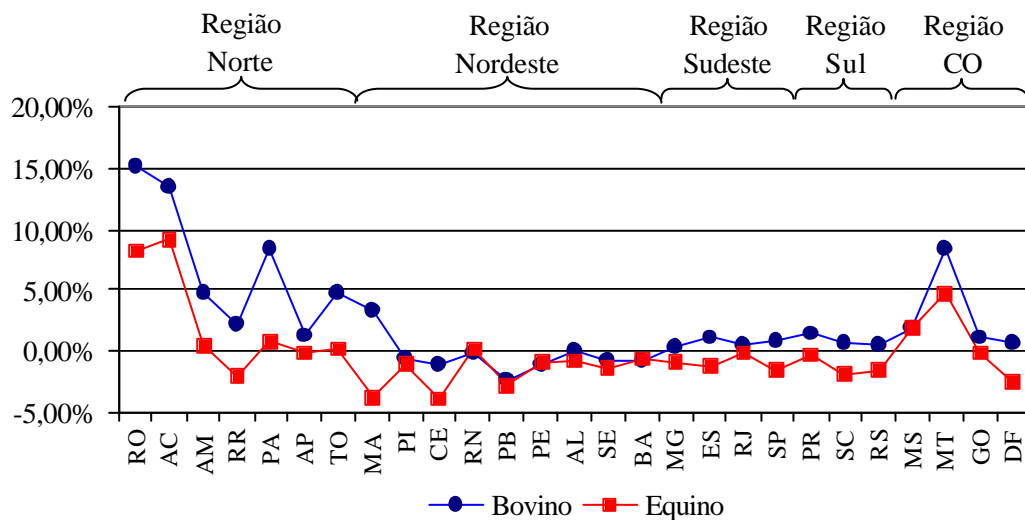


Figura 14 – Brasil: evolução do rebanho bovino e da tropa (em% a.a.) no total do País e por Unidade da Federação, entre 1990 e 2004.

Fonte: IBGE (2006)

Tabela 4 – Brasil: evolução do rebanho bovino e da tropa (em % a.a.) no total do País e por Unidade da Federação, entre 1990 e 2004.

Unidade da Federação	Efetivo em 1990		Efetivo em 2004		Taxa anual de crescimento	
	Bovino	Eqüino	Bovino	Eqüino	Bovino	Eqüino
RO	1.718.697	52.263	10.671.440	146.683	15,08%	8,26%
AC	400.085	10.518	2.062.690	32.752	13,45%	9,13%
AM	637.299	11.199	1.156.723	11.907	4,69%	0,47%
RR	345.650	36.316	459.000	27.800	2,21%	-2,03%
PA	6.182.090	252.220	17.430.496	282.835	8,30%	0,89%
AP	69.619	3.757	82.243	3.706	1,29%	-0,11%
TO	4.309.160	152.430	7.924.546	156.150	4,80%	0,19%
MA	3.900.158	286.923	5.928.131	175.027	3,27%	-3,73%
PI	1.974.099	171.920	1.830.613	150.866	-0,58%	-1,00%
CE	2.621.144	231.894	2.269.567	139.102	-1,10%	-3,86%
RN	956.459	39.103	942.670	40.338	-0,11%	0,24%
PB	1.345.361	74.911	1.000.199	52.020	-2,25%	-2,77%
PE	1.966.191	135.332	1.705.401	119.680	-1,09%	-0,94%
AL	890.998	58.408	893.922	52.686	0,03%	-0,79%
SE	1.030.453	82.646	929.794	68.640	-0,79%	-1,42%
BA	11.505.420	659.330	10.466.163	614.073	-0,73%	-0,55%
MG	20.471.639	971.952	21.622.779	859.974	0,42%	-0,94%
ES	1.664.773	84.823	1.925.596	72.956	1,13%	-1,15%
RJ	1.923.847	107.300	2.064.763	105.827	0,55%	-0,11%
SP	12.262.909	611.563	13.765.873	500.177	0,89%	-1,53%
PR	8.616.783	448.567	10.278.148	434.381	1,37%	-0,25%
SC	2.994.111	164.418	3.263.414	128.343	0,66%	-1,89%
RS	13.715.085	593.555	14.669.713	484.512	0,52%	-1,55%
MS	19.163.736	286.181	24.715.372	366.399	1,98%	1,92%
MT	9.041.258	169.622	25.918.998	311.598	8,44%	4,79%
GO	17.635.390	452.330	20.419.803	442.818	1,13%	-0,16%
DF	105.550	8.350	114.680	6.000	0,64%	-2,51%
Brasil	147.447.964	6.157.831	204.512.737	5.787.250	2,55%	-0,48%

Fonte: IBGE (2006)

Este fenômeno permite analisar as perspectivas de evolução do rebanho eqüino com base na tendência do gado bovino no Brasil. Por exemplo, dentre outros fatores de preocupação na bovinocultura, destaca-se o aspecto sanitário. A

ocorrência da doença da vaca louca (encefalopatia bovina espongiforme) no Brasil poderia ter significativos impactos neste setor, com potenciais efeitos sobre a criação de equínos utilizados na lida. Para ilustrar os possíveis efeitos econômicos de uma ocorrência dessas, basta verificar o que ocorreu com as exportações dos 15 países da União Européia (a partir da década de 90) e dos EUA (no início deste século) após as constatações desta doença (Figura 15). Além do impacto sobre as exportações, é plausível que em um cenário semelhante (ocorrência da vaca louca no Brasil), haveria, também, uma significativa redução da demanda interna. Isto poderia provocar a diminuição do rebanho nacional, tanto bovino quanto equino. A preocupação, neste sentido, é agravada com o anunciado corte no orçamento da União referente às atividades sanitárias na pecuária nacional.

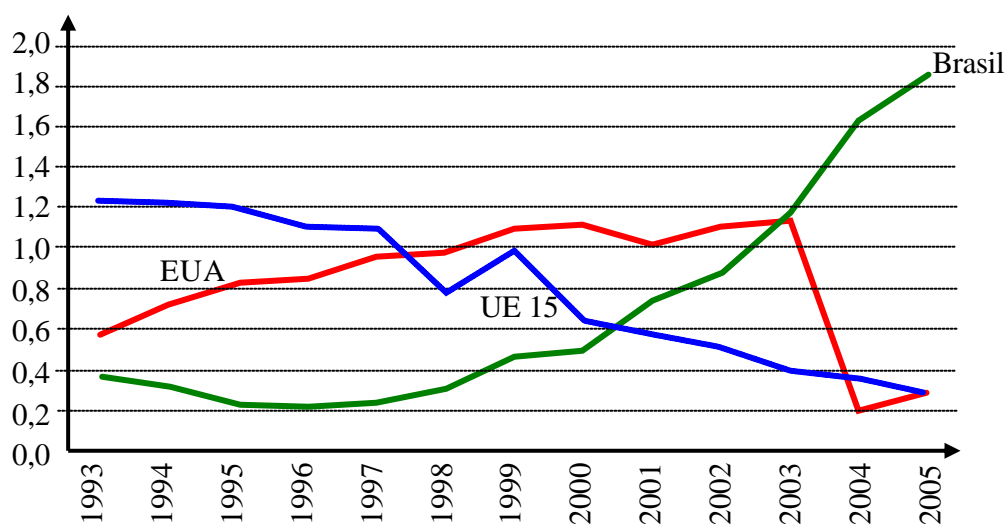


Figura 15 – Evolução das exportações anuais de carne bovina, originárias do Brasil, da União Européia e dos Estados Unidos, período de 1993 a 2005, em 10⁶t equivalente de carcaça.

Fonte: ICONE (2005)

Não obstante a importância do cavalo como animal de trabalho (indicada pela correlação entre o rebanho bovino e a tropa) existe uma tendência de crescimento na



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



46

participação do cavalo de lazer³⁶ na tropa nacional. Um indicador desta tendência é o crescimento do número de eventos esportivos. Trata-se de um fenômeno mundial, que também ocorre no Brasil. Os resultados das entrevistas – realizadas no presente trabalho – com as associações de criadores confirmam essa tendência. Este crescimento é analisado adiante, neste estudo, em capítulo específico sobre esportes eqüestres.

³⁶ O termo cavalo de lazer refere-se ao animal utilizado em atividades em que a geração de renda não é o objetivo principal da criação.

6.2. Perfil das Propriedades

Para subsidiar o presente estudo, uma amostra de proprietários de cavalos nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe e no Distrito Federal foram entrevistados pela equipe do projeto. A amostragem foi aleatória, abrangendo criações de diversos tamanhos e finalidades. O universo da pesquisa cobriu os estabelecimentos agropecuários no Brasil que, segundo o último Censo Agropecuário (IBGE, 1997), totalizavam 1.532.854. O tamanho da amostra foi determinado de acordo com Barbetta (2002):

$$n = \frac{1}{E^2}$$

em que:

n é tamanho da amostra; e,

E é o erro amostral tolerável (intervalo de confiança).

Considerando um intervalo de confiança de 10%, o tamanho da amostra é de $n = 100$. A pesquisa de campo coletou um número superior de questionários, prevendo dificuldades ou erros que pudessem levar ao descarte de parte destes questionários. Ao final, foram analisados 111 questionários, portanto, superando o limite mínimo da amostra para o intervalo de confiança de 10%. O perfil desta amostra de proprietários de cavalo no Brasil é apresentado a seguir.

A análise dos dados coletados permite afirmar que a criação nacional de equinos é desenvolvida, predominantemente, em áreas próprias (Figura 16) e o espaço efetivamente ocupado pelos equinos corresponde, em média, a 41,97% da área total da propriedade. O restante da área (58,03%) é ocupado com outras atividades, em especial, com a criação de bovinos (tanto para corte quanto para leite). A composição do plantel de bovinos, equinos, muare e asininos, presente na amostra, é apresentada na Figura 17.

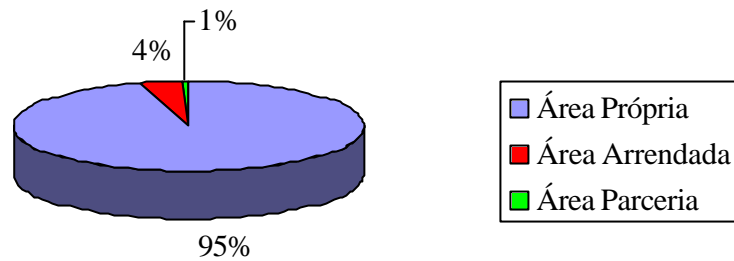


Figura 16 – Distribuição da área ocupada pelos cavalos de acordo com a condição do criador.

Fonte: Resultado da pesquisa.

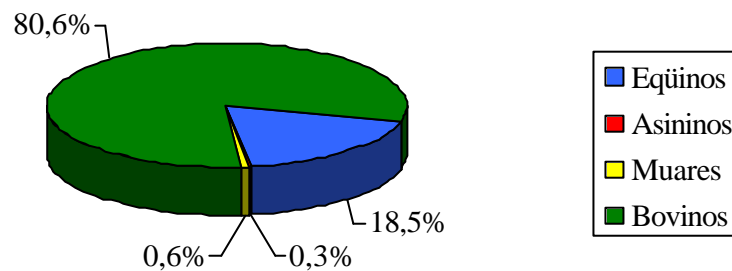


Figura 17 – Efetivo dos rebanhos por espécie.

Fonte: Resultado da pesquisa.

Percebe-se que, na maior parte das propriedades (75,68%), a criação de cavalos é uma atividade secundária. Em geral, os seus proprietários desenvolvem diversas atividades profissionais no setor urbano, tais como: médicos, advogados, empresários, entre outros. Este fato explica o baixo percentual de criadores que residem nas próprias propriedades em que os cavalos são mantidos (apenas 33,78%). Mesmo assim, em geral, a gerência é realizada pelo proprietário. A administração por terceiros ocorre em apenas um terço das propriedades amostradas (Figura 18). É

interessante observar que o grau de instrução do administrador das propriedades é elevado (Figura 19). A gerência das propriedades é executada destacadamente por pessoas na faixa etária de 41 a 60 anos (Figura 20). O tempo médio que os criadores estão na atividade de equinocultura é 14 anos e 8 meses.

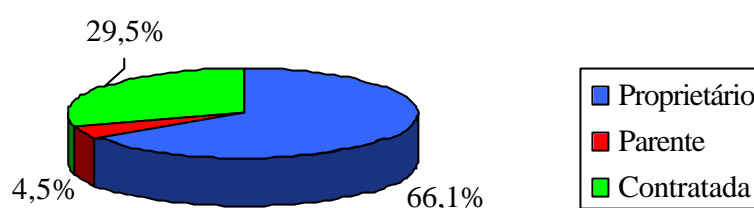


Figura 18 – Gerência da propriedade.

Fonte: Resultado da pesquisa.

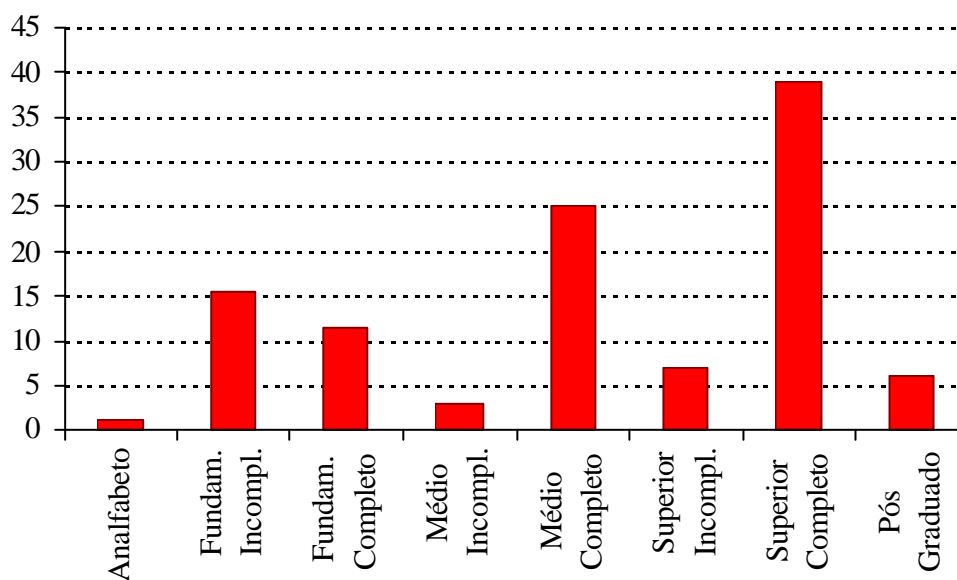


Figura 19 – Grau de instrução do administrador.

Fonte: Resultado da pesquisa.

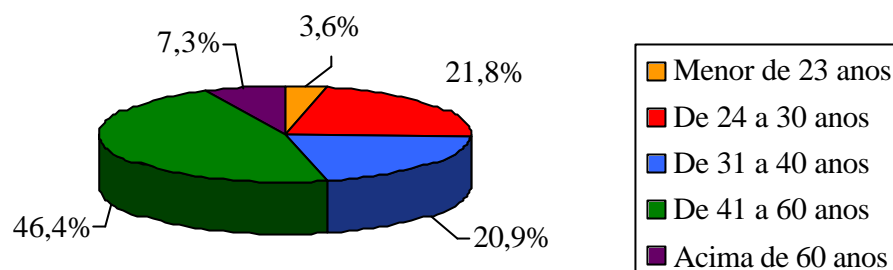


Figura 20 – Faixa etária do tomador de decisão.

Fonte: Resultado da pesquisa.

Cerca de três quartos dos criadores utilizam apenas mão-de-obra contratada (Figura 21).. Os demais utilizam exclusivamente mão-de-obra familiar (12,2%) e uma combinação de mão-de-obra contratada com a familiar (12,6%). Entre os que utilizam mão-de-obra contratada, 85,26% registram seus funcionários. Muitos criadores (67,57%) recebem apoio técnico de profissionais especializados, como veterinários e zootecnista.

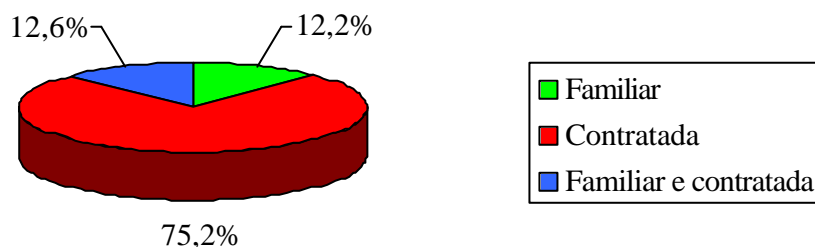


Figura 21 – Tipo de mão-de-obra utilizada.

Fonte: Resultado da pesquisa.

A maior parte dos criadores (91,8%) compram insumos em empresas particulares, como lojas de produtos agropecuários ou distribuidores. Cerca de 8%

realizam suas compras em cooperativas. O custeio da atividade é quase que integralmente (98,4%) bancado com recursos próprios.

Do grupo de entrevistados, 10,8% não compravam nem ração nem produtos farmacêuticos veterinários. Entre os que consumiam estes produtos, os gastos médios mensais por animal foi estimado em R\$ 25,66 com ração e R\$ 18,24 com produtos farmacêuticos veterinários. O consumo médio de ração foi de 5,12 kg/dia/animal, considerando apenas os cavalos que recebiam alguma quantidade de ração. Um resultado surpreendente foi a existência de uma proporção significativa de criadores que adquire apenas ração ou apenas produtos farmacêuticos veterinários e não as duas coisas simultaneamente (Figura 22). Em razão dos cuidados que a criação de equinos demandam, era de se esperar que numa propriedade em que os animais fossem alimentados com ração, também houvesse utilização de medicamentos. É possível que a pesquisa de campo não tenha captado o uso, muito comum, de medicamentos veterinários para bovinos ou humanos aplicados nos equinos. Assim, este resultado do levantamento deve ser objeto de estudos futuros para verificar a hipótese do consumo de medicamentos estar subestimado devido à omissão, nas respostas dos entrevistados, do consumo de medicamentos de bovinos ou humanos.

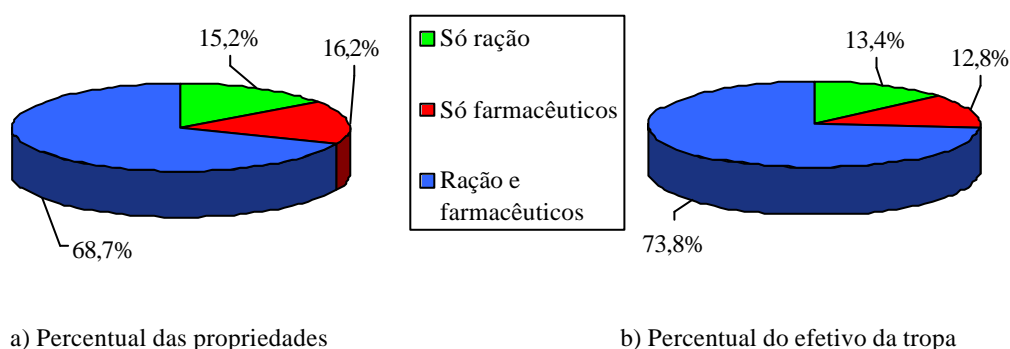


Figura 22 – Hábito de consumo de insumos: ração e medicamentos farmacêuticos veterinários.

Fonte: Resultado da pesquisa.

Os dados obtidos junto às associações de criadores mostram algumas características comuns, como a concentração da criação em poucos proprietários. A Figura 23 e a Tabela 5 apresentam o perfil de uma dessas associações que pode ser considerada típica do setor.

A Figura 23 mostra a relação entre o percentual de nascimentos notificados e o percentual de associados criadores responsáveis pela notificação. Numa situação de perfeita igualdade na distribuição, ter-se-ia que 1% dos sócios seriam responsáveis por 1% das notificações, 30% dos sócios por 30% das notificações e assim por diante. Esta situação hipotética é representada pela reta tracejada. A situação real é representada pela curva não tracejada. Quanto mais afastada da linha tracejada, maior é a desigualdade na distribuição.

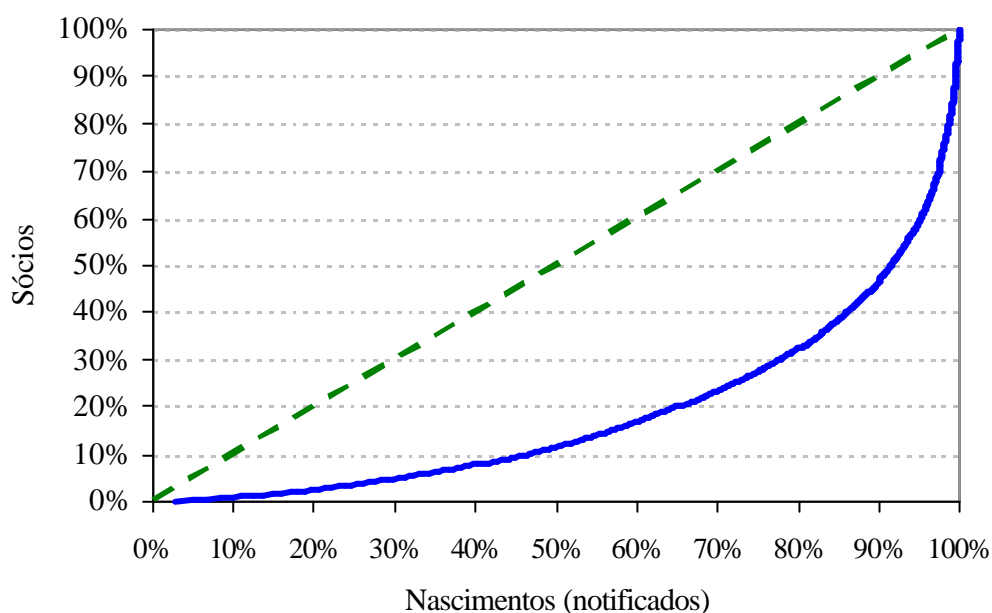


Figura 23 – Concentração de notificação de nascimento por sócio em uma associação de criadores típica.

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 5 apresenta indicadores referentes à distribuição de nascimentos e a soma de cobertura e transferências de embrião por sócio de associação de criadores

típica. Nota-se que a distribuição nestes dois casos é bastante parecida, com elevada concentração. O índice de Gini, apresentado na última linha é um indicador de desigualdade: quanto mais próximo de 1, maior é a desigualdade na distribuição. Para se ter um parâmetro³⁷ referente ao grau de desigualdade, a distribuição da renda no Brasil – sabidamente concentrada – apresentava, em 1999, índice de Gini igual a 0,600 e percentis com valores próximo aos apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição de notificação de nascimento e da soma de cobertura e transferência de embrião, por sócio, em uma associação de criadores típica.

	Nascimentos	Cobertura + Transferência de embrião
40% menores	4,98%	4,67%
50% menores	8,51%	8,25%
20% maiores	64,79%	65,39%
10% maiores	45,81%	45,53%
5% maiores	30,45%	29,11%
1% maiores	9,75%	8,80%
Índice de Gini	0,630	0,632

Fonte: Dados da pesquisa

³⁷ Apenas como referência para entendimento do nível de concentração, pois não há nenhuma outra inferência quanto a eventual correlação entre a distribuição dos nascimentos (e das coberturas e transferências de embriões) com a distribuição de renda tanto no Brasil quanto entre os associados.



7. Atividades “Antes da Porteira”

Esta parte apresenta e discute os principais agentes que fornecem insumos, produtos e serviços para que a criação de cavalos possa ocorrer. Nesta fase do Complexo do Agronegócio Cavalos, são considerados, entre outros, os seguintes segmentos: medicamentos veterinários; rações; selarias e acessórios; casqueamento e ferrageamento; transporte de equinos; e, educação.

7.1. O Mercado de Medicamentos Veterinários

Mundialmente, os países desenvolvidos detêm cerca de 70% do mercado de insumos veterinários. No entanto, o Brasil é o terceiro maior mercado de produtos veterinários, atrás apenas de Estados Unidos e Japão.

Embora o mercado brasileiro tenha apresentado um significativo crescimento nominal no período entre 1997 e 2004 – quando as vendas mais que dobraram, de R\$ 923.629.719 para R\$ 2.058.202.871 – em termos reais, o mercado não tem crescido. A evolução dos valores convertidos em dólares, por exemplo, mostra que nesse período houve uma queda média de 2,3% a.a., atingindo um volume de faturamento equivalente a US\$ 706.522.679 em 2004 (Figura 24).

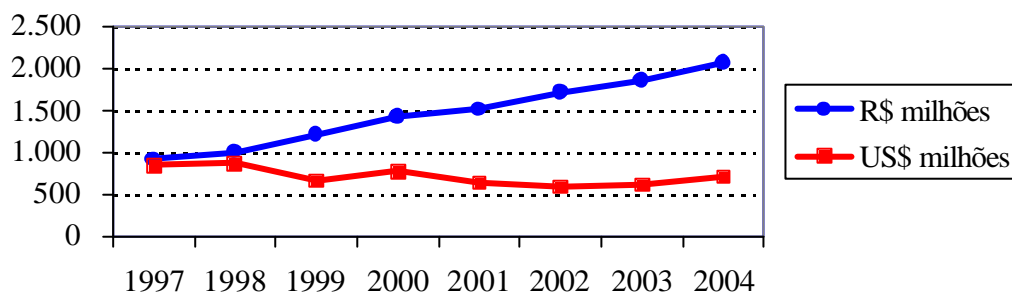


Figura 24 – Brasil: evolução do faturamento anual do mercado de medicamentos veterinários, 1997 a 2004, em milhões de reais e em milhões de dólares.

Fonte: SINDAN (2005)

A Figura 25 mostra a distribuição do mercado por classes terapêuticas. Observa-se que cerca de 50% do mercado é composto por produtos biológicos e antimicrobianos.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

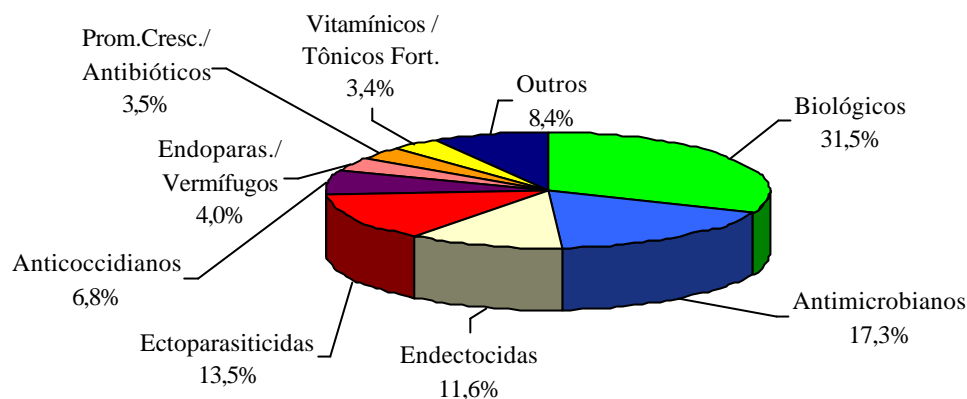


Figura 25 – Brasil: distribuição percentual do mercado de medicamentos veterinários por classe terapêutica, 2004.

Fonte: SINDAN (2005)

Estima-se que os produtos para eqüinos representam 2,6% desse mercado, respondendo a R\$ 54.142.630,20 de faturamento da indústria em 2004 (Figura 26). No entanto, deve-se ressaltar que, na realidade, o cavalo é responsável por uma fatia maior das vendas, na medida em que muitos produtos destinados aos bovinos são também aplicados em eqüinos. Ou seja, há um superdimensionamento do mercado de bovinos e um subdimensionamento do mercado de eqüinos. Adicionalmente, estima-se que de 3% a 5% do mercado de medicamentos veterinários para eqüinos é composto por produtos trazidos – irregularmente – do exterior.

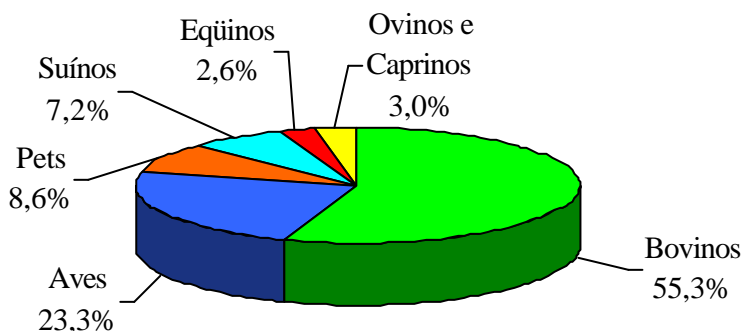


Figura 26 – Brasil: mercado de medicamentos veterinários por espécie animal, 2004.

Fonte: SINDAN (2005)

Relativamente, poucos produtos farmacêuticos são específicos para equinos, inibindo ações mais agressivas da indústria fabricante neste segmento (ela prefere concentrar esforços na pecuária bovina). O segmento de equinos representa, em média, 4% do faturamento das empresas (este percentual tende a ser mais elevado quando analisamos apenas as empresas nacionais). Nota-se no mercado a competição entre grandes grupos³⁸ multinacionais químico-farmacêuticos e empresas nacionais com atuação regional³⁹. A ocorrência de problemas sanitários e nutricionais, geograficamente limitados, assim como a distribuição das espécies, permite o surgimento de empresas de atuação regional. Estas, muitas vezes, ocupam nichos de mercado sem se confrontarem diretamente com as empresas multinacionais.

Conforme já mencionado, é importante destacar que muitos criadores, proprietários e tratadores utilizam no plantel de equinos, medicamentos originalmente produzidos para outras espécies, destacando-se os produtos direcionados para bovinos e, também, medicamentos humanos.

As empresas fabricantes de medicamentos veterinários, com poucas exceções, estão estabelecidas no Brasil há mais de 10 anos e adotam políticas de investimentos bastante conservadoras. Elas acreditam que o mercado está sofrendo modificações e os grandes criadores estão diminuindo seus plantéis. Paralelamente, está ocorrendo a entrada de pequenos proprietários que buscam o cavalo de lazer. Estima-se que a indústria de medicamentos veterinário no Brasil empregue 10 mil pessoas, das quais 300 estariam alocadas ao segmento de equinos.

A cadeia industrial dos medicamentos veterinários está representada na Figura 27. A distribuição de insumos veterinários para a equinocultura é feita pelos distribuidores exclusivos, representando 75% da comercialização de antiparasitários e 77% das vendas de antibióticos. Em termos geográficos, as vendas de medicamentos concentram-se na Região Sudeste, seguida pela Região Sul.

³⁸ Atualmente, o ambiente competitivo tende para a concentração. Grande parte dos processos de fusões e aquisições envolvendo a indústria veterinária é consequência de fusões e aquisições na indústria farmacêutica humana.

³⁹ As principais empresas do setor são: Arenales, Bayer, Biovet, Bravet, Ceva, Clarion, Fort Dodge, Hertape, Jofadel, König, Marcolab, Merial, Ouro Fino, Pfizer, Sanphar, Schering Plough Coopers, Tecnopec, Tortuga, UCB, União Biolab, Vallée, Vansil e Virbac.

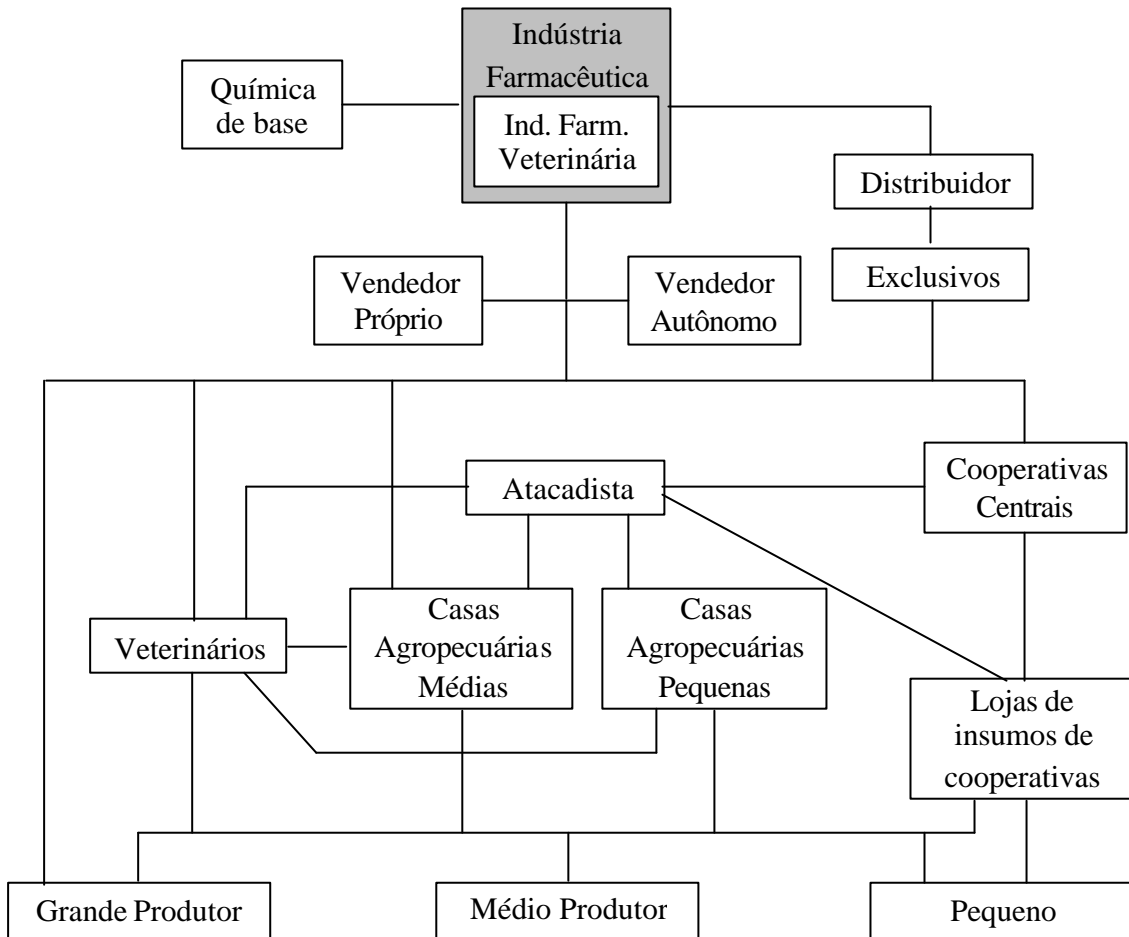


Figura 27 – Cadeia industrial de medicamentos veterinários.

Fonte: Hacker (2000)

Na decisão de compra de medicamentos veterinários – momento em que a opinião do veterinário apresenta grande influência – o preço não é o fator mais importante, mas a qualidade é decisiva.

A maior parte da compra de insumos veterinários é para uso imediato e apenas 9% delas são destinadas a estoque (Tabela 6).

Tabela 6 – Brasil: finalidade da compra de insumos veterinários, por região.

Região	Uso Imediato	Estoque
Sudeste	81%	19%
Sul	96%	4%
Centro Oeste	96%	4%
Nordeste	80%	20%
Total	91%	9%

Fonte: Hacker (2000)

De acordo com os dados coletados na pesquisa de campo⁴⁰, o gasto médio mensal com produtos farmacêuticos veterinários é de R\$ 18,24 por animal. Considerando o faturamento de R\$ 54.142.630,20 da indústria, em 2004, estima-se⁴¹ que a população de equinos que recebem medicamentos corresponde à cerca de 250 mil animais⁴².

⁴⁰ Ver seção “6.2 Perfil das Propriedades”.

⁴¹ Ver Anexo D ao final deste relatório.

⁴² Nesta estimativa, por um lado não foi considerada a margem que diferencia o preço pago pelo consumidor e o valor faturado pela indústria. Adicionalmente, é provável que no valor declarado referente à compra de medicamentos não esteja adequadamente incluídos produtos para bovinos e para humanos utilizados nos equinos. Assim, a estimativa apresentada é conservadora, podendo o mercado real ser superior ao estimado.

7.2. O Mercado de Rações



Figura 28 – Ração para eqüinos.

O mercado de rações (Figura 28) para cavalos⁴³ pode ser dividido em quatro categorias, de acordo com a capacidade de consumo:

- eqüinos destinados ao esporte;
- eqüinos destinados à criação;
- eqüinos destinados ao lazer; e,
- eqüinos de trabalho.

O segmento de esportes inclui os centros de treinamento, jóqueis, propriedades particulares e hípcas. Os cavalos deste segmento são animais que potencialmente consomem, em média, 4,5 kg de ração por dia.

Os centros de treinamento têm apresentado um crescimento acentuado nos últimos anos. Em geral, os animais ficam alojados em locais em que o proprietário não exerce influência direta no manejo. Na decisão de compra de produtos, a opinião do treinador é determinante e o veterinário exerce influência relativa. Neste caso,

⁴³ Este capítulo é baseado em pesquisa feita pelo médico veterinário André Galvão de Campos Cintra para este Estudo do Complexo Agronegócio Cavalos. Neste capítulo, o foco é dado às rações comercializadas, sendo que muitas propriedades optam por produzir (“bater”) sua própria ração, recorrendo apenas parcialmente às rações industriais.

mais do que a apresentação, a qualidade do produto é fundamental na escolha. Os jóqueis exercem influência semelhantes em relação à decisão de compra.

Nas propriedades particulares, os animais ficam alojados nas fazendas, sítios ou chácaras, onde são treinados. Nelas, os proprietários exercem influência direta na aquisição dos produtos. A apresentação do produto passa a ser importante e a qualidade, embora seja relevante na decisão, não é mais fundamental. O veterinário orienta e exerce influência na aquisição de produtos.

Nas hípicas, segmento também com tendência de crescimento, a compra é realizada pelo encarregado do local. Apesar das influências dos gerentes, treinadores e veterinários, a qualidade não é fator decisivo.

O segmento de criação, ou haras, apresentou acentuado declínio na década de 90, estando hoje estabilizado em relação aos demais segmentos, acompanhando as movimentações do mercado em conjunto. Neste segmento, os custos são fundamentais e a qualidade do produto passa a ter importância relativa menor.

A redução da importância do haras resultou em queda dos preços dos cavalos, facilitando o acesso de maior número de pessoas. Isto fez com que o segmento de lazer crescesse durante a década de 90. Os animais desta categoria consomem pouca ração e muito suplemento e medicamento. Atualmente, é o segmento que tem o maior mercado potencial de consumo. A apresentação do produto é valorizada e a decisão de compra inclui opiniões de vizinhos, práticos e balconistas.

O segmento de cavalo de trabalho caracteriza-se por animais alimentados com volumoso de beira de estrada ou pasto, milho e farelo de trigo. Eventualmente, utilizam ração (de baixo custo).

A Figura 29 apresenta a distribuição do consumo de ração entre os diversos segmentos. O mercado de lazer – menos técnico, menos especializado e menos exigente – tem potencial expressivo de crescimento: estima-se que poderia ser seis vezes maior do que é hoje. Atualmente, o mercado total de ração é de 320.000 toneladas anuais. Estima-se que o potencial do mercado brasileiro seja de 1 milhão de toneladas anuais.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

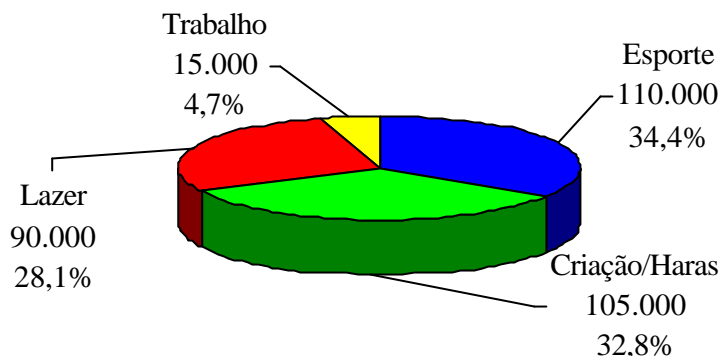


Figura 29 – Brasil: distribuição do mercado de rações, por segmento de atividades, em toneladas e porcentagem, em 2005.

Fonte: Cintra (2005)

Observa-se, também, uma segmentação regional do mercado de ração. Nessa divisão, a região Sudeste participa com 58% do mercado (Figura 30).

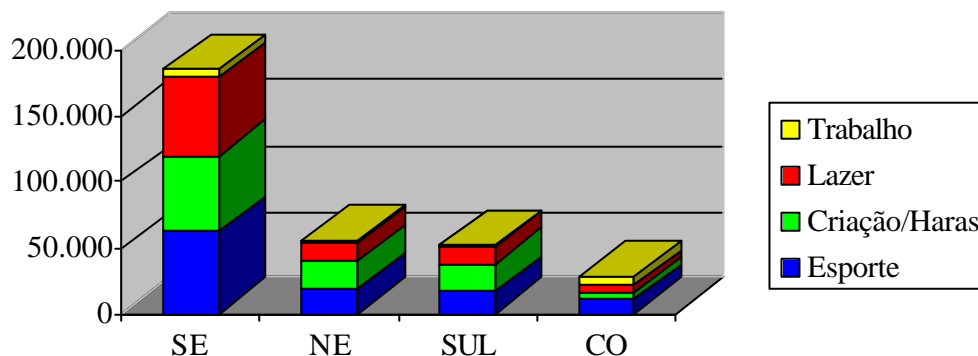


Figura 30 – Brasil: distribuição do mercado de rações, por região e segmento de atividades no ano de 2005, em toneladas.

Fonte: Cintra (2005)

O Mercado nacional é composto por mais de 30 empresas produtoras de rações comerciais para equinos. Três empresas detêm 78% do mercado brasileiro (Figura 31). O quadro 2 apresenta algumas características das principais empresas do setor de rações no Brasil.

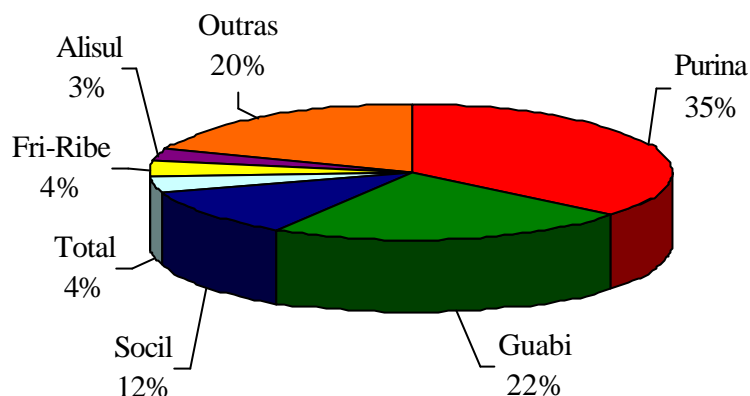


Figura 31 – Brasil: distribuição do mercado de rações, por empresas, em percentual do faturamento no ano de 2005.

Fonte: Cintra (2006)

Quadro 2: Brasil: Características das principais empresas produtoras de ração comercial para equinos.

Empresa	Capital	Atuação no mercado Brasileiro	Atuação no Mercado Mundial	Foco de Atuação
Agribands Purina	Multinacional (no Brasil, a linha de insumos pecuários pertence à Cargill)	Forte no Brasil todo. (Fábricas em Paulínea/SP, Barra Mansa/RJ, São Lourenço da Mata/PE, Inhumas/GO, Canoas/RS)	EUA (sede mundial) Europa (discreta) Ásia (crescente)	Ração de baixo preço (líder de mercado) Possui linha de alta performance

(continua)

(continuação)

Empresa	Capital	Atuação no mercado Brasileiro	Atuação no Mercado Mundial	Foco de Atuação
Guabi - Mogiana Alimentos	Nacional	Atuação muito forte na região Sudeste e Centro-Oeste do Brasil (fábricas em Sales de Oliveira/SP, Pará de Minas/MG, Além Paraíba/MG e Anápolis/GO).	- x -	Possui uma linha de combate (preço baixo) e uma linha de alta performance
Socil Eivalis	Multinacional	Forte atuação nas regiões Sudeste e Nordeste e discreta no Sul e Centro-Oeste (fábricas em Descalvado/SP, Nova Iguaçu/RJ, Contagem/MG e São Lourenço da Mata/PE)	A holding do grupo possui diversas marcas e fábricas de rações para eqüinos na Europa sendo líder francesa e está entre as 3 maiores da Europa	linha de alta performance
Total	Nacional	Forte atuação na região Sudeste (fábrica em Três Corações/MG)	- x -	Ração de baixo preço

(continua)

(continuação)

Empresa	Capital	Atuação no mercado Brasileiro	Atuação no Mercado Mundial	Foco de Atuação
Fri-Ribe	Nacional	Forte atuação no interior paulista (fábrica em Ribeirão Preto.SP) Atua no Nordeste (principalmente no Ceará) através de parceria com fábrica local.	- x -	Ração de baixo preço
Alisul Supra	Nacional	Maior atuação nas regiões Sul e Centro-Oeste (fábricas em São Leopoldo/RS, Carazinho/RS, Itajaí/SC, Maringá/PR e Anápolis/GO)	América do Sul, Portugal, Rússia, Grécia, Turquia, China e Japão.	Investiu muito em uma linha para equínos de alta performance, mas atua mais intensamente no mercado de baixo preço.
Agrocereis	Nacional	Nacional (fábricas em São Paulo, Minas Gerais e Goiás)	- x -	Iniciou atuação na área de nutrição equina em 2005.

(continua)

(continuação)

Empresa	Capital	Atuação no mercado Brasileiro	Atuação no Mercado Mundial	Foco de Atuação
Agrocosta	Nacioanal	Regional (fábrica em São Joaquim da Barra/SP)	- x -	Linha de alta performance
Camponesa	Nacional	Região do Vale do Paraíba (SP)	- x -	Ração de baixo preço
Carol	Nacional	Regional (Orlândia/SP)	- x -	Ração de baixo preço
Comigo	Nacional	Regional (Sudoeste Goiano)	- x -	Ração de baixo preço
D'Vita	Nacional	Regional (Minas Gerais)	- x -	Ração de baixo preço
Douamix	Nacional	Regional (Dourados/MS)	- x -	Ração de baixo preço
Embramil	Nacional	Regional (Bragança Paulista/SP)	- x -	Ração de baixo preço
Fanton Nutrição Animal	Nacional	Regional (Bauru/SP)	- x -	Ração de preço médio
Fazendeiro	Nacional	Regional (Jundiaí/SP)	- x -	Ração de baixo preço
Itambé	Nacional	Regional (Contagem/MG)	- x -	Ração de baixo preço
Mauricéia	Nacional	Exclusiva na Região Nordeste	- x -	Ração de baixo preço

(continua)

(continuação)

Empresa	Capital	Atuação no mercado Brasileiro	Atuação no Mercado Mundial	Foco de Atuação
Milklop	Nacional	Regional (Brasília/DF)	– x –	Ração de baixo preço e linha de alta performance
Sadia	Nacional	Discreta e regionalizada	– x –	Ração de baixo preço
Supremais	Nacional	Empresa de grande porte no mercado de premix e núcleos para rações que está iniciando atuação no mercado de rações (fábrica em Valinhos/SP)	– x –	Alta qualidade e preço diferenciado

Fonte: Cintra (2006)

De acordo com os dados coletados nesta pesquisa⁴⁴, o consumo médio diário de ração é de 5,12 kg/animal. No entanto, este dado não pode ser diretamente confrontado com os dados de mercado discutido anteriormente. Isto porque uma parcela da ração fornecida aos cavalos é fabricada (“batida”) na própria propriedade⁴⁵. Considerando o consumo médio de ração industrial (de acordo com os diversos segmentos de atividade) pode-se estimar que a população de equinos que

⁴⁴ Ver item “6.2 Perfil das Propriedades”.

⁴⁵ É comum a prática de fornecer ração misturada com rolão de milho, aveia e outras matérias primas.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



consomem ração industrial corresponde à cerca de 360 mil animais. Estima-se⁴⁶ que o mercado de rações para equinos movimenta R\$ 53.440.000,00 anualmente.

⁴⁶ Ver Anexo D ao final deste estudo.

7.3. Feno

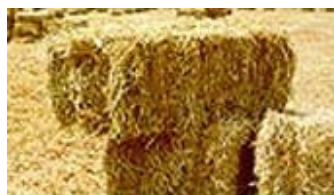


Figura 32 – Fardos de feno.

Considera-se como feno, todo alimento volumoso obtido pela desidratação parcial de uma planta forrageira (Figura 32)⁴⁷. Esta pode ser gramínea ou leguminosa. Entre as gramíneas, destacam-se o capim-elefante (*Pennisetum purpureum Schum*) e a espécie *Cynodon*. Praticamente todas as forragens da espécie *Cynodon*⁴⁸ são adequadas para o processo de fenação, sendo que *Coastcross*, *Florakirk* e *Tifton 78* são as melhores, pois apresentam talos finos, reduzindo o diferencial de desidratação entre caules e folhas, o que proporciona um feno de qualidade em tempo curto de secagem. Entre as leguminosas, destaca-se a alfafa, feno que possui a maior quantidade de proteína.

Em princípio, qualquer planta poderia ser fenada, entretanto, em função de qualidade e custo, algumas características⁴⁹ devem ser consideradas e algumas condições dever ser obrigatoriamente satisfeitas, entre elas:

- Planta adequada ao processo;
- Idade ótima de corte;
- Momento ótimo de corte;
- Processamento adequado;

⁴⁷ Este item contou com a colaboração de Rudy Tarasantchi, cavaleiro e graduando da ESALQ/USP, e de Sidney Almeida Filgueira de Medeiros, assessor técnico da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA.

⁴⁸ Por exemplo: *Coastcross*, *Florakirk*, *Tifton 78* (bermuda grasses), *Tifton 85*, *Florona*, *Florico*, *Porto rico* e *Tifton 68*, entre outros.

⁴⁹ Esta parte introdutória está baseada em Domingues & Haddad (2004).

- Armazenamento adequado;

O feno deve apresentar características nutricionais diferenciadas (avaliada por análises bromatológicas). Os parâmetros avaliados para um bom feno são representados em % no Quadro 2b.

Quadro 2b: Características nutricionais desejadas no feno, em percentuais.

	Matéria Seca	Proteína Bruta	FIBRA			NDT	MM	N-ADF
			BRUTA	FDA	FDN			
MÉDIO	13-15	7-11	32-35	38-44	77-81	50-54	6-10	8-25
ÓTIMO	11-13	11-13	30-32	35-40	75-78	54-58	6-8	6-10

FDA = Fibra em detergente neutro = significa a fração digerível de fibras

FDN = Fibra em detergente ácido = significa a fração fibrosa não digerível.

MM = mililitros de água

N-ADF = nitrogênio ligado à fração fibrosa não digerível.

Diante de eventual dificuldade em realizar a análise bromatológica, as características físicas – visuais, tácteis e olfativas – tornam-se um poderoso instrumento de avaliação da qualidade nutricional. Deve-se buscar feno com todas as seguintes características, em conjunto:

- umidade adequada (seco) e homogênea;
- coloração esverdeada;
- maciez ao tato;
- alta proporção de folhas em relação às hastes;
- temperatura do fardo sempre fria (ambiente);
- presença de odor característico de feno (capim cortado);
- presença de apenas uma espécie vegetal;
- ausência de odores estranhos, fungos e bolores;
- ausência de plantas daninhas, sementes ou pendões florais;
- ausência de terra, gravetos ou materiais estranhos;

Poderão, ainda, ser avaliadas: uniformidade no tamanho dos fardos; uniformidade no peso dos fardos; perda excessiva de folhas ao manuseio; e, amarração firme dos fardos.

Como discutido mais adiante, a desatenção dos compradores em relação às observações acima, tem dificultado o desenvolvimento do mercado brasileiro de feno. Muitos compradores, por desconhecimento, acreditam que feno é apenas volumoso e adquirem produto de baixa qualidade. Uma das implicações da diversidade de qualidade de feno no mercado é a elevada variabilidade nos preços. Dados coletados neste mês, por exemplo, indicam que o fardo de feno produzido com cuidados adequados é comercializado por R\$ 4,50, enquanto produtos obtidos de gramíneas sem adubação, misturadas com ervas daninhas, são vendidos por R\$ 2,00/fardo.

No mercado brasileiro, a produção de feno foi impulsionada nas décadas de 70 e 80 do século passado, com a introdução de gramíneas de melhor qualidade. Inicialmente, foi utilizado o capim Rhodes e, posteriormente, *Coastcross* e Tifton. Na última década, o mercado foi favorecido pelo crescimento da criação de cavalos em áreas pequenas, como condomínios residenciais e manéges.

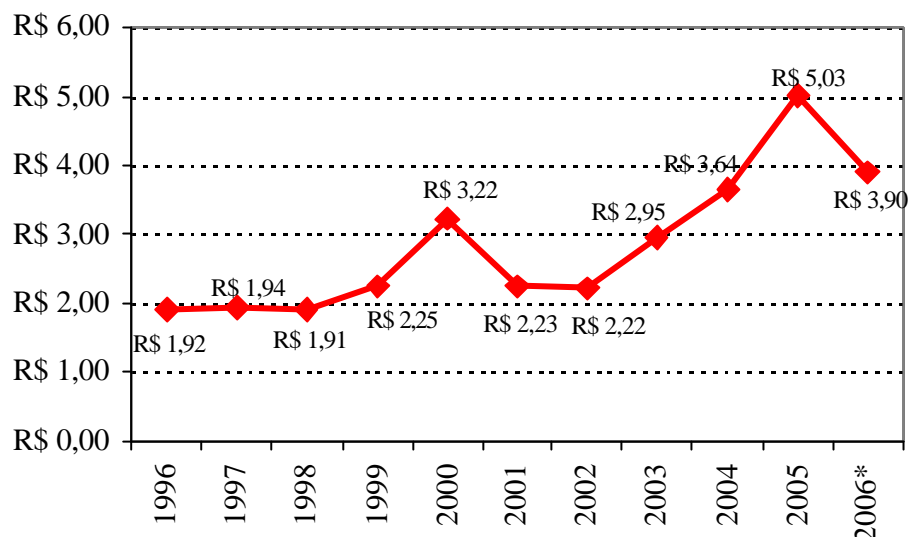
Tanto o volume comercializado quanto o preço médio do fardo tem se elevado nos últimos anos. A Figura 31b apresenta a evolução do preço médio.

Os fardos não são padronizados. Podem variar quanto ao formato (retangular ou rolo) e tamanho (pequenos, de 10 a 15 kg, e grandes, de 20 a 30 kg). Os fardos pequenos são comercializados, em maior frequência, com 12 kg e os grandes, com 20 kg. Os preços, por quilo, variam desde R\$ 0,20 até R\$ 0,50. O preço médio é de R\$ 0,35/kg.

O custo do frete limita a área de atuação dos produtores de feno. O custo por quilometro do frete gira em torno do preço do litro de óleo diesel. Levantamento realizado registrou valores entre R\$ 1,00 e 1,80 por quilometro. Na média, o custo do frete é de R\$ 1,40/km. A Tabela 6b apresenta o impacto do custo do frete.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



* Primeiro quadrimestre.

Figura 31b – Brasil: evolução do preço médio anual do fardo de feno, período de 1996 a 2006, em reais (valores nominais).

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 6b – Impacto do frete no preço do fardo de acordo com a distância percorrida, em reais (R\$).

Caminhão		Distância (em km)							
Tipo	Capacidade	50	100	150	200	250	300	350	400
Toco	200 fardos	0,35	0,70	1,05	1,40	1,75	2,10	2,45	2,80
Truck	350 fardos	0,20	0,40	0,60	0,80	1,00	1,20	1,40	1,60
Truck	600 fardos	0,12	0,23	0,35	0,47	0,58	0,70	0,82	0,93

Fonte: Dados da pesquisa.

Desta forma, os produtores de feno possuem área de atuação limitada pelo custo do frete. Distâncias superiores a 200 km, em geral, inviabilizam



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



economicamente o transporte. Assim, as empresas atuam localmente e, em alguns casos, regionalmente, mas nunca nacionalmente.

A produção comercial do feno no Brasil é realizada em diversos tipos de propriedades. Pequenos proprietários, em geral antigos criadores de cavalos, que possuem máquinas para fenação realizam produção em pequena escala, muitas vezes com baixo preço e baixa qualidade. No outro extremo, há grandes produtores, com áreas plantadas superiores a 700 ha. Entre estes extremos, há inúmeros produtores de feno dos mais diversos tamanhos. O preço do feno apresenta grande variação estacional, atraindo produtores nos períodos de alta. Quando os preços baixam, ocorre redução do seu número. O Estado de São Paulo é o principal produtor, seguido de Minas Gerais (Rio Grande do Sul e Paraná apresentam produções próximas às de Minas Gerais). A sazonalidade nos preços está associada às variações climáticas, mais especificamente, à precipitação pluviométrica (Tabela 6c e Figura 31c).

Tabela 6c – Média de precipitação pluviométrica, em milímetros (acumulado) por mês, Estados selecionados, período de 1961 a 1990.

	Bahia	Minas Gerais	Paraná	São Paulo	Rio Grande do Sul
Janeiro	113,5	242,1	188,3	240,8	133,9
Fevereiro	103,8	155,4	171,3	194,9	140,5
Março	116,4	145,6	151,0	163,8	135,9
Abril	113,8	70,2	107,0	88,5	116,4
Mai	83,3	33,7	114,6	80,5	118,1
Junho	72,0	15,3	102,9	54,6	134,9
Julho	63,6	16,4	76,0	45,0	138,6
Agosto	43,4	16,3	74,6	42,9	145,7
Setembro	42,5	46,0	112,2	80,0	157,9
Outubro	69,4	122,9	154,9	133,7	144,2
Novembro	108,3	198,1	131,5	152,6	126,9
Dezembro	128,8	252,8	177,9	227,4	128,2
Média	88,2	109,6	130,2	125,4	135,1

Fonte: www.lce.esalq.usp.br

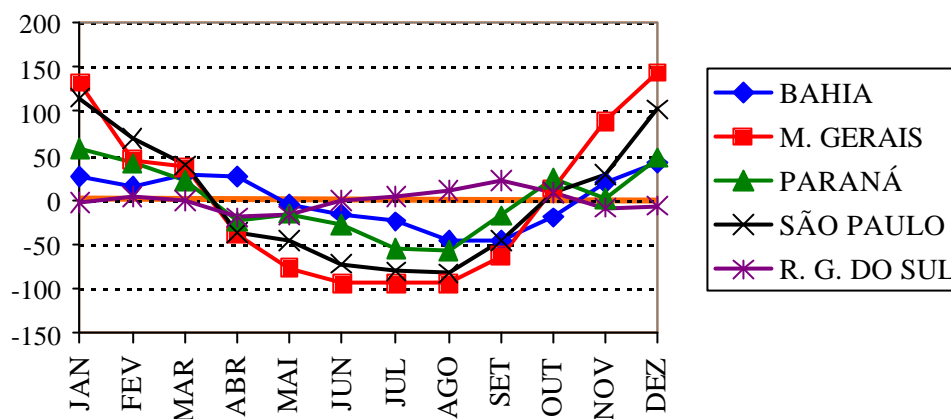


Figura 31c – Desvio em relação à média de precipitação pluviométrica, em milímetros (acumulado) por mês, Estados selecionados, período de 1961 a 1990.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Uma importante barreira à entrada de produtores mais eficientes (em termos tanto de produtividade física quanto qualidade e custo unitário) é a necessidade de elevados investimentos em máquinas (enfardadeira, carretas, tratores e segadeira, entre outros). Enfardadeiras mecânicas, com vida útil de 10 anos, são comercializadas por preços que variam de R\$ 30.000,00 – para produção de fardos pequenos, de cerca de 10 quilos – até valores próximos a R\$ 50.000 – para produção de fardos grandes, de cerca de 20 quilos. Há alternativas de enfardadeiras manuais, com preços entre R\$ 1.000,00 e 2.000,00, mas com baixa produtividade (entre 80 e 100 fardos de 10 quilos por dia, com vida útil de 15 anos).

Uma outra dificuldade para o desenvolvimento do mercado é a incapacidade – de muitos criadores e proprietários de equinos – de, adequadamente, diferenciar a qualidade do feno. Em geral a tomada de decisão é feita com base no preço, sem ponderar a qualidade do produto. A adoção de uma padronização mais precisa do feno comercializado, em que as características citadas anteriormente fossem

transparentes, poderia permitir a precificação mais justa dos diferentes fenos ofertados no mercado e, portanto, maior dinamismo no segmento.

De acordo com estimativa realizada em Barros et al. (2006), no Brasil há cerca de 800 mil cavalos ocupados em atividades de esporte e lazer. Estes animais consomem diferentes combinações de feno e volumoso verde. Um quilograma de feno substitui de quatro a cinco quilogramas de verde. Assim, a quantidade de feno consumida por animal em cada propriedade depende da quantidade de verde disponível nas épocas de seca (aproximadamente seis meses⁵⁰). As informações coletadas apontam que nas propriedades intensivas em feno, o consumo diário é de sete quilogramas por animal. Na média, o consumo é de 3,5 kg/animal/dia.

Nota-se que o valor da produção de feno, no Brasil, atinge R\$ 176,4 milhões⁵¹. Para atingir esta produção, estima-se que um trabalhador tenha a produtividade média de 90 fardos de 12 kg por dia. Isto implica na produção de 194.400 kg/trabalhador/180 dias. Assim, a produção anual estimada de feno no Brasil consome o trabalho de cerca de 2.600 homens em seis meses, ou 1.300 homens/ano.


⁵⁰ Vide Figura 31c.

⁵¹ $800.000 \text{ animais} \times 3,5 \text{ kg/dia} \times 180 \text{ dias} \times \text{R\$ } 0,35/\text{kg} = \text{R\$ } 176.400.000,00.$

7.4. Selaria e Acessórios

O segmento de selaria e acessórios é bastante diversificado. Há uma grande variabilidade de tipos de selas e acessórios, cada um voltado para um determinado público específico. O equipamento utilizado no Rio Grande do Sul, por exemplo, difere muito daquele utilizado na lida na Região Centro-Oeste. Este, por sua vez é diferente daquele utilizado no Nordeste. A diferenciação não é apenas regional, mas também por modalidade: hipismo clássico, baliza, cavalgada etc. (Quadro 3).

Quadro 3 – Exemplos de tipos de selas.

	Sela tipo americana para prova de laço
	Sela tipo inglesa para salto

(continua)

(continuação)

	Sela para cavalgadas
	Sela tipo australiana para passeios
	Sela tipo inglesa para pólo.
	Sela tipo americana para baliza
	Arreio para lida

Fonte: <http://www.selasbueno.com.br>.

Os fabricantes, muitos atuando na informalidade, espalham-se por todo território nacional, com destaque para a produção de Minas Gerais⁵². No mercado nacional, estima-se que cerca de 50 selarias tem produção representativa. As demais têm alcance apenas local. Em torno de 15 fabricantes têm destaque no mercado, embora as cinco maiores detenham menos de 3% do mercado. Em termos médios do País, um grande fabricante produz 100 selas por mês. No total, a produção de selas no Brasil deve ser de, aproximadamente, 15.000 unidades mensais, de vários níveis de qualidade e preço (Tabela 7).

Tabela 7 – Brasil: estimativa do mercado anual de selas (quantidade e valor), por tipo.

Tipo (qualidade)	Destino (consumidor)	Preço em Reais	Participação no mercado (unidades produzidas)	Unidades produzidas anualmente	Volume anual de vendas (R\$)
Top	Hipismo	1.500,00	10%	18.000	27.000.000
Premium	Lazer/esporte	800,00	20%	36.000	28.800.000
Básica	Lazer/esporte	350,00	35%	63.000	22.050.000
Popular	Lida	150,00	35%	63.000	9.450.000
Total				180.000	87.300.000

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com os dados obtidos nesta pesquisa, as selas correspondem a cerca de 50% do faturamento deste segmento. O restante é composto por vendas de acessórios (cabecadas, rédeas, barrigueiras e peitorais, entre outros). Isto significa que o faturamento total resultante da produção de selas e acessórios atingiria o montante de R\$ 174.600.000,00 anuais.

Neste total está incluída a remuneração da mão-de-obra utilizada na produção destes equipamentos. O total de trabalhadores ocupados nesta atividade está estimado em 12.000 pessoas, com rendimento médio mensal de dois salários

⁵² Em Minas Gerais, destaca-se a produção da cidade de Dolores de Campos.



mínimos. Considerado os encargos sociais (e a informalidade existente no mercado) calcula-se que a renda do trabalho corresponde a R\$ 122.372.383,56 anuais, ou seja, aproximadamente 70% do valor de venda das selas e acessórios.

O crescimento futuro deste segmento – confecção de selas – está comprometido por dois problemas sérios. O primeiro é a dificuldade de obtenção de mão-de-obra qualificada. Antigamente, crianças e adolescentes aprendiam cedo, como auxiliares, o trabalho de seleiro. As alterações na legislação e a elevação da fiscalização em relação ao trabalho infantil – medidas justificáveis e corretas – implicaram no rompimento do processo de formação de novos seleiros. E, a atividade de selaria não tem conseguido atrair os jovens que atingem idade para ingresso no mercado de trabalho. Os poucos que, eventualmente, sentem-se atraídos, nem sempre conseguem frequentar cursos específicos de formação⁵³. Outro importante limitante é a ausência de máquinas e equipamentos nacionais específicos para confecção de selas. O que se observa, em todo Brasil, são máquinas e equipamentos de outras finalidades, como indústria de calçados, adaptados para o uso em selaria.

⁵³ Neste aspecto, deve ser destacado o trabalho desenvolvido pelo SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), comentado no item 7.7 adiante.

7.5. Casqueamento e Ferrageamento

Em seu habitat natural, o deslocamento do cavalo em busca de água e comida – além da fuga dos predadores – provoca o desgaste do casco na mesma proporção em que ele cresce. Ao contrário, o animal domesticado que vive confinado em pequenos pastos e baias, não consegue causar o desgaste necessário no casco. Adicionalmente, muitas vezes, o cavalo é forçado a caminhar em sobs que provocam quebras nos cascos. A conjunção desses dois fatores é que gera a necessidade do casqueamento e ferrageamento.

A importância do cuidado adequado dos cascos é reconhecida por muitos e inclusive, destacado em ditado popular⁵⁴:

“Por causa de um cravo, perdeu-se a ferradura;

Por causa da ferradura, perdeu-se o cavalo;

Por causa do cavalo, perdeu-se a guerra;


Por causa de um cravo, perdeu-se um reinado.”

Na Inglaterra, por exemplo, a profissão é regulamentada e só pode ser exercida por ferradores diplomados em escola, com curso específico para a atividade. No Brasil, não existe o mesmo rigor. Embora o país já conte com cursos especializados, muitos ferradores não são especifica e formalmente treinados para o exercício da atividade. Deve-se ressaltar que há diferentes tipos de ferraduras, com características específicas para cada finalidade. Para efeito de ilustração, o Quadro 4 apresenta alguns tipos de ferraduras, mas há uma quantidade bem maior de modelos e finalidades, inclusive modelos para correção ortopédica (este último, muitas vezes, tem o formato oval).

⁵⁴ Esta versão do ditado foi extraída do sitio <http://www.criareplantar.com.br/pecuaria/equino/> em 24 out/2005.



A falta de profissionalização também ocorre, em menor escala, na produção de ferramentas (facas, escovas, pinças etc.) e ferragens. Existe, atualmente, apenas uma empresa fabricante de ferraduras com atuação em todo território nacional que compete com diversos fabricantes locais e regionais.

Quadro 4 – Alguns exemplos de ferraduras comumente utilizadas em equinos por tipo, material utilizado e finalidade.

	<p>Ferradura leve tipo Filete. Material: ferro doce leve. Uso: animais em treino de corrida ou animal que não necessita de ferraduras com peso.</p>
	<p>Ferradura Média tipo Jockey (trabalho de jockey). Material: ferro doce. Uso: animais de corrida e/ou com as mesmas finalidades das de filete.</p>
	<p>Ferradura Média tipo Pólo. Material: ferro doce. Uso: animais para jogos de pólo.</p>
	<p>Ferradura Pesada Punga – Lisa. Material: ferro doce. Uso: animais de salto, tração e nas raças Mangalarga e Campolina.</p>

(continua)

(continuação)

	<p>Ferradura Pesada com Punga – Rompão.</p> <p>Material: ferro doce.</p> <p>Uso: animais de tração e carga.</p>
	<p>Ferradura de Alumínio.</p> <p>Material: alumínio.</p> <p>Uso: animais de corrida e de apresentações.</p>

Fonte: <http://www.ferradurasnovaiguacu.com.br>.

Estima-se que a produtividade média de ferradores habilitados (qualificados), seja de 90 jogos de ferraduras colocadas por mês⁵⁵. Embora em hípicas, nos grandes centros, os pagamentos sejam significativamente superiores, o valor médio cobrado para colocação de um jogo de ferraduras é de R\$ 70,00⁵⁶. Assim, o rendimento bruto médio mensal de um ferrador pode ser calculado em aproximadamente R\$ 6.300,00. Deste total, cerca de 40% é representado pelo custo das ferraduras e cravos. A durabilidade de uma ferradura varia de 30 a 45 dias.

Calcula-se que este segmento (casqueamento e ferrageamento) ocupe 2.100 pessoas, das quais, 90% são ferradores. A atividade – incluindo ferradores, indústrias e comércios de equipamentos e ferragens – deve movimentar (estimativa) cerca de R\$ 143.640.000,00, anualmente⁵⁷.

⁵⁵ Estimativa de acordo com entrevistas com profissionais do setor (indústria e prestadores de serviço).

⁵⁶ Estes valores apresentam grande amplitude, variando de R\$ 20,00 (mercado informal) até valores superiores a R\$ 150,00 (hípicas em grandes centros).

⁵⁷ Ver Anexo D ao final deste estudo.

7.6. Transporte de Equinos

A indústria brasileira de equipamentos especializados para transporte de equinos atravessa um momento crítico. Pelo lado da demanda, ocorre a substituição de equipamentos especializados para transporte de equinos por caminhões boiadeiros, principalmente, quando os percursos realizados são longos. Estima-se que apenas 10% do transporte é realizado com trailers (Figura 33), sendo o restante com caminhões. As exportações desse tipo de veículo são marginais (basicamente para o Paraguai e Argentina). Pelo lado do fabricante (oferta), o grande desafio é a adaptação aos rigores da legislação. As exigências para o funcionamento de uma fábrica incluem a contratação de engenheiro e projetista, obtenção de certificado do DETRAN e adequação às normas do INMETRO, entre outras. O custo médio para atender a estas exigências é de cerca de R\$ 60.000,00. Estes fatores têm afetado o mercado, provocando o fechamento de diversas empresas e fazendo com que apenas algumas poucas empresas sejam capazes de sobreviver.

O mercado brasileiro está restrito a cerca de quatro empresas de médio porte, tradicionais (há mais de 10 anos no mercado) que estão localizadas nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Existem ainda diversos fabricantes informais de reboques, em pequena escala, mas que respondem por 75% do mercado. Carretas importadas são responsáveis por menos de 5% do mercado.

A produção mensal de carretas regulares⁵⁸ é de cerca de 25 unidades, que empregam entre 80 e 90 pessoas.

⁵⁸ Nesta indústria, é elevado do número de empresas clandestinas.



<http://www.carretashalley.com.br>

a) Trailer para dois animais



<http://www.startrailer.com.br>

b) Trailer para três animais



<http://www.startrailer.com.br>

c) Trailer para seis animais

Figura 33 – Modelos de trailer para transporte de equinos.



<http://www.tadeustransporte.hpg.ig.com.br/>

Figura 34 – Prestador de serviços de transporte de equinos.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



85

Quando terceirizado (Figura 34), o transporte de equinos custa, em média, R\$ 1,40/km. Conforme os dados coletados na pesquisa, os gastos médios mensais com transporte dos proprietários que participam de exposições e competições esportivas tem sido de R\$ 24,00 mensais por cavalo.

A partir das considerações anteriores, estima-se que o faturamento anual deste segmento (transporte próprio e de terceiros) seja de R\$ 86.400.000,00.

7.7. Educação e Pesquisa

Um sinal de que a equinocultura nacional atravessa um período positivo de transformação é o surgimento de cursos específicos para o setor. A seguir são apresentados alguns exemplos.

- O Curso de Ciências Equinas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) – ministrado em São José dos Pinhais (PR), em nível superior e oferecido na forma seqüencial⁵⁹ – tem duração de quatro semestres. Através de três eixos de concentração (industrial, científico e desportivo) tem por objetivo “... formar profissionais com uma visão global da indústria equina e da ciência envolvida nesta administração que possuam competência técnica e gerencial reconhecida para contribuir no contínuo progresso desse segmento através do desenvolvimento e aplicação de suas habilidades profissionais específicas” (PUC-PR, 2005).
- A Faculdade de Tecnologia Uirapuru – FATU, associada à Universidade do Cavalo, oferece um curso superior de tecnologia⁶⁰ denominada Gestão de Equinocultura, em Sorocaba (SP) Este curso tem como objetivo “... a qualificação profissional necessária à indústria do cavalo, visando a melhoria na qualidade do rebanho nacional pelo manejo especializado, treinamento, serviços, instalações e administração. Possibilidades de atuação profissional: administração/gerir haras; escolas de equitação, hospedaria, centros recreativos/ de aluguel de cavalos; área de vendas e marketing na indústria alimentícia (ração / insumos), médica, esportiva; coordenação de eventos de turismo/ esportivo equestres, cavalgadas, romarias etc.” (FATU, 2005).

⁵⁹ Este tipo de curso superior, previsto na Lei de Diretrizes e bases da Educação - LDB (lei 9394/96), busca “levar para a sala de aula um público específico, composto principalmente por pessoas que já trabalham ou tem algum vínculo com o mercado do cavalo, exercem funções técnicas ou administrativas, porém não têm curso superior, e talvez não tenham mais tempo ou disposição para prestar vestibular e durante quatro anos ou mais estudar com outros alunos, que provavelmente não têm nem sua idade, nem sua experiência, nem seu desejo de conhecimento” (PUC-PR, 2005).

⁶⁰ “O curso superior de tecnologia é essencialmente um curso de graduação, com características diferenciadas, de acordo com o respectivo perfil profissional de conclusão. O tempo de formação varia entre 2 e 3 anos” (FATU, 2005).

- Além da parceria com a FATU, a Universidade do Cavalo destaca-se por ser o primeiro centro de formação e desenvolvimento de pessoal para equinocultura na América Latina. Esta instituição oferece mais de 40 cursos voltados para criadores, treinadores, estudantes, empresas do segmento equestre e demais pessoas com interesse no Complexo do Agronegócio Cavalos.
- Na área de equoterapia, o destaque são os cursos de pós-graduação ofertados pela ANDE-BRASIL.

As estatísticas oficiais, mais atuais, sobre cursos referem-se ao ano de 2004. Em nível de graduação, o Brasil conta com 270 cursos que apresentam disciplinas com temas relacionados aos cavalos. São os cursos de Medicina Veterinária (MV); Ciências Veterinárias (CV); Cuidados com a Saúde Animal (CSA); Reprodução Animal (Ciência) (RA); Agronomia (AG); Agropecuária (AP); e, Zootecnia (Z). Estes cursos estão concentrados nas Regiões Sudeste (40%) e Sul (21%) do país (Tabela 8).

Tabela 8 – Brasil: Número de cursos de graduação relacionados ao cavalo, por Unidade da Federação, 2004.

	MV	CV	CSA	RA	AG	AP	Z	Total
Rondônia	–	–	–	–	1	–	–	1
Acre	–	–	–	–	1	–	–	1
Amazonas	2	–	–	–	1	1	1	5
Roraima	–	–	–	–	1	–	–	1
Pará	2	–	–	–	3	–	1	6
Tocantins	1	–	–	–	1	–	1	3
Maranhão	1	–	–	–	1	–	1	3
Piauí	1	–	–	–	12	–	1	14
Ceará	1	1	–	–	1	–	1	4
Rio Grande do Norte	1	–	–	–	1	–	1	3
Paraíba	1	–	–	–	2	–	1	4
Pernambuco	1	–	–	–	2	–	1	4
Alagoas	1	–	–	–	1	–	2	4
Sergipe	1	–	–	–	1	–	–	2

(continua)

(continuação)

	MV	CV	CSA	RA	AG	AP	Z	Total
Bahia	3	–	–	–	5	–	1	9
Minas Gerais	11	–	–	–	15	–	7	33
Espírito Santo	3	–	–	–	2	–	3	8
Rio de Janeiro	10	–	–	–	2	–	2	14
São Paulo	30	–	–	1	15	–	6	52
Paraná	12	1	–	–	12	–	7	32
Santa Catarina	3	–	–	–	4	–	–	7
Rio Grande do Sul	9	–	–	–	8	–	2	19
Mato Grosso do Sul	2	–	1	–	4	–	3	10
Mato Grosso	2	–	–	–	7	–	1	10
Goiás	4	–	–	–	6	–	3	13
Distrito Federal	3	–	–	–	3	–	2	8
Brasil	105	2	1	1	112	1	48	270

Obs.: MV = Medicina Veterinária

CV = Ciências Veterinárias

CSA = Cuidados com a Saúde Animal

RA = Reprodução Animal (Ciência)

AG = Agronomia

AP = Agropecuária

Z = Zootecnia

Fonte: <http://www.inep.gov.br>

Em nível de pós-graduação, existem no País 68 programas que apresentam disciplinas com temas relacionados aos cavalos, distribuídos em três áreas: Medicina Veterinária; Zoologia e Zootecnia (Tabela 9).

Tabela 9 – Brasil: Número de programas de pós-graduação relacionados ao cavalo, por área, 2004.

	Medicina Veterinária	Zoologia	Zootecnia	Total
Mestrado	10	8	11	29
Doutorado	1	0	1	2
Mestrado/Doutorado	14	14	9	37
Profissionalizante	0	0	0	0
Total	25	22	21	68

Fonte: <http://www.capes.gov.br>

No campo da formação de mão-de-obra especializada no manejo de cavalos, destaca-se o sucesso do Projeto Diadorim⁶¹ – Escola de Formação de Jovens Cavalariços – e os cursos do SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – detalhados a seguir.

Este último, tem diversas iniciativas voltadas para o aprimoramento do capital humano no segmento do cavalo. No campo da formação profissional, possui dois cursos: o primeiro, de *Trabalhador na equídeocultura* (criação de equídeos visando à produção de animais para esporte, lazer, serviços e reprodução, utilizando técnicas modernas e adequadas a cada caso); e, o segundo, de *Trabalhador na doma racional de equídeos* (domesticação de equídeos visando a ter animais para esporte, lazer, serviços e reprodução). Estes cursos ocorrem em todo território nacional, mas há uma concentração nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, onde são ministrados pouco mais de 50% dos cursos do SENAR (Figura 35). Na linha de prestação de serviços, conta com outros três cursos relacionados ao Agronegócio Cavalo: *Seleiro* (prestação de serviços na confecção e nos reparos de materiais de couro – sela, cabresto, rédea, etc.), *Ferreiro* (prestação de serviços na fabricação e nos reparos de ferraduras em geral) e *Trabalhador no turismo rural*.

⁶¹ O Projeto Diadorim, criado em 2004, destina-se à formação de mão-de-obra para manejo de equinos. Seu grande diferencial está no seu público alvo: jovens carentes entre 16 e 18 anos. Trata-se de uma iniciativa da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Mangalarga (AACMM).

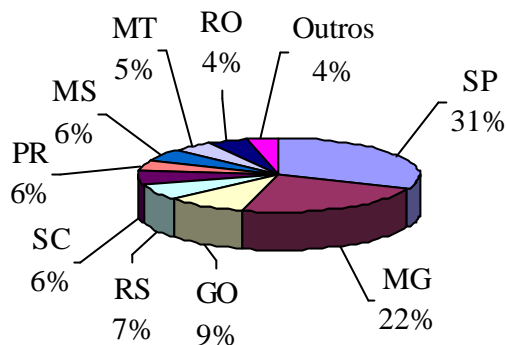


Figura 35 – Brasil: distribuição da carga horária total os cursos de formação profissional do SENAR na área de equideocultura, por Unidade da Federação, 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os cursos de formação profissional do SENAR contam com cerca de 4.000 instrutores treinados pelo SENAR. Na área de equideocultura, cerca de 300 instrutores cadastrados ministram os cursos que ocorrem em todo território nacional. O curso de formação de Trabalhador na Equideocultura busca a capacitação para “executar as tarefas relativas à criação de equídeos de forma eficiente, visando à produção de animais para esporte, lazer, serviços e reprodução, utilizando-se de técnicas modernas adequadas a cada caso” (Brito, 1996). Para atender este objetivo, a carga horária total é de 320 horas que são ministradas pelas Administrações Regionais do SENAR em módulos que variam a carga horária e o conteúdo (Tabela 10). De acordo com a demanda local, o SENAR define a composição das turmas e os módulos que serão ministrados. Desta forma, os interessados realizam curso com carga horária menor e referentes aos temas que tiverem interesse, não sendo necessário cursar integralmente o programa completo (320 horas).

Tabela 10 – Conteúdo programático do curso de formação de Trabalhador na Equideocultura oferecido pelo SENAR.

Tarefa	Carga Horária (horas)
1. Identificação das instalações e equipamentos	4
2. Manutenção das instalações e equipamentos	16
3. Alimentação	36
4. Sanidade	24
5. Reprodução	24
6. Doma	40
7. Equitação básica	36
8. Equitação específica	24
9. Atrelagem	24
10. Casqueamento	32
11. Ferrageamento	32
12. Primeiros socorros	12
13. Práticas complementares	16
Total	320

Obs.: Práticas completares referem-se a (i) cuidar da cria recém-nascida e
(ii) amanonsiar (ou manosear) o animal

Fonte: Brito (1996).

O segmento de formação de profissional – fundamental para a melhoria da qualificação da mão-de-obra envolvida nas diversas atividades relacionadas ao cavalo – tem apresentado comportamento crescente, tanto no número de cursos ministrados (Figura 36), quanto na carga horária (Figura 37) e no número de participantes (Figura 38). Em 2005, o SENAR ministrou 488 cursos para 7.415 pessoas, com total de carga horária total de 16.222 horas. Considerando um custo

médio de R\$ 2.000,00 por curso⁶², os cursos profissionalizantes do SENAR movimentaram R\$ 976 mil em 2005.

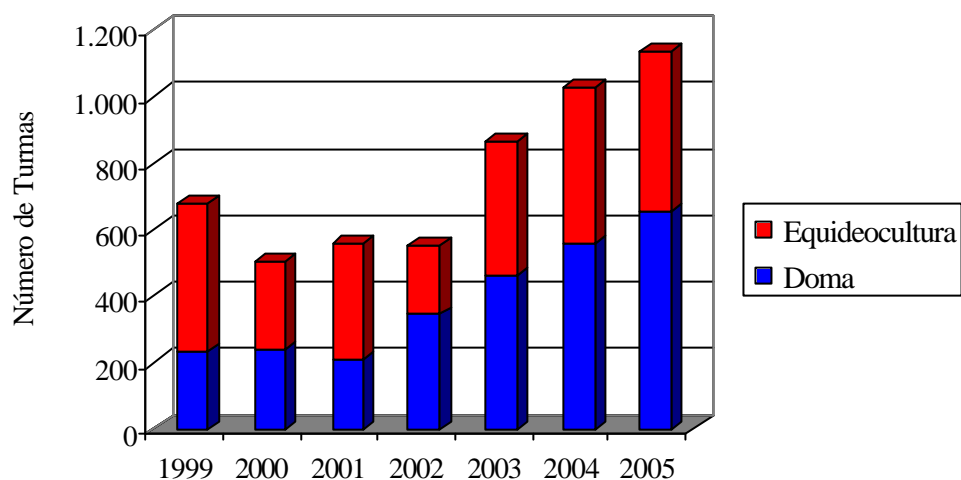


Figura 36 – Brasil: evolução anual dos cursos de formação profissional do SENAR na área de equideocultura, em número de cursos ministrados, por ocupação, de 1999 a 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

⁶² Estimativa obtida em entrevista com profissionais do SENAR.

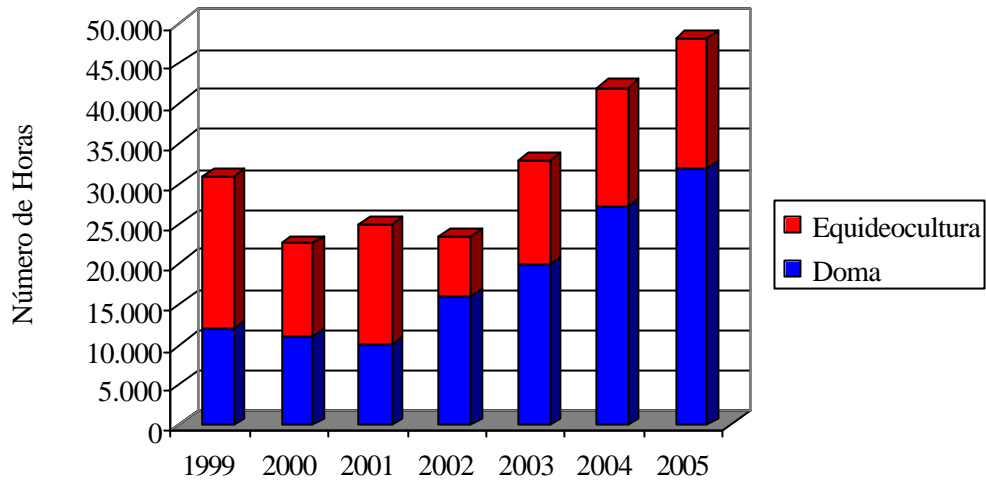


Figura 37 – Brasil: evolução anual dos cursos de formação profissional do SENAR na área de equideocultura, em carga horária, por ocupação, de 1999 a 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

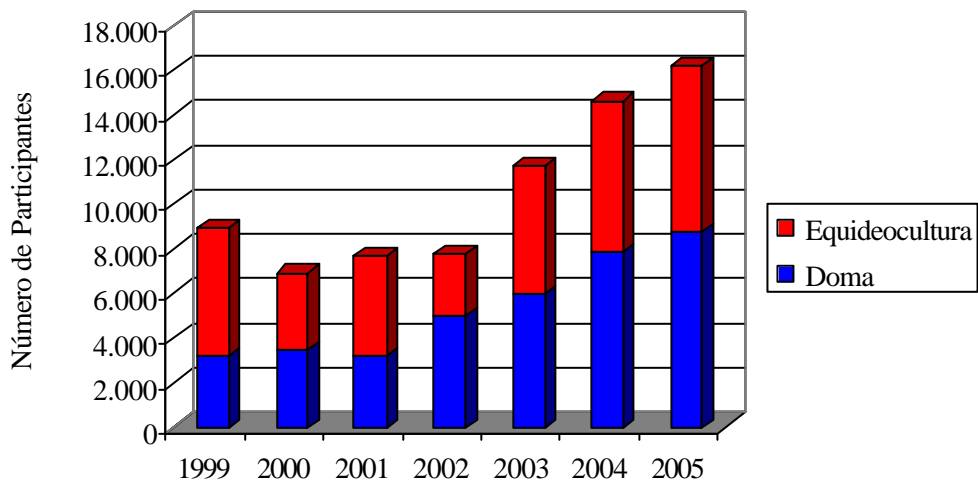


Figura 38 – Brasil: evolução anual dos cursos de formação profissional do SENAR na área de equideocultura, em número de participantes, por ocupação, de 1999 a 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

As diferentes áreas dedicadas à pesquisa relacionada aos equinos – como medicina veterinária, zootecnia, zoologia, entre outras – têm apresentado resultados interessantes, apesar da escassez de recursos.

De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2004, havia 34 grupos de pesquisas relacionados ao cavalo, envolvendo 666 pessoas entre pesquisadores, técnicos e estudantes (Tabela 11). Este número refere-se apenas às pesquisas informadas ao CNPq. Seguramente, muitas pesquisas e pesquisadores não estão com as informações atualizadas na base de dados do CNPq.

Tabela 11 – Brasil: Grupos de pesquisa relacionadas ao cavalo, por instituição, do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, ano de 2004

Nome do Grupo	Instituição	Número de		
		Pesquisadores	Técnicos	Estudantes
• Alimentação e nutrição de equinos em pastagens	UFPR	8	1	12
• Anestesiologia veterinária experimental	UNESP	6	0	0
• Avaliação química e biológica de alimentos e rações para não-ruminantes	UFMG	8	1	21
• Bioecologia e controle de pragas sinantrópicas	IB - USP	10	2	16
• Bioquímica do exercício	UFU	6	1	6
• Biotecnologia da reprodução de equinos e ruminantes	UFBA	12	10	0
• Cirurgia de grandes animais - FMVZ - UNESP – Botucatu	UNESP	14	6	15

(continua)

(continuação)

Nome do Grupo	Instituição	Número de		
		Pesquisadores	Técnicos	Estudantes
• Clínica e patologia clínica veterinária	UFF	10	0	22
• Clínica Médica de Equinos - clíneq	UFPEL	6	2	16
• Clínica Médica e Cirúrgica de Equinos	UEL	4	0	7
• CLININFEC - Clínica e doenças infecciosas veterinárias	UNIP	11	0	13
• Embryolab - laboratório de embriologia animal	UFMS	8	0	7
• Enfermidades clínicas de bovinos, eqüinos e ovinos	UNESP	2	0	2
• Estudo da cicatrização de tecidos moles e duros	UFPR	8	7	14
• Fisiologia do Exercício Eqüino	UNESP	6	3	10
• Grupo de Estudo em Comportamento dos Animais de Produção	UFPEL	9	1	6
• Grupo de estudos clínicos e cirurgicos	UFMG	7	0	5
• Imunopatologia	IBU	4	2	8
• Laboratório de Imunorregulação Molecular	USP	1	1	3
• Melhoramento animal	UFPEL	6	0	7
• Núcleo de pesquisa em vírus e micoplasmas de importância veterinária	UFRRJ	15	3	13
• Patologia animal	UFPEL	10	4	5
• Patologia Clínica Veterinária da UFPR	UFPR	6	0	4

(continua)

(continuação)

Nome do Grupo	Instituição	Número de		
		Pesquisadores	Técnicos	Estudantes
• Patologia comparada das distrofias musculares	UNESP	21	5	16
• Patologia experimental e comparada	PUC-PR	4	0	8
• Pesquisa e desenvolvimento em bovinos e ovinos crioulos	UDESC	17	3	15
• Pesquisa em micologia	UFPEL	6	2	14
• Produção animal	UFES	9	2	6
• Produção animal	UESC	12	10	0
• Produção e saúde dos eqüinos	UFRRJ	6	1	16
• Reprodução animal assistida	UFF	4	0	9
• Reprölab	UFRGS	7	2	10
• Transtornos metabólicos e nutricionais em animais domésticos	UFRGS	2	0	9
• Virologia molecular animal	UFV	10	3	4
Total		275	72	319

Fonte: <http://www.cnpq.gov.br>

7.8. Mídia e Publicações

O segmento de mídia e publicações, dentro do Complexo do Agronegócio Cavalo, destaca-se pelo seu potencial e pelas transformações em curso na área.

Recente levantamento sobre o perfil comportamental e hábitos de mídia do agronegócio, constata que a principal característica que define um pecuarista e homem do agronegócio é a informação (Figura 39). E, mais interessante, em pesquisa anterior (98/99), a informação nem era citada como característica da pessoa bem sucedida.

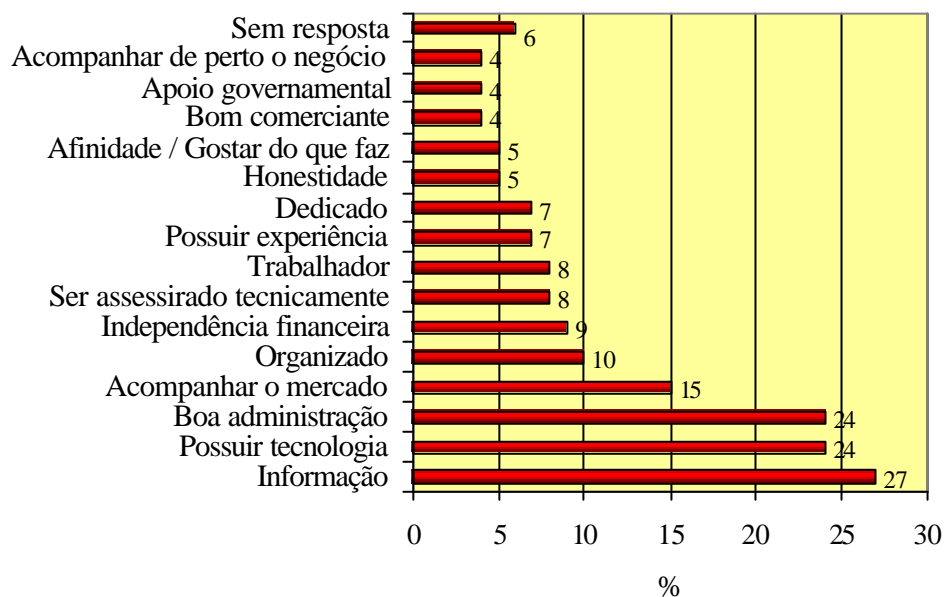


Figura 39 – Brasil: principais características que representam um agricultor / pecuarista moderno, empresarial e bem-sucedido, em percentual, resposta múltipla, safra 2003/2004.

Fonte: Kleffmann (2005)

A importância da informação na atividade rural atual pode ser medida pela evolução relativa dos bens possuídos nas residências dos produtores. No intervalo de cinco anos, entre as safras 98/99 e 2003/04, os itens que apresentaram as maiores elevações foram os ligados à obtenção de informação, nomeadamente aparelhos de TV, telefones celulares e microcomputadores (Figura 40).

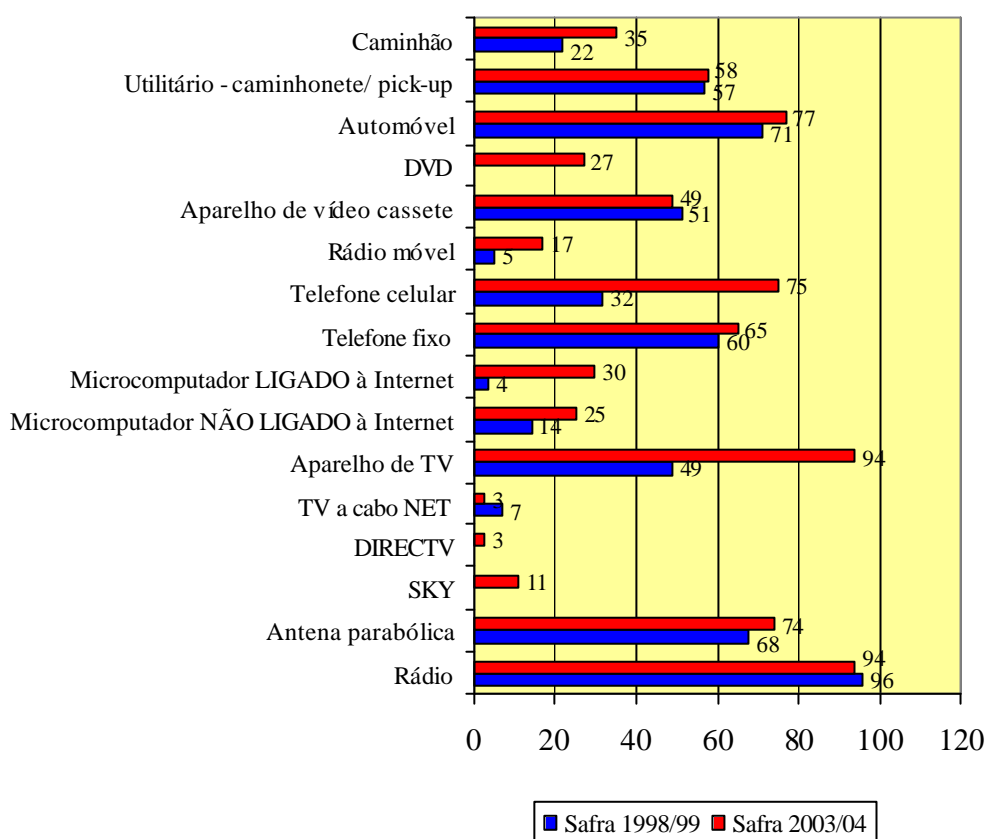


Figura 40 – Brasil: itens possuídos na residência (cidade ou fazenda) de produtores rurais, em percentual, safras 1998/99 e 2003/2004.

Fonte: Kleffmann (2005)

Um reflexo importante destas alterações de hábitos de mídia, são as novas iniciativas de agentes ligados ao Agronegócio Cavalos nos segmentos de televisão e revistas. Três novas programações específicas sobre cavalos devem entrar no ar neste

ano, ocupando um espaço ainda pouco explorado. Até agora, os assuntos ligados ao cavalo na televisão ocupavam espaços restritos e ficavam limitadas às transmissões de leilões e esporádicas aparições em canais de esportes ou rurais⁶³.

Há um mercado, pequeno para o porte da equinocultura no Brasil, de vídeos e DVDs. Em geral, os títulos desse segmento referem-se a videocursos⁶⁴ com temas como: alimentação de cavalos; aparelhação de cascos, correção de aprumos; como montar um centro hípico; doma; e, reprodução, entre outros.

Na mídia impressa (Figura 41) também são aguardadas novidades para este ano de 2006, com lançamentos que devem preencher o vazio deixado pela suspensão das publicações Horse e Hippius (revistas especializadas em cavalos e independentes de associações de criadores). Uma publicação de circulação nacional significa um faturamento próximo a R\$ 1 milhão. Atualmente, o mercado de revistas voltadas aos cavalos está concentrado em publicações vinculadas às associações de criadores, com circulação praticamente restrita entre os seus associados e proprietários da raça direcionada. Embora estas revistas tenham, de modo geral, categoria superior, com papel e fotografia de qualidade, os seus custos de produção são relativamente baixos (cerca de R\$ 35 mil mensais, em média, por revista) e são custeadas pelos próprios associados na forma de propaganda, essencialmente de leilões. Ou seja, elas não injetam recursos externos ao Agronegócio Cavalos. Além disso, estas revistas não geram grande número de empregos na medida em que trabalham com equipes relativamente pequenas. Estima-se que, atualmente, o faturamento anual desse segmento⁶⁵ seja de R\$ 10 milhões. Apesar do pequeno faturamento, o setor apresenta boas perspectivas de crescimento.

De forma bastante gradual, têm surgido programas na televisão relacionados ao tema cavalo. Estes novos programas tem sido veiculados em canais de televisão por assinatura, como é o caso do “Horse Brasil” (Canal do Boi)⁶⁶; “Top 2000

⁶³ No capítulo sobre eventos – mais adiante – este assunto (mídia) será retomado com a quantificação do faturamento relacionado aos inúmeros eventos equestres.

⁶⁴ Em geral, um videocurso é composto de um filme com duração de aproximadamente uma hora e uma apostila (manual) impressa para o acompanhamento.

⁶⁵ Não foram consideradas, neste cálculo, revistas que tratam do cavalo marginalmente (como, por exemplo, Globo Rural) nem revistas como a Pólo, do Helvetia (pois, apesar do nome, está mais associada às atividades profissionais, sociais e empresariais dos atletas do que ao cavalo propriamente dito).

⁶⁶ Temas apresentados: evolução das raças; leilões; haras em destaque; e, entrevistas.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Marchador” (Canal Terraviva); e, “Os Cavalos do Mundo” / Mapa Mundi (NET, TVA e Pan TV)⁶⁷.



Figura 41 – Exemplos de revistas relacionadas ao agronegócio cavalo impressas no Brasil.

⁶⁷ Temas apresentados: cavalos; esportes equestres; e, curiosidades do hipismo.

7.9. Outras Atividades “Antes da Porteira”

Existem outros segmentos que, apesar de não comentados anteriormente, são muito importantes para o bom desenvolvimento da equinocultura. Entre outros, enquadram-se nesta situação as seguintes atividades: serviços de medicina veterinária; insumos e acessórios para pastagens, equipamentos e acessórios para equitação, acessórios para esportes equestres, construções para manejo animal e prática de esportes, tecnologias e produtos para estábulos, equipamentos e serviços para eventos, entre outros.

Embora sejam partes das atividades “antes da porteira”, alguns casos específicos destes segmentos são melhor analisados em conjunto com as atividades “dentro da porteira”. Por exemplo, o mercado de confecção de roupas e equipamentos para prática de hipismo – que é uma atividade industrial a montante da criação – será discutida e dimensionada no momento da análise das escolas de equitação. Isto, por que é neste mercado de aulas que – em grande parte – ocorre o dimensionamento da demanda por artigos de vestuário e equipamentos. No entanto, alguns segmentos, de menor dimensão econômica, já são discutidos neste capítulo.

A aplicação da ciência na área de equinos tem despertado interesse da mídia. Os nascimentos das potras gêmeas Branca e Neve, em dezembro de 2004 e janeiro de 2005, representaram um marco na área de reprodução animal no Brasil. Na geração delas, a EMBRAPA utilizou, pioneiramente, a técnica de bipartição em embriões de equinos.

A indústria de informática, voltada para o setor, ainda caminha lentamente. Na área de grandes animais, a maior parte dos esforços das empresas de *software* têm sido direcionada para produtos visando o mercado de bovinos, sem foco (com raras exceções) no mercado de cavalos. Na realidade, este mercado está muito pouco explorado. O rápido aumento da presença de computadores nas residências dos agricultores – conforme relatado no capítulo anterior – poderá significar, no curto prazo, um crescimento na área de *software*.

Adicionalmente, há um mercado de equipamentos para atrelagem. Este mercado pode ser subdividido em dois grupos bem distintos. De um lado, existe um



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



102

segmento constituído por inúmeras empresas, na sua maior parte informal, que fabricam carroças voltadas para um público de baixa renda e para auxílio nos trabalhos em propriedades rurais. O outro grupo, focado nas classes A e B, é o de construção, reforma e aluguel de carruagens e veículos similares. Este mercado, apesar de contar com algumas iniciativas que favorecem a sua expansão – como o Projeto Carruagens São Paulo, com passeios por pontos históricos da cidade de São Paulo e novelas de época, que impulsionam a locação de carruagens para eventos como casamentos (preço médio da locação é de cerca de R\$ 1.000) – ainda é marginal em relação ao mercado comentado nos parágrafos anteriores.



8. Atividades “Dentro da Porteira”

Esta parte apresenta e discute os principais agentes que, diretamente, utilizam cavalo em suas atividades. Nesta fase do Complexo do Agronegócio Cavalos, enquadram-se, entre outros, os segmentos de criação, treinamento, esportes e trabalho (militar, terapêutico, lida do gado bovino e outros).

8.1. O Cavalo Militar

Para atender às diversas finalidades descritas no final do item “5.2. A Contribuição Militar”, a tropa do exército brasileiro é atualmente composta por 1.570 animais distribuídos em sete estados (Tabela 12 e Figura 42).

Tabela 12 – Distribuição da tropa de cavalos do Exército Brasileiro, por Região Militar, 2005.

Região Militar (RM)	Efetivo	
	Previsto	Real
1ª RM (Rio de Janeiro)	563	491
3ª RM (Rio Grande do Sul)	638	588
4ª RM (Minas Gerais)	70	67
5ª RM (Paraná)	2	2
7ª RM (Ceará)	15	14
9ª RM (Mato Grosso do Sul)	96	98
11ª RM (Distrito Federal)	326	310
Total	1.710	1.570

Fonte: Dados da pesquisa.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

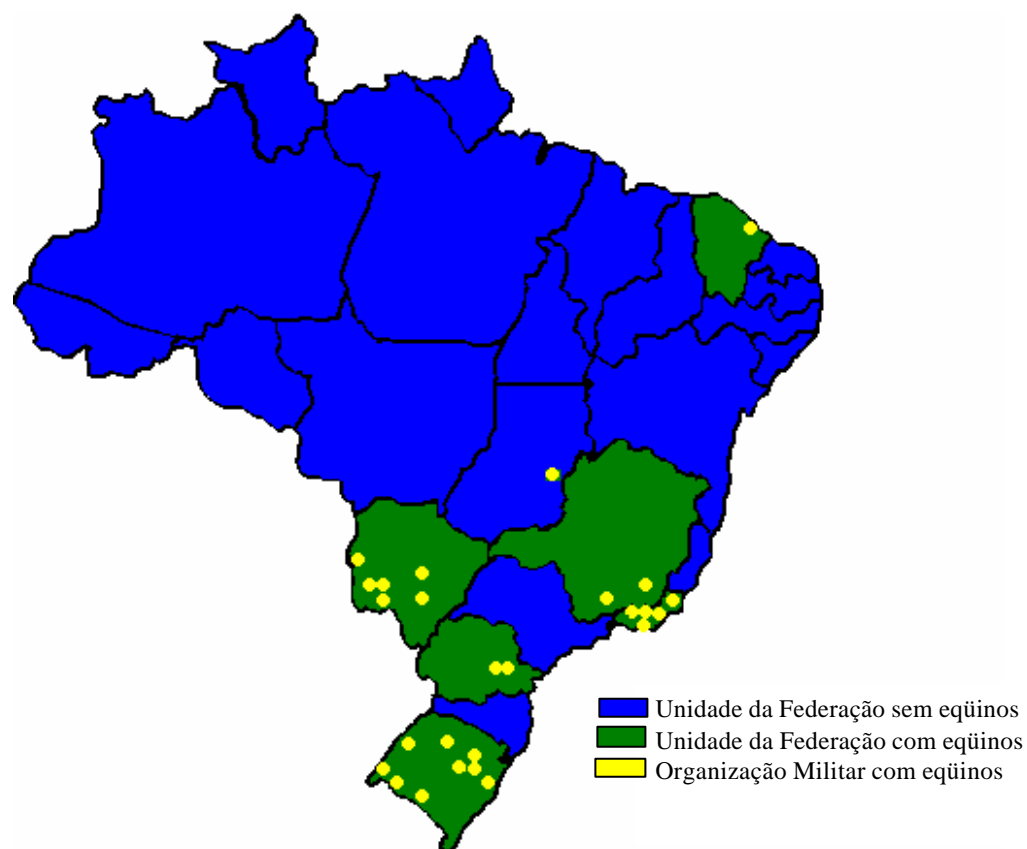


Figura 42 – Localização da tropa de cavalos do Exército Brasileiro, 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

As atividades ligadas ao cavalo no Exército Brasileiro ocupam 2.104 profissionais (empregos diretos), em diferentes níveis (Tabela 13). Na sua grande maioria, os profissionais são cabos e soldados (numa proporção aproximada de quatro soldados para cada cabo).

Tabela 13 – Número de pessoas ocupadas no Exército Brasileiro, em 2005.

Profissional	Quantidade
Veterinários	64
Enfermeiros veterinários	90
Tratadores	400
Ferradores	90
Cavaleiros	1.200
Civis/militares, com animais alojados	260
Total	2.104

Fonte: Dados da pesquisa.

A portaria nº 155 do Estado-Maior do Exército, de 30 de dezembro de 2004, estabeleceu a divisão do efetivo previsto de 1.710 cabeças entre as diversas organizações militares (Quadro 5).

Quadro 5: Distribuição do efetivo previsto, por organização militar, para o ano de 2005.

Região Militar (RM)	Organização Militar (OM)	Efetivo
1ª (Rio de Janeiro) Subtotal = 563	ResC	140
	AMAN	184
	CMRJ	20
	EsEqEx	69
	CHRJ	5
	CIG	20
	IBEx	125
3ª (Rio Grande do Sul) Subtotal = 638	1ª Bda C Mec	5
	3º RCGd	160
	1º R C Mec	5
	2º R C Mec	5
	5º R C Mec	5
	7º R C Mec	5
	8º R C Mec	5
	12º R C Mec	3
	6º R C B	5
	9º RCB	5
	13ª Cia DAM	5
	CIBSB	5

(continua)

(continuação)

Região Militar (RM)	Organização Militar (OM)	Efetivo
3ª (Rio Grande do Sul) Subtotal = 638	CIB	5
	CISM	15
	CIST	5
	Coudelaria de Rincão	400
4ª (Minas Gerais) Subtotal = 70	EsSa	60
	CIJF	5
	CPOR/CMBH	5
5ª (Paraná) Subtotal = 2	CICBA/20º BIB	2
7ª (Ceará) Subtotal = 15	CIMNC	15
9ª (Mato Grosso do Sul) Subtotal = 96	2º B Fron	8
	2ª Cia Fron	4
	Cmdo 4ª Bda C Mec	10
	10º R C Mec	20
	11º R C Mec	20
	17º R C Mec	20
	CIBetione	6
	CIMR	3
	CMCG	5

(continua)

(continuação)

Região Militar (RM)	Organização Militar (OM)	Efetivo
11° (Distrito Federal) Subtotal = 326	1° RCGd	290
	32° GAC	31
	CIF	5
Total		1710

Fonte: Dados da pesquisa.

A Coudelaria de Rincão, localizada em São Borja (RS) merece destaque especial por se tratar da principal fonte de reposição de animais para o exército brasileiro, com uma média de 120 animais por ano. Criada em 1922, ela foi extinta em 1975. Recriada através da Portaria Ministerial nº 034-Res, de 19 de agosto de 1987, incorporou o plantel da extinta Coudelaria de Campinas. Esta Organização Militar tem a finalidade de produzir eqüinos destinados à Força Terrestre para emprego em cerimonial militar, patrulhamento, instrução e desporto. Desde a sua criação até os dias de hoje, ela produziu 1.729 animais. Atualmente, o seu efetivo é de 484 cavalos (Tabela 14) que ocupam 4.500 ha do total de 14.936 ha da Coudelaria.

Tabela 14 – Coudelaria de Rincão: efetivo eqüino no primeiro semestre de 2005.

Animais	Quantidade
Garanhões	15
Matrizes	254
Produtos	205
Animais de Serviço	10
Total	484

Fonte: Dados da pesquisa.

Além do efetivo de equinos alocados nas diversas Organizações Militares do Exército Brasileiro, as Polícias de diversas Unidades da Federação também possuem tropas. Apesar dos esforços de coleta de informação realizados no presente estudo, algumas unidades não forneceram os dados solicitados. Desta forma, a partir das informações obtidas de 18 Unidades da Federação, foram realizadas estimativas quanto às atividades relacionadas aos cavalos nas diversas polícias estaduais.

Ao contrário do que ocorre no Exército Brasileiro, os cavalos das Polícias Militares ficam, em sua maior parte, estabulados. Em média, existe o emprego de 1,12 militar relacionados ao cavalo para cada animal. A Tabela 15 apresenta o efetivo de animais e militares.

Tabela 15 – Brasil: efetivo de cavalos e número de pessoas relacionadas ao cavalo militar, 2005.

	Exército	Polícia Militar	Total
Pessoas	2.104	4.182	6.286
Cavalos	1.570	3.730	5.300

Fonte: Dados da pesquisa.

Cada cavalo custa, em média, R\$ 160 mensais em manutenção, não incluindo as despesas de pessoal envolvido, distribuídos conforme Figura 43. Considerando a remuneração (acrescida de encargos sociais) dos diversos profissionais apresentados na Tabela 15 e os gastos de manutenção (previstos em orçamento), estima-se que a agronegócio cavalo – considerando apenas o segmento militar do Exército Brasileiro e das Polícias Militares estaduais – movimenta cerca de R\$ 176 milhões, anualmente⁶⁸.

⁶⁸ Esta estimativa foi realizada com base nos orçamentos aprovados e informações obtidas nas entrevistas realizadas com as unidades militares. Por solicitação de alguns dos entrevistados, que consideraram o tema estratégico e confidencial, foi assumido o compromisso de divulgação apenas do resultado consolidado, não discriminando os valores individuais utilizados nessa consolidação.

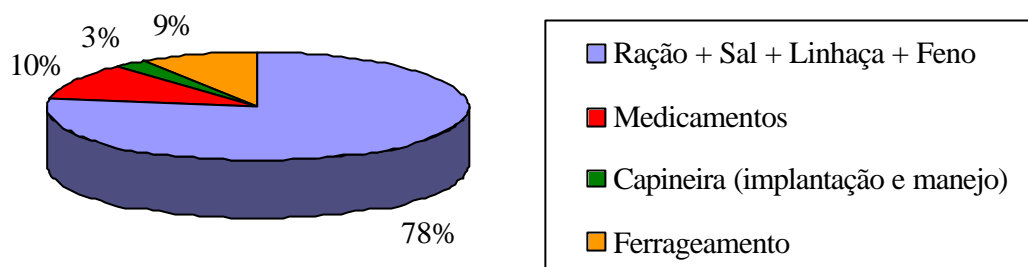


Figura 43 – Distribuição das despesas de manutenção de equinos no segmento militar, em percentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

8.2. O Cavalo para Lida

Conforme discutido no capítulo “6. Caracterização do Perfil Atual do Agronegócio Cavalo”, o principal uso do cavalo no Brasil é ainda o de apoio nas diferentes atividades agropecuárias, especialmente na lida do gado bovino.

O recente e significativo crescimento da pecuária bovina foi acompanhado pela melhoria técnica tanto no controle quanto no manejo, com reflexos na demanda por equinos para lida. Atividades como a distribuição de sal, vacinação, vermifugação e rodeio na vacada para identificação do cio exigem a ajuda do cavalo. A mecanização destas atividades é muitas vezes inviável econômica e/ou tecnicamente.

Um importante cálculo para o adequado manejo do gado bovino com a utilização dos equinos é o correto dimensionamento da tropa. A Tabela 16 apresenta indicadores ideais. De acordo com estes parâmetros, deveria haver 1 cavalo para cada 85 bovinos.

Tabela 16 – Bases para o dimensionamento da tropa

Especificação	Indicador
Relação número de peões / gado manejado	1 peão / 600 animais
Número de animais para montaria / peão	7 montarias / 1 peão

Fonte: Dias (2005)

No entanto, os dados coletados nesta pesquisa indicam que, na média, a proporção entre bovinos e cavalos é de 160:1. Portanto, existe uma sobreutilização dos animais (Tabela 17), sugerindo que tecnicamente, a quantidade de equinos para lida deveria ser aumentada.

Tabela 17 – Dimensionamento atual da tropa

Especificação	Indicador
Relação número de peões / gado manejado	1 peão / 560 animais
Número de animais para montaria / peão	3,3 montarias / 1 peão

Fonte: Dados da pesquisa.

Adicionalmente, deve-se ressaltar que a utilização de cavalos nas propriedades agropecuárias não se limita à pecuária bovina. Os dados do último Censo Agropecuário (IBGE, 1997), mostram que a distribuição da tropa de cavalos na agricultura brasileira – de acordo com a principal atividade da propriedade – é representada na Figura 44.

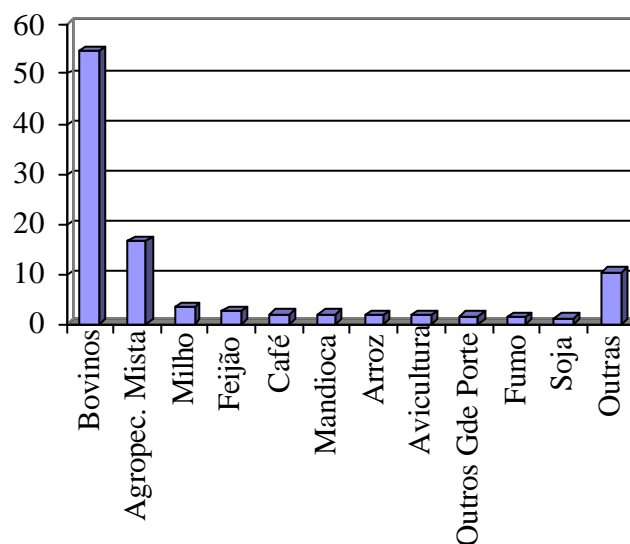


Figura 44 – Brasil: distribuição percentual da tropa de acordo com a atividade principal do estabelecimento, 1995.

Fonte: IBGE (1997)

A pesquisa de campo realizada no presente estudo identificou, também, que os animais utilizados na lida apresentam baixo custo de manutenção⁶⁹. O consumo de produtos veterinários praticamente limita-se a 2 ou 3 vermifugações por ano e poucos consomem ração (basicamente, durante o período da seca). O custo anual de manutenção destes animais é de R\$ 82,27, e o valor médio estimado dos animais é de R\$ 536,36. Adicionalmente, estimou-se que o gasto médio dos proprietários em salário (direto e indireto) e encargos sociais com os peões é de R\$ 560,00.

Partindo da estimativa de que, do efetivo total da tropa brasileira (5.787.250 animais em 2004), cinco milhões de cavalos estão sendo utilizados na lida do gado ou no apoio às outras atividades agropecuárias, foram elaborados os cálculos de valores anuais apresentados a seguir.

- a) gastos com manutenção: $5.000.000 \text{ animais} \times \text{R\$ } 82,27 = \text{R\$ } 411.350.000,00$
- b) custo de aquisição do animal considerando uma vida útil de 18 anos:
 $5.000.000 \text{ animais} \times (\text{R\$ } 536,36 \div 18 \text{ anos}) = \text{R\$ } 148.988.888,89$
- c) Número de peões considerando 3,3 montarias / 1 peão e que, em média, cada peão dedica um terço de seu tempo às atividades associadas ao cavalo:
 $5.000.000 \text{ animais} \div (3,3 \text{ montarias} \div 1 \text{ peão}) \div 3 = 505.050 \text{ peões}$
- d) Renda da mão-de-obra (incluindo encargos sociais):
 $505.050 \text{ peões} \times (\text{R\$ } 560,00 \times 12 \div 1 \text{ peão}) = \text{R\$ } 3.393.936.000,00$

Assim, a estimativa da contribuição deste segmento para o valor bruto do Agronegócio Cavalos é representado pela soma dos valores obtidos nos itens a, b e d, ou seja, aproximadamente R\$ 3.954.275.000,00.

⁶⁹ Em última análise, isso representa baixo nível de investimento em cuidados com o cavalo.

8.3. A Equoterapia

O cavalo é utilizado como recurso terapêutico no tratamento de portadores de dificuldades nas áreas cognitiva, psicomotora e sócio-afetiva. Isto é feito através da equoterapia, que é definida pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDEBRASIL, 2005) como sendo:

“... um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais.

- *Ela emprega o cavalo como agente promotor de ganhos físicos, psicológicos e educacionais.*
- *Esta atividade exige a participação do corpo inteiro, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da força, tônus muscular, flexibilidade, relaxamento, conscientização do próprio corpo e aperfeiçoamento da coordenação motora e do equilíbrio.*
- *A interação com o cavalo, incluindo os primeiros contatos, o ato de montar e o manuseio final, desenvolve novas formas de socialização, autoconfiança e auto-estima.”*

A equoterapia é indicada no tratamento dos mais diversos tipos de comprometimentos motores, mentais, sociais e emocionais. A extensa lista de indicações inclui, entre outras:

- Acidente Vascular Encefálico
- Atraso no desenvolvimento Neuropsicomotor
- Autismo
- Comprometimentos emocionais
- Deficiência auditiva
- Deficiência visual
- Depressão
- Dificuldades da aprendizagem ou linguagem
- Disfunção na integração sensorial

- Distúrbio de atenção
- Distúrbios do comportamento
- Esclerose Múltipla
- Esquizofrenia
- Hiperatividade
- Insônia
- Lesão Medular
- Problemas ortopédicos
- Paralisia cerebral
- Problemas posturais
- Síndrome do X-Frágil
- Síndrome de Down
- Stress
- Traumatismo Crânio-encefálico

A equoterapia tem origem na Grécia Antiga, época em que Hipócrates (460-377 a.C.) recomendava a equitação no combate à insônia. Os benefícios da equitação em tratamento de epilepsia e paralisia já eram documentados por Asclepíodes (124-40 a.C.). A primeira aplicação da equoterapia em contexto hospitalar ocorreu em 1901, no Hospital Ortopédico de Oswentry, na Inglaterra. Mas, somente no século XX a equoterapia recebeu destaque, principalmente, após as medalhas olímpicas de Elizabeth Hardel, em 1952 1956, atleta que sofria de poliomielite. A equoterapia ganhou evidência no meio acadêmico na França, com a criação, em 1965, de disciplina específica e a defesa da primeira tese de doutorado em medicina sobre equoterapia, em 1972.

A utilização da equoterapia tem sido crescente em todo mundo, destacando-se a Europa. Na Alemanha existem 925 centros especializados; a França possui mais de 700; e, a Bélgica, mais de 300.

No Brasil, a equoterapia foi oficializada somente em 1989, com o surgimento da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE). Como prática terapêutica, o reconhecimento da equoterapia pelo Conselho Federal de Medicina ocorreu em 1997.

A ANDE classifica os centros em três grupos:

- Centros de Equoterapia FILIADOS: são aqueles que por serem filiados, têm o reconhecimento do método equoterápico pelo Conselho Federal de Medicina, com equipes habilitadas pela ANDE-BRASIL e

que realizam os atendimentos dentro da doutrina e fundamentos difundidos pela ANDE-BRASIL.

- Centros de Equoterapia AGREGADOS: são aqueles que possuem ainda uma ligação genérica com a ANDE-BRASIL. Estão com documentação de filiação e a equipe multidisciplinar ainda incompletas e sem habilitação e reconhecimento da ANDE-BRASIL.
- Centros de Equoterapia RELACIONADOS: são centros que a ANDE-BRASIL tem o conhecimento da existência, porém, desconhece a composição e a capacitação da equipe de profissionais, bem como suas instalações físicas e quais os fundamentos doutrinários adotados no atendimento. Não possuem vínculo com a ANDE-BRASIL.

De acordo com a ANDE, existem 231 centros de equoterapia (somando os três grupos anteriormente citados) no Brasil, concentrados nas regiões sul e sudeste. Em menor intensidade, destaca-se o número de centros na região Centro-Oeste e no Estado da Bahia. Nos demais estados, o número de centros ainda é baixo (Figura 45).

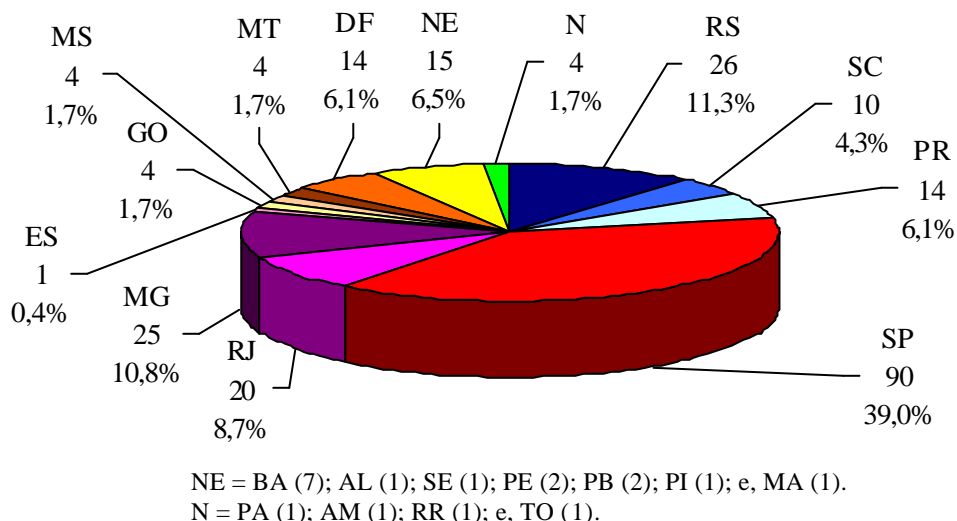


Figura 45 – Brasil: distribuição dos centros de equoterapia, por Unidade da Federação, em 2005.

Fonte: ANDE-BRASIL (2005)



A equoterapia divide-se em quatro programas⁷⁰:

- Hipoterapia. Consiste na utilização do cavalo como agente cinesioterapêutico contribuindo para o desenvolvimento neuropsicomotor de portadores de necessidades especiais.
- Reeducação eqüestre. Programa em que o praticante inicia a independência na montaria e a equipe envolvida atua com o objetivo da vinculação afetiva e esportiva do praticante por meio de atividades lúdicas e psicomotoras.
- Pré-esportivo / Hipismo adaptado. Com a introdução ao esporte eqüestre, além do desenvolvimento neuropsicomotor, o praticante desenvolve uma imagem pessoal positiva refletindo-se substancialmente na elevação da auto-estima. Muitos portadores de necessidades especiais experimentam através da montaria e conseqüente domínio do cavalo, pela primeira vez em suas vidas, a sensação de independência.
- Esportivo. Programa em que o praticante possui domínio independente sobre o cavalo, aprimorando-se cada vez mais a sua capacidade técnica de conduzi-lo sozinho. Este último programa, criado neste ano, já merece destaque, pois o Brasil obteve a nona colocação em nível mundial.

Cada centro emprega, em média, seis funcionários. O trabalho é executado por uma equipe composta por profissionais de várias áreas (saúde, educação, trato animal), tais como: fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo, professor de educação física, terapeuta educacional, assistente social, tratadores e instrutores de equitação. A Tabela 18 apresenta os diversos profissionais capacitados pela ANDE-BRASIL para o trabalho em equoterapia. A remuneração média dos profissionais que compõem a equipe é de cerca de R\$ 1.000,00 mensais, sem considerar os encargos sociais.

⁷⁰ Definições extraídas de folheto do Centro de Equoterapia do Clube Hípico de Santo Amaro.

Tabela 18 – Número de profissionais capacitados nos cursos básicos de equoterapia realizados pela ANDE-BRASIL.

Profissional (área)	Quantidade
Enfermagem	11
Fisioterapia	689
Fonoaudiologia	119
Medicina	49
Psicologia	348
Terapia Ocupacional	139
Educação Especial	49
Educação Física	256
Magistério	81
Pedagogia	154
Equitação	467
Veterinária	46
Zootecnia	9
Administração	27
Assistência Social	32
Massoterapia	8
Outras Áreas	138
Total	2.622

Fonte: ANDE-BRASIL (2005)

A atividade encontra-se em crescimento (Figura 46), com 11.570 pacientes⁷¹, em 2004, que pagam entre R\$ 30,00 e R\$ 120,00 por sessão de 30 minutos. Neste tempo, o paciente executa cerca de 2.000 deslocamentos⁷², realizando movimentos tridimensionais, que agem no sistema nervoso profundo, responsável pelas noções de equilíbrio, distância e lateralidade. Normalmente, cada paciente realiza uma sessão por semana.

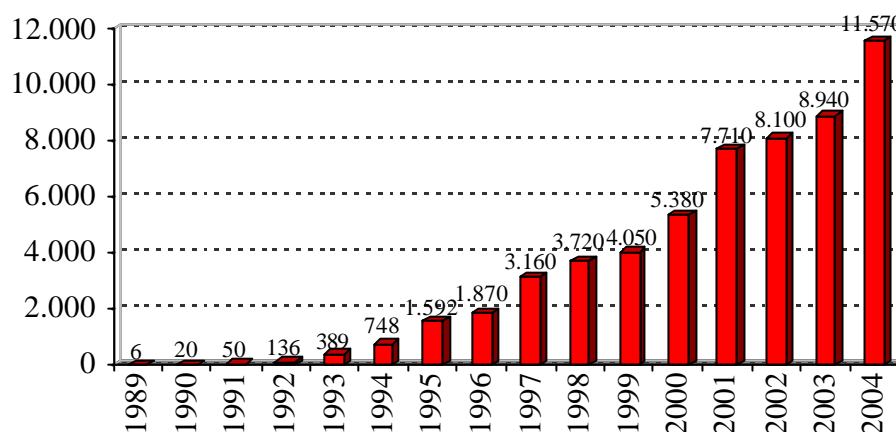


Figura 46 – Brasil: evolução do número de praticantes de equoterapia.

Fonte: ANDE-BRASIL (2005)

As perspectivas para a equoterapia no Brasil são promissoras. Além do SUS ter incorporado recentemente esta modalidade entre as terapias cobertas pelo sistema, a iniciativa privada (planos de saúde) já iniciou, através de convênio, o atendimento em um centro da Região Norte.

⁷¹ Dados da ANDE-BRASIL. Deve-se destacar que muitos atendimentos são realizados filantropicamente, sem custos para os pacientes.

⁷² O cavalo transmite ao praticante um movimento tridimensional – para cima e para baixo; para frente e para trás; e, de um lado para outro. Esse movimento provoca um deslocamento na pelve do cavaleiro, exigindo ajustes tônicos, do cavaleiro, para adaptar seu equilíbrio a cada movimento (Haddad et al., 2005).



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

121



Estima-se que este segmento – a equoterapia – empregue 2.500 pessoas⁷³. O movimento anual atinge cerca de R\$ 44 milhões de renda, agregada no agronegócio cavalo⁷⁴.

⁷³ Estimativa realizada a partir do número de profissionais capacitados nos cursos básicos de equoterapia realizados pela ANDE-BRASIL.

⁷⁴ Ver Anexo D ao final deste estudo.

8.4. Esportes

O esporte equestre está difundido no Brasil desde longa data. O primeiro registro oficial de competições envolvendo cavalos remete a 1641, quando, por ordem de Maurício de Nassau, foi realizado o Torneio de Cavalaria, na Cidade Maurícia (Pernambuco). A competição envolveu participantes de diversas nacionalidades – portugueses, brasileiros, holandeses, franceses e alemães – e foi vencida por brasileiros e portugueses.

Como atividade organizada, o esporte ganhou evidência a partir do início do século XIX, com a inclusão da equitação, em 1810, entre as disciplinas da Academia Real Militar (Rio de Janeiro) e as provas de corrida⁷⁵. No início do século seguinte, surgem os primeiros clubes hípicos como, por exemplo, o Club Esportivo de Equitação (hoje, Centro Hípico do Exército), no Rio de Janeiro, e a Sociedade Hípica Paulista, em São Paulo, ambos em 1911.

O hipismo foi introduzido nos Jogos Olímpicos em 1900 (Paris) e a primeira participação brasileira ocorreu nos Jogos de 1948 (Londres). Sete anos antes, em 19 de dezembro de 1941, surgiu a Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), órgão máximo do esporte nacional, sediada no Rio de Janeiro (RJ). Ela foi criada pelas Federações Paulista de Hipismo (São Paulo – SP), Hípica Metropolitana (Rio de Janeiro – RJ) e Hípica Fluminense (Niterói – RJ). Atualmente possui 19 federações filiadas, além da Comissão de Desportos do Exército (Tabela 19). A CBH é filiada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e à Fédération Equestre Internationale (FEI).

⁷⁵ Ver item 8.7 – Jockey.

Tabela 19 – Brasil: federações filiadas à Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), 2005.

Sigla	Federação	Sede
CDE	Comissão de Desportos do Exército	Rio de Janeiro (RJ)
FAH	Federação Amazonense de Hipismo	Manaus (AM)
FCH	Federação Catarinense de Hipismo	Florianópolis (SC)
FEEM	Federação de Esportes Equestres do Maranhão	São Luis (MA)
FEA	Federação Equestre de Alagoas	Maceió (AL)
FEP	Federação Equestre de Pernambuco	Recife (PE)
FEC	Federação Equestre do Ceará	Fortaleza (CE)
FEERJ	Federação Equestre do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro (RJ)
FEPA	Federação Equestre Paraibana	João Pessoa (PB)
FGH	Federação Gaúcha de Hipismo	Porto Alegre (RS)
FHBa	Federação Hípica da Bahia	Lauro de Freitas (BA)
FHBr	Federação Hípica de Brasília	Brasília (DF)
FeHGO	Federação Hípica de Góias	Goiânia (GO)
FHMG	Federação Hípica de Minas Gerais	Belo Horizonte (MG)
FHES	Federação Hípica do Espírito Santo	Vitória (ES)
FHMT	Federação Hípica do Mato Grosso	Cuiabá (MT)
FNRH	Federação Norterriograndense de Hipismo	Natal (RS)
FPth	Federação Paranaense de Hipismo	Curitiba (PR)
FPH	Federação Paulista de Hipismo	São Paulo (SP)
FSMH	Federação Sul Matogrossense de Hipismo	Campo Grande (MS)

Fonte: CBH (2005).

Estima-se que cerca de 50 mil atletas praticam esportes hípicas, nas suas diversas modalidades. No entanto, apenas nove mil (aproximadamente) são filiados

nas Federações de Hipismo. O esporte hípico no Brasil abrange diversas modalidades, brevemente discutidas a seguir.

- Rodeio: atividade que tem apresentado grande crescimento desde meados da década de 90, realiza atualmente mais de 1.000 provas oficiais por todo Brasil. Modalidades:
 - Cutiano: nesta prova, o peão se segura apenas por meio de duas cordas amarradas à peiteira do cavalo por um período de oito segundos. No primeiro pulo do animal, o peão posiciona as esporas (sem pontas) entre o pescoço e os membros dianteiros do cavalo. A partir do segundo pulo, as esporas devem ser puxadas para trás.
 - *Bareback*: o peão, em posição quase horizontal, segura uma alça adaptada a um pequeno assento posicionado na cernelha do cavalo.
 - Sela americana: prova mais antiga nos rodeios. O peão esporeia entre a palheta e o pescoço do cavalo, depois puxa as esporas da barriga até as nádegas.
 - 6 balizas: competição em que um trajeto deve ser percorrido até a última baliza, contornando as seis balizas em uma direção e depois na outra direção.
 - 3 e 5 tambores (Figura 47): prova contra o cronômetro, contornando tambores dispostos triangularmente (no caso de 3 tambores) ou segundo um diagrama (no caso de 5 tambores).



<http://www.independentes.com.br>

Figura 47 – Prova de Tambor



- Maneabilidade e Velocidade: em um percurso inferior a 250 m, deve realizar um salto de 0,80 m; um coração ou margarida; um recuo; um oito ou uma baliza; um esbarro e um rodopio; e, no máximo três tambores.
- Rédeas: o cavalo deve ser guiado sem resistência por um percurso que inclui esbarros; *spins* (giros de 360 graus); *rollbacks* (esbarro com mudança de direção em 180 graus, saindo ao galope); mudança de mão; e, círculos ao galope.
- *Team Penning* (apartação): prova baseada nas tarefas cotidianas dos vaqueiros do velho oeste americano. Um time de três cavaleiros deve isolar três cabeças de gado, previamente identificadas, do rebanho em um curral localizado no lado oposto da arena entre 90 e 120 segundos de tempo limite.
- *Western Pleasure*: os participantes caminham em volta da arena a passo, a trote e a galope, segurando as rédeas com apenas uma mão.
- Laço de Bezerra (Figura 48): o laçador deve, além de laçar o bezerro, derrubá-lo e amarrar três de suas pernas juntas, enquanto o cavalo deve manter-se quieto e com a corda esticada (sem arrastar o bezerro).



Figura 48 – Laço de Bezerra

- Laço em Dupla: dois competidores partem atrás de um garrote e devem laçar primeiro a cabeça depois as patas no menor tempo possível.
- *Bulldogging*: praticado por dois competidores que tem como objetivo virar e derrubar ao chão um garrote no menor espaço de tempo. Quem fica à direita do animal faz o trabalho de esteira, cercado o boi e não deixando que ele se distancie muito. O outro cavaleiro posiciona-se do lado contrário, tendo a função de saltar do cavalo em movimento



sobre o touro usando as mãos para agarrar os chifres do animal e derrubá-lo ao chão.

- Freio de Ouro: prova que reproduz nas pistas os trabalhos do dia a dia no campo.
- **Conformação:** Os cavalos são avaliados pela correção estrutural, conjunto, grau de musculatura e características de raça e sexo. Os cavalos são apresentados com um cabresto de couro e, antes, são mostrados caminhando aos juízes, para serem avaliados os seus aprumos.
- **Enduro**⁷⁶: é uma modalidade esportiva originária do turismo equestre em que cavalo e cavaleiro devem percorrer uma trilha com obstáculos naturais, em um tempo pré-determinado ou em velocidade livre. Esta atividade cresceu muito até 1995, tendo se estabilizado nos últimos anos. Há uma tendência de profissionalização do esporte (tanto por parte dos competidores quanto da organização).
- **Hipismo Paraolímpico:** praticado por pessoas com vários tipos de deficiência que procura desenvolver as habilidades físicas e a auto-estima de seus praticantes. A disciplina praticada em nível paraolímpico é o Adestramento. As adaptações feitas para a prática desta modalidade são as seguintes: a pista deve oferecer níveis de segurança maiores do que as pistas convencionais, com a fixação de bandas laterais com altura de um metro; a areia da pista, ao contrário do adestramento convencional, é compactada para facilitar a locomoção do cavaleiro; as letras de posicionamento são maiores; há sinalização sonora quando se trata de atleta cego; e o local de competição precisa ter uma rampa de acesso para os cavaleiros montarem nos cavalos. Os atletas são divididos em 5 graus de acordo com o nível de deficiência: 1a, 1b, 2, 3 e 4. Os atletas com maior grau de comprometimento são classificados como 1a, e assim sucessivamente, em ordem crescente, até o grau 4. A avaliação para a definição de tal classificação funcional é feita por fisioterapeutas treinados e certificados.
- **O Hipismo Rural** caracteriza-se por mostrar o trabalho do cavalo em espaço fechado (como dentro de um curral), tendo o animal que fazer as figuras de baliza, tambor, salto de obstáculos e recuos. Esta modalidade apresentou crescimento acentuado na década de 80, estabilizando-se no início dos anos

⁷⁶ A palavra enduro é uma abreviação de *endurance* (resistência, no idioma inglês).

90, com ligeiro crescimento recentemente. Mais de 100 provas oficiais (sendo um quarto nacional e três quartos em nível regional) são realizadas anualmente, com participação média de 170 cavaleiros por prova.

- Adestramento (*dressage*) é uma modalidade do hipismo clássico. As provas de adestramento são chamadas de reprises e consistem em movimentos (passo, trote ou galope) exigidos do cavalo com o objetivo de atingir a perfeição destes movimentos. As reprises diferenciam-se pela dificuldade dos movimentos.
- Salto: modalidade clássica. Consiste em realizar um percurso com oito a doze obstáculos, com alturas de 0,8 a 1,5 m, com tempo máximo de um ou dois minutos
- CCE – Concurso Completo de Equitação: modalidade hípica olímpica praticada no Brasil desde 1922. Apresentou ligeiro crescimento nos últimos anos. Abrange três dias de competição, com provas de: adestramento (primeiro dia); enduro de curta distância, *steeple-chase*⁷⁷ e *cross-country* (segundo dia); e, salto (terceiro dia).
- Volteio (Figura 49): é uma ginástica sobre o cavalo em movimento. Sua origem remete à Idade Média, quando os cavaleiros equilibravam-se nos cavalos, manipulando espada e escudo.



Ricardo De Vicq

Figura 49 – Volteio

- Cavalgada: nada mais é do que um passeio de média distância (20 a 30 km). Eventualmente, pode ser de vários dias (neste caso, chegando a 200km no total). Existem também as Provas de Marcha, realizadas durante as exposições de cavalos, em que o animal é colocado em marcha por 40 a 90 minutos.

⁷⁷ Corrida com salto em obstáculos naturais.

- Vaquejada: esporte que exige muito do cavalo, bastante popular do Nordeste até o Rio de Janeiro, sendo que ocorrem competições em todo território nacional. Os participantes, em dupla, devem derrubar um boi.
- Pólo: equipes de 4 jogadores disputam oito tempos em um campo que mede aproximadamente 275 m de comprimento por 140 m de largura, devendo ainda possuir uma zona de segurança (um terreno livre fora das limitações do campo) . O gol possui 7,30m de largura com duas balizas laterais, podendo a bola entrar a qualquer altura.
- Equitação de trabalho: busca reproduzir a situação de lida do cavalo no campo. Envolve provas de ensino, adestramento, maneabilidade e velocidade. Nas disputas por equipe, também é realizada a prova de condução da vaca (separação da rês de um lote e sua condução a outro extremo da pista).
- Corrida: disputadas por diferentes raças e distâncias.
- *Horseball*: equipes de quatro jogadores, sendo que para marcar o gol (acertar uma cesta com 80 cm de diâmetro, suspensa a 3,5 m do solo) é necessário efetuar três passes envolvendo três jogadores diferentes. É utilizada uma bola de futebol adaptada com dezesseis alças de couro, que só pode ficar na mão do jogador por, no máximo, três segundos.
- Arquearia a cavalo (Figura 50): esta modalidade está em fase de introdução no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro. O arqueiro deve acertar um alvo a dez metros de distancia, conduzindo o cavalo a galope sem as rédeas. Já ocorreram exibições da tradicional modalidade japonesa (Yabusame) no Brasil.



<http://www.kassai.at>

Figura 50 – Arquearia a cavalo

Apesar do grande número de atletas que não participam de competições oficiais, o Brasil ocupa posição de destaque entre os 46 filiados da FEI que promovem competições internacionais. Embora com participação bem inferior em relação aos três principais países, o Brasil ocupa a sétima posição entre os promotores de eventos internacionais (Figura 51). Em 2004, foram ocorreram 1.533 competições internacionais organizadas por filiados à FEI.

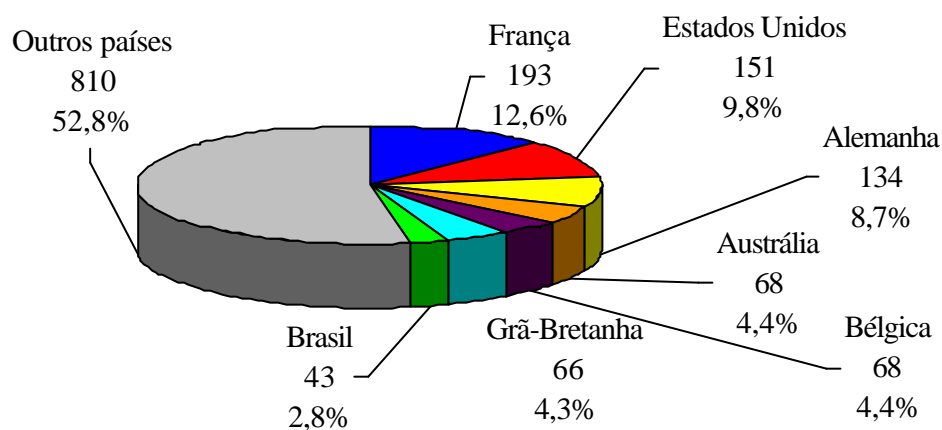


Figura 51 – Número de eventos internacionais organizados por federações filiadas à FEI, 2004.

Fonte: FEI (2005)

Deve-se ressaltar que o número de competições hípcas tem crescido expressivamente no mundo todo. Nos últimos dez anos, a quantidade de eventos internacionais organizados por federações filiadas à FEI aumentou, em média, 12,4% a.a. (223% no período de 1994 a 2004). Esta tendência tem ocorrido nas diversas modalidades, com exceção do volteio, que tem se mantido estável (Figura 52).

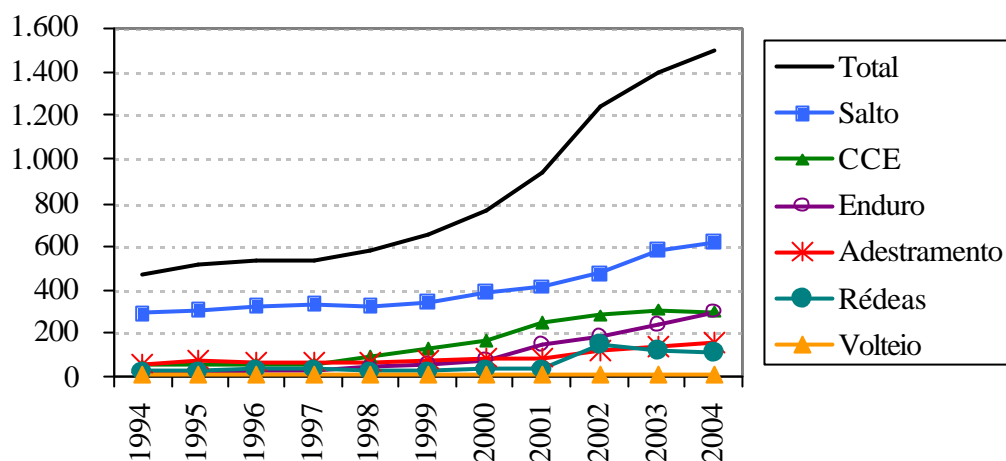


Figura 52 – Evolução do número de eventos internacionais organizados por r federações filiadas à FEI, 1994 a 2004, por modalidade.

Fonte: FEI (2005)

As diversas modalidades de esportes equestres também têm apresentado expressivo crescimento no Brasil. Tomando como exemplo a FPH, o crescimento do número de eventos foi de 315% nos últimos cinco anos, ou seja, um aumento médio de 15,3% a.a. no período de 1999 a 2004 (Figura 53).

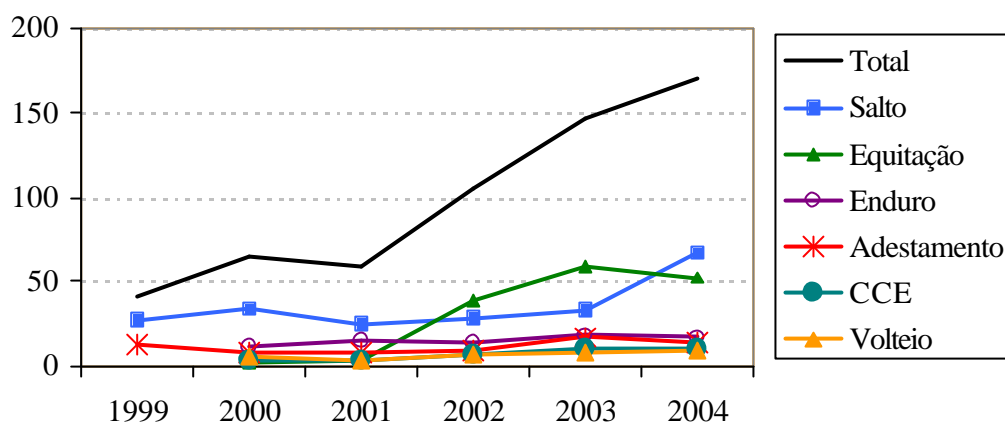


Figura 53 – Evolução do número de competições promovidas pela FPH, 1999 a 2004, por modalidade.

Fonte: FEI (2005)

O Brasil conta com cerca de 200 clubes e escolas de equitação onde estes esportes são praticados. Além disso, centenas de eventos são promovidos por associações de criadores e empresas de turismo equestre (ver comentários em capítulo específico neste estudo).

Considerando apenas o segmento representado por atletas filiados às federações de hipismo – os demais esportistas serão discutidos no capítulo referente à escolas de equitação – este mercado movimenta (estimativa) R\$ 57.600.000 anuais⁷⁸, empregando 2.000 pessoas⁷⁹.

⁷⁸ Ver Anexo D ao final deste estudo.

⁷⁹ Considerando média de 10 funcionários por clube.

8.4.1. O Pólo Eqüestre

O pólo (Figura 54) é um dos mais antigos esportes eqüestres. Acredita-se que tenha surgido no Tibete, 600 anos antes de Cristo, quando homens iam a cavalo, armados de bastões, caçar rato almiscarado. Numa simulação desta caça, os caçadores batiam em uma bola⁸⁰ recoberta de pele. No século XIX, britânicos que estavam a serviço na Índia aprenderam o esporte e fundaram o primeiro clube de pólo, em Manipur (fronteira da Índia com a Birmânia).



Figura 54 – Pólo eqüestre.

No Brasil, o pólo foi introduzido na década de 1920, conquistando adeptos principalmente no Estado de São Paulo. No Rio de Janeiro, onde foi criado o primeiro campo de pólo civil, o Gávea Golf Pólo Club, os ingleses rivalizavam com os militares que utilizavam o Campo da Parada, em São Cristóvão. No Rio Grande do Sul, onde se localizavam os regimentos de Cavalaria na fronteira, predominou o

⁸⁰ *Pulu*, em tibetano.

pólo militar. A Revolução de 1932 afetou negativamente a atividade. A retomada de seu desenvolvimento só veio ocorrer na segunda metade do século passado, principalmente com a abertura da importação de cavalos e o maior intercâmbio com a Argentina (líder mundial, até hoje, na modalidade).

A Sociedade Hípica Paulista, em conjunto com o Clube Hípico de Santo Amaro, o Clube de Campo de São Paulo e o Clube Esportivo e Recreativo Descalvadense fundaram, em 28 de novembro de 1963, a Federação Paulista de Pólo. Até então, o pólo era um departamento da Federação Paulista de Hipismo.

A qualidade do pólo brasileiro elevou-se ao longo do tempo, a ponto de recentemente sagrar-se, na França, tricampeão mundial pela Federação Internacional de Pólo.

O principal centro de prática da atividade está localizada na região de Indaiatuba, interior de São Paulo. O Estado de São Paulo – nas cidades de Indaiatuba, Orlandia, Avaré, Colina e Franca – responde por cerca de 80% da modalidade que agrega cerca de 600 competidores no Brasil⁸¹. Por ano, são organizados cerca de 20 torneios.

Os jogos são disputados por duas equipes com quatro jogadores cada, contando com a presença de dois juizes a cavalo (um terceiro árbitro fica fora de campo e é consultado quando há desacordo entre os juizes dentro do campo). Cada tempo de jogo – uma partida pode ter até oito tempos – dura sete minutos. Para desempenho adequado, cada jogador utiliza seis cavalos e tem ajuda de dois auxiliares, além do apoio de veterinários. É importante que o jogador reveze o cavalo, não utilizando o mesmo cavalo em tempos consecutivos⁸².

Trata-se de um esporte amador que emprega cerca de 1.500 trabalhadores⁸³ (excluindo os jogadores) e movimenta⁸⁴ R\$ 1.684.400,00 por ano nas suas diversas atividades⁸⁵.

⁸¹ Além do Estado de São Paulo, o pólo é praticado nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (Uruguaiana e Porto Alegre), Minas Gerais e Distrito Federal.

⁸² De acordo com Braune (2006), a importância de revezar os animais, fisiologicamente, deve-se a dois pontos: “atender à perda de calor e a invariável formação de microcristais de urato nas articulações após o resfriamento destas”.

⁸³ Considerando dois ajudantes para cada um dos 600 praticantes de pólo e 300 funcionários administrativos (clubes e organização das competições).

⁸⁴ Ver Anexo D ao final deste estudo.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



⁸⁵ Na realidade, a movimentação financeira total no ambiente do pólo é muito superior a este valor estimado. Mas, parte significativa é resultado de atividades não relacionadas ao cavalo, como desfiles de moda e venda de automóveis, que tem como público alvo, muitos praticantes de pólo. Isso ocorre não tanto pelo lado esportivo eqüestre, mas pelas atividades profissionais e empresariais dos atletas fora dos campos de pólo. Assim, os valores estimados (e apresentados) nesta pesquisa limitam-se aos aspectos relacionados efetivamente com a prática esportiva e, conseqüentemente, ao cavalo.

8.4.2. A Vaquejada

Na época em que não havia cercas nas propriedades rurais, os criadores tinham a necessidade e o costume de reunir os animais em determinados finais de semana para contagem e marcação do gado. Pouco acostumado com a presença do homem e solto na mata, o gado precisava ser perseguido pelo vaqueiro, em velocidade que não implicasse em morosidade na reunião e contagem dos bois. Esta atividade profissional transforma-se em competição entre os vaqueiros ao final do trabalho. Ao contrário de disputas similares que ocorriam em Portugal e na Espanha, nas quais os vaqueiros perseguiram e derrubavam o boi com auxílio de uma vara, no Brasil a derrubada era feita pelo rabo (a vegetação do Nordeste brasileiro, onde se concentra o gado, impossibilitava o uso de varas ou de corda e laço). Essas disputas deram origem à vaquejada (Figura 55). Acredita-se que elas já ocorriam no século XVIII, embora o primeiro registro da existência de vaquejada date do final do século XIX⁸⁶. Nessa época, as provas eram realizadas em fazendas e sítios, sem a presença de público estranho aos proprietários.



Figura 55 – Vaquejada

⁸⁶ Em 1874, José de Alencar escreveu sobre competições de “puxada de rabo de boi”.

A vaquejada, como evento aberto ao público, só surgiu na década de 40 do século XX, no Nordeste brasileiro. Deste então, tem apresentado constante crescimento ao longo dos anos. A partir de 1980, as regras começaram a ser melhor definidas e as competições passaram a, costumeiramente, distribuir prêmios aos participantes. Na última década do século XX, a vaquejada transformou-se em grande evento, com patrocinadores (em geral regionais) e cobrança de ingresso para o público.

Este esporte ganhou grande impulso nos últimos dez anos, principalmente com a introdução de animais de maior valor⁸⁷ e a consolidação das suas regras (embora estas possam variar regionalmente).

Em 2001, o vaqueiro (de vaquejada) foi equiparado ao atleta profissional, conferido direitos aos profissionais da vaquejada, conforme Lei nº 10.220 de 11 de abril de 2001. Apesar desta equiparação do atleta, os Projetos de Lei propostos para considerar a vaquejada uma prática desportiva formal foram arquivados (Quadro 6).

Quadro 5: Brasil: Projetos de Lei propondo o reconhecimento da vaquejada como prática desportiva formal

Proposição	Situação	Autor	Ementa
PL-3560/2000	Arquivada	Raimundo Gomes de Matos (PSDB/CE)	Dispõe sobre a realização de vaquejada como atividade desportiva formal.
PL-1679/1999	Arquivada	Roberto Pessoa (PFL/CE)	Considera prática desportiva formal o Rodeio Completo.
PL-249/1999	Arquivada	Paulo Lima (PFL/SP)	Considera prática desportiva formal o Rodeio Completo*.

* incluindo a competição com montaria de domínio sobre bovinos ou equinos bravios, a vaquejada e as provas funcionais do laço em dupla, laço em bezerro, bulldogging e a prova feminina dos três tambores.

Fonte: <http://www.camara.gov.br>

⁸⁷ São comuns cavalos com valor entre R\$ 150 e 200 mil participarem de vaquejadas.

A competição consiste em dois conjuntos que, em uma arena de areia, tem o objetivo de derrubar um boi dentro de uma área demarcada por duas faixas distantes 10 metros uma da outra. Para "valer o boi" (para que os pontos sejam válidos), o boi deve cair com as quatro patas para cima e levantar dentro deste limite (Figura 56). Cada evento conta, geralmente, com a participação de centenas de duplas de vaqueiros, compostas por um puxador (com a função de derrubar o boi pelo rabo) e um esteira (faz o serviço de apoio, alinhando o boi na pista e impedindo muitas vezes que o animal caia fora da área de pontuação).



Figura 56 – “Valeu boi”.

Vaquejadas ocorrem em todo território nacional, mas com destaque para a Região Nordeste. Nesta região, o Circuito de Pernambuco, com nove etapas, destaca-se das demais unidades da Federação.

Cada etapa (três dias de competição) atrai um público médio de 30 mil expectadores. O custo de cada etapa é próximo a R\$ 700 mil. Somente em prêmios são distribuídos cerca de R\$ 100 mil por etapa. Um outro custo importante corresponde ao aluguel de bois (cerca de 500 bois, com aluguel entre R\$ 60 e R\$ 80 por boi). A parte sanitária também representa custos: exames referentes à mormo e anemia infecciosa são realizados a cada três meses, ao custo de R\$ 65 por exame. A organização de uma vaquejada envolve diversos profissionais. Por etapa, são contratadas 270 pessoas (seguranças, equipe do circuito, entre outros), e outros 3.400 empregos são ocupados pelas pessoas ligadas a bandas musicais, setor de alimentação e outras atividades de apoio ao evento. Cerca de 550 duplas participam

em cada etapa, desembolsando R\$ 1.100,00 em senhas⁸⁸ (inscrições para participarem da competição), totalizando R\$ 605 mil. A diferença entre o valor das senhas e o custo de cada etapa (R\$ 700 mil) é coberta com patrocínio, em geral, de empresas de atuação regional. O Circuito de Pernambuco, por exemplo, contou com o apoio da CHESF, Philips, Governo do Estado e Pitu. Apesar da dimensão que as vaquejadas têm atingido, uma das dificuldades apontadas pelos entrevistados, neste estudo, é a falta de apoio, tanto de mídia quanto de patrocinadores.

Outros estados – como Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro, Paraíba, Alagoas e Piauí – são também importantes para vaquejada embora nem todos possuam um circuito oficial. Deve-se destacar que embora ocorra uma concentração de eventos nas Regiões Nordeste e Norte e no Estado do Rio de Janeiro, a vaquejada já atingiu todo território nacional. Além da expansão da área onde se pratica esse esporte, há perspectiva de crescimento nas competições já existentes com a inclusão de novas categorias (como máster ou sênior).

O número de adeptos da vaquejada é estimado em três milhões de pessoas que acompanham mais de duas mil provas⁸⁹, das quais cerca de 400 são consideradas oficiais. Os prêmios, além de dinheiro, costumam ser automóveis e motocicletas. Alguns circuitos chegam a oferecer centenas de milhares de reais em prêmios.

O faturamento anual deste segmento é calculado em R\$ 164 milhões e, o total de pessoas ocupadas, em 1.430 pessoas. Deve-se destacar que atualmente as vaquejadas são eventos de grande porte, não limitados apenas ao esporte, mas com apresentação musicais e outras atrações para o público.

⁸⁸ Considerando o valor da primeira senha de R\$ 300,00 e a segunda, de R\$ 250,00.

⁸⁹ Nesta estimativa estão incluídos os chamados bolões, que são vaquejadas de pequenas proporções.

8.4.3. O Rodeio

Historicamente, a primeira prova de montaria – no estilo de Rodeio – que se tem registro oficial ocorreu em 1869, no Colorado (Estados Unidos). No Brasil, a primeira festa oficial aconteceu em 1956, em Barretos (SP). Por muitos anos, os eventos, realizados em diferentes locais, não seguiam estruturas comuns. Somente em 1996 surgiram regras padronizadas e a atividade foi profissionalizada com a criação da Federação Nacional de Rodeio Completo (FNRC), através do esforço conjunto dos organizadores dos quatro principais eventos de rodeio no Brasil – Jaguariúna Rodeo Festival (Jaguariúna – SP), Rodeo de Campeões (Presidente Prudente – SP), Cowboy do Asfalto (Goiânia – GO) e Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (Barretos – SP).

Atualmente, cerca de 1.200 rodeios (Figura 57) são realizados anualmente no Brasil. Para tanto, existem cerca de 100 estádios de rodeio com arquibancada em concreto armado, iluminação e capacidade entre 4 mil e 35 mil pessoas.



Figura 57 – Rodeio.

Hoje em dia, o cavalo ocupa uma posição secundária nestes eventos. As principais atrações para o público são espetáculos de artistas, em geral cantores de música (sertaneja e popular) e montarias em touros.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP

140



As informações disponíveis sobre a movimentação de recursos destes eventos aparentam estar superestimadas. Especula-se que a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos movimenta dois bilhões de reais, anualmente. Conservadoramente, optou-se por não incluir – neste relatório – os dados relacionados aos rodeios diante da dúvida quanto à consistência dos números. Em trabalhos futuros esta questão poderá ser objeto de investigação específica.

8.5. Turismo Equestre

O turismo no Brasil é uma atividade ainda pouco explorada, principalmente, considerando o potencial proporcionado pelo clima e belezas naturais que o País dispõe. Apesar dos problemas de infra-estrutura, como a qualidade das estradas, o fluxo de entrada de turistas no Brasil apresentou forte crescimento nas últimas décadas do século passado (Figura 58). Em 2004, o Brasil recebeu 4.724.623 turistas estrangeiros, que gastaram US\$ 3,91 bilhões. Um dos nichos que poderia ser melhor explorado é o segmento de turismo equestre.

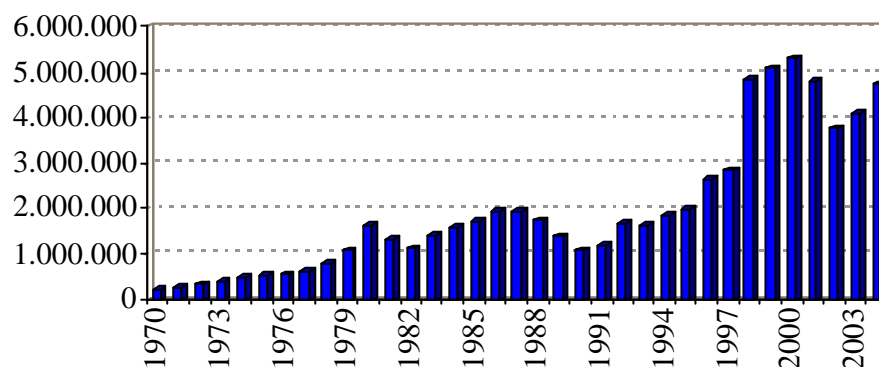


Figura 58 – Brasil: evolução do número de turistas estrangeiros ingressantes anualmente no país, 1970 a 2004.

Fonte: Valle (2005)

O termo Turismo Rural⁹⁰ pode ser definido como uma atividade – alternativa ao turismo de massa – voltada para o atendimento dos interesses de pequenos grupos que se deslocam por “áreas naturais” protegidas, bem como os espaços ditos rurais, cujas características fujam aos padrões do “fenômeno urbano”. Trata-se de uma nova modalidade de turismo que diversifica as práticas do turismo tradicional, promove a melhoria da qualidade de vida da população rural e reduz os efeitos da exclusão

⁹⁰ Também denominado agroturismo, ecoturismo, turismo verde e, ainda, turismo Eco-Rural.

social mediante uma nova alternativa de ocupação estável e de complementação de renda. Adicionalmente, reduz o fenômeno perverso do êxodo rural, valoriza o modo de vida agrícola e do campo e reforça a filosofia do turismo ambiental, buscando a conservação do meio rural e da cultura regional.

De acordo com a Embratur, o turismo rural é definido como:

“o conjunto de atividades turísticas praticadas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, no sentido de resgatar e de promover o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

O espaço rural permite o desenvolvimento de diversas atividades que, muitas vezes, apresentam interação mútua, podem ser complementares ou podem ser identificadas isoladamente (Figura 59). Este capítulo concentra foco apenas no Turismo Rural. As demais atividades – como, por exemplo, o turismo esportivo – podem estar também relacionadas ao cavalo e, neste caso, são discutidas em tópicos específicos neste relatório⁹¹.

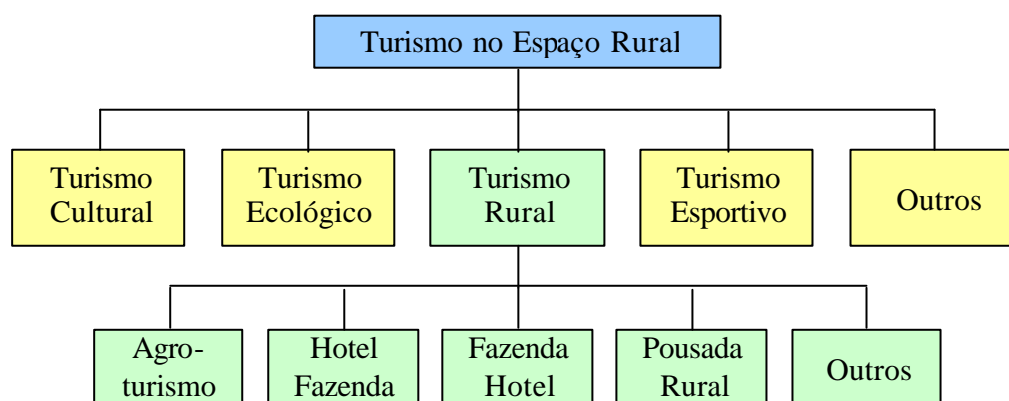


Figura 59 – Modalidades das atividades de turismo no espaço rural.

Fonte: Roque (2001)

⁹¹ Ver, por exemplo, o item 8.5.1 Cavalhada.

De acordo com levantamento realizado pela OMT (Organização Mundial do Turismo), na América Latina, dentre as atividades mais requeridas pelos turistas no espaço rural, destaca-se a cavalgada (Figura 60).

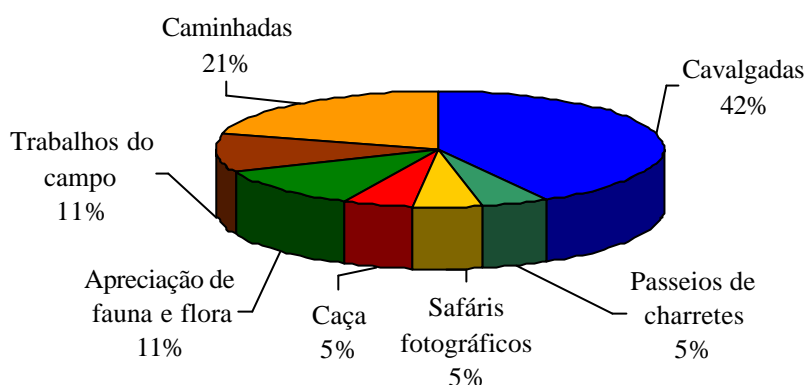


Figura 60 – América Latina: atividades mais requisitadas pelos turistas em espaço rural.

Fonte: Santo (2004)

Um dos maiores atrativos do *turismo rural* é o contato direto que ele promove entre o homem e a natureza. Isso possibilita a volta “às origens”, com enfoque no campo, longe dos grandes centros urbanos. Cada vez mais, moradores dos centros urbanos sentem a necessidade de maior contato com a natureza para, assim, melhorar sua qualidade de vida. O aumento da demanda por esportes envolvendo aventuras também tem contribuído para o crescimento dessa prática de turismo.

De acordo com as Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil, do Ministério do Turismo (Brasil, p.5-6):

“A prática do Turismo Rural, no Brasil e em outros países, vem proporcionando alguns benefícios, como:

- *Diversificação da economia regional, pelo estabelecimento de micro e pequenos negócios;*
- *Melhoria das condições de vida das famílias rurais;*
- *Interiorização do turismo;*
- *Difusão de conhecimentos e técnicas das ciências agrárias;*

- *Diversificação da oferta turística;*
- *Diminuição do êxodo rural;*
- *Promoção de intercâmbio cultural;*
- *Conservação dos recursos naturais;*
- *Reencontro dos cidadãos com suas origens rurais e com a natureza;*
- *Geração de novas oportunidades de trabalho;*
- *Melhoramento da infra-estrutura de transporte, comunicação, saneamento;*
- *Criação de receitas alternativas que valorizam as atividades rurais;*
- *Melhoria dos equipamentos e dos bens imóveis;*
- *Integração do campo com a cidade;*
- *Agregação de valor ao produto primário por meio da verticalização da produção;*
- *Promoção da imagem e revigoração do interior;*
- *Integração das propriedades rurais e comunidade;*
- *Valorização das práticas rurais, tanto sociais quanto de trabalho;*
- *Resgate da auto-estima do campesino.”*

Atualmente as atividades de turismo rural no Brasil estão concentradas nas regiões Sul e Sudeste (Figura 61). Nessas regiões há forte influencia do tropeirismo. E, o chamado *corredor tropeiro* estende-se desde São Paulo até o norte do Rio Grande do Sul. A maior parte dos estabelecimentos de turismo rural no Brasil possui área inferior a 50 ha (Figura 62).

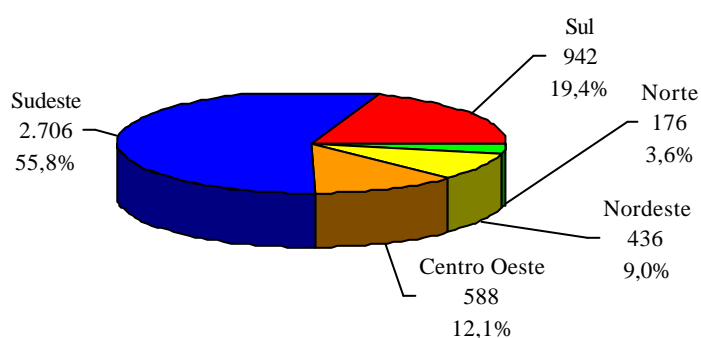


Figura 61 – Brasil: distribuição regional dos estabelecimentos com atividade de turismo rural (número e porcentagem), 2004.

Fonte: ABRATURR (2005)

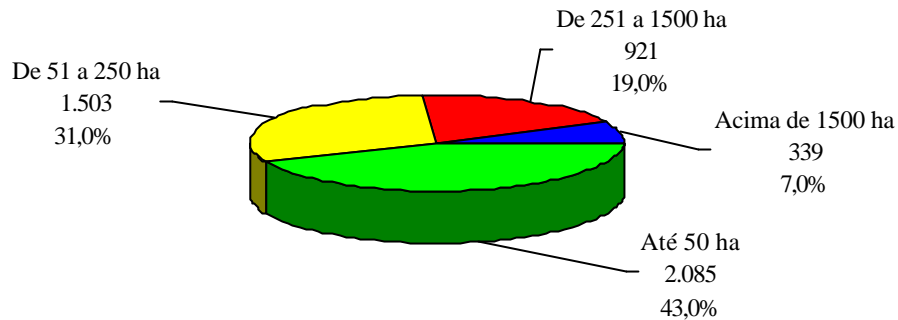


Figura 62 – Brasil: distribuição dos estabelecimentos com atividade de turismo por tamanho da propriedade rural (número e porcentagem) 2004.

Fonte: ABRATURR (2005)

O tropeirismo surgiu no Brasil Colonial, época em que o transporte era feito no lombo de animal (cavalo, asinino, muar) por trilhas que ligavam as diferentes regiões da Colônia. O tropeiro era o chefe e geralmente ia montado. O caminho do tropeiro (caminho do sul) pouco se modificou com o decorrer do tempo no percurso Sorocaba – Rio Grande do Sul. Os tropeiros do sul eram preparados para enfrentar mais de 4.000 km com perigos e desconfortos, com uma a duas viagens por ano. Apesar de atualmente existirem estradas e outros meios de deslocamento, essa cultura ainda permanece na região. Essa extensa rota serviram para orientar o sentido das marchas por onde seguiram os primeiro exploradores e povoadores da região. O Caminho de Viamão, por exemplo, foi descrito pela primeira vez em 1745.

O cavalo é um dos principais atrativos do turismo rural, tendo várias modalidades de práticas e utilizações deste animal. Os diferentes estilos estão compreendidos desde uma simples cavalgada até o turismo eqüestre, com hospedagem ou de dia de campo. Como sugere o próprio nome, o turismo eqüestre de dia de campo permite ao turista vivenciar o cotidiano da propriedade rural, dando também a oportunidade de participar das atividades rurais. Esta forma de turismo não conta com pernoite, sendo o turista mero visitante na propriedade. Esta modalidade de turismo pode visar todas as classes sociais até o nível C.

O turismo eqüestre com hospedagem é uma prática mais requintada, de maior valor agregado (hospedagem), que tem como publico alvo um turista de maior renda, ou seja, população de classe media a alta. No turismo eqüestre com hospedagem,

enquadram-se as pousadas, hotéis fazenda ou propriedades rurais que oferecem pernoite ao turista.

A cavalgada é um passeio a cavalo, ao longo de um trajeto pré-estabelecido. Este passeio pode levar algumas horas, dias ou até semanas, atravessando grandes extensões de terra e parando para um descanso de forma rústica em um estilo de acampamento. A cavalgada pode ser classificada como comercial, quando se tem preço, percurso e regularidade do passeio pré-definidos. Existem formas alternativas de cavalgadas, como aquelas promovidas pelo SENAR e por Clubes de Cavalo, Associações, romarias, entre outras.

O sub-aproveitamento do turismo rural, em especial o eqüestre, fica evidenciado quando se observa que, somente na França, a Associação Nacional de Turismo Eqüestre conta com mais de 200 mil associados. No Brasil, somente em novembro de 2004 entrou em operação a primeira operadora turística especializada em cavalgadas. Até então o Brasil, ao contrário de Argentina⁹², Chile e Uruguai, não constava nos roteiros eqüestres das agências internacionais. A demanda do mercado internacional é por roteiros de cinco dias de cavalgada, em média.

Deve-se destacar o trabalho que vêm sendo desenvolvido para a adequada exploração do grande potencial do Turismo Rural. A atividade de cavalgadas deverá ser regulamentada em 2006. Entre as normas previstas, deverá ser dada atenção especial à segurança. Outra importante iniciativa é o ordenamento e estruturação do turismo eqüestre no Brasil promovido pelo Bureau de Cavalgadas.

Estima-se que atualmente existem 100 mil usuários das atividades de cavalgadas, utilizando cerca 500 empreendimentos, a maior parte sem a estrutura adequada. Os turistas rurais em suas atividades relacionadas ao cavalo, proporcionam R\$ 21 milhões de movimentação econômica⁹³ e 1.500 postos de trabalho⁹⁴ no segmento.

⁹² O Ministério do Turismo da Argentina, por exemplo, elaborou um folheto indicando 61 pontos de cavalgada, separados por regiões.

⁹³ Ver Anexo D ao final deste estudo.

⁹⁴ Média de três pessoas por empreendimento.

8.5.1. Cavalhada

A Cavalhada (Figura 63) é uma recriação da batalha medieval em que Carlos Magno teria combatido a invasão moura na Europa no século VIII⁹⁵. Os trovadores difundiram a história, que se transformou em representação teatral, no século XII, a pedido da Rainha Isabel de Portugal. No século XVII, a cavalhada chegou ao Brasil, sendo praticada até os dias de hoje, durante a Festa do Divino, em diversas cidades, como Maceió e Messias (AL), Pirenópolis (GO), Franca e São Luis do Paraitinga (SP), entre outras.



Juca Martins / Olhar Imagem

Figura 63 – Cavalhada

1

Simbolicamente, a Cavalhada representa a luta do bem contra o mal. A sua introdução no Brasil foi incentivada pelos jesuítas como forma de catequização, mostrando a vitória dos cristãos sobre os mouros. Na encenação, doze cavaleiros

⁹⁵ Na realidade, Carlos Magno não participou de tal batalha. Foi seu sobrinho, Rolando, que junto com os pares de França lutaram na Espanha e foram derrotados. Em 5 de agosto de 778 Rolando e seus soldados foram mortos em uma emboscada na batalha de Ronces valle. Mas os trovadores alteraram a versão, resultando na estória recriada na Cavalhada.

vestidos de azul (céu) representam os 12 de França⁹⁶, que é o lado cristão (Figura 64). Outros doze cavaleiros representam os mouros (Figura 65), vestidos de vermelho (inferno). Todos os cavaleiros e cavalos são ricamente enfeitados com roupas luxuosas. Os dois exércitos possuem forte hierarquia, com rei e embaixador. Ao final da encenação, os mouros, vencidos, são convertidos ao cristianismo e batizados por um padre.



<http://www.brasifolcllore.hpg.ig.br>



<http://www.brasifolcllore.hpg.ig.br>

Figura 64 – Cavalhada: Rei Cristão.

Figura 65 – Cavalhada: Rei Mouro

Outros personagens da Cavalhada são os mascarados (denominados curucucus em algumas regiões). Eles representam as pessoas social e politicamente marginalizadas. Estas utilizam fantasias coloridas e máscaras, disfarçam a voz para não serem identificados e fazem acrobacias e brincadeiras, divertindo os expectadores (Figura 66).

⁹⁶ Nome da guarda particular de Carlos Magno.



Juca Martins / Olhar Imagem

Figura 65 – Mascarados

Durante a Cavalhada é comum, além da encenação, a prática de jogos a cavalo, como a argolinha. Neste jogo, o cavaleiro deve, com uma lança e numa corrida, retirar uma argolinha presa a uma trave por um fio.

Apesar da sua importância para a cultura regional, o seu valor histórico e o potencial para o turismo, infelizmente, não foram encontrados dados quantitativos sobre o tamanho e a movimentação econômica em torno deste tipo de manifestação popular. Nesta área, não existe um mecanismo sistemático de coleta, depuração e verificação, armazenamento e divulgação de informações referentes, por exemplo, à calendário de atividades, número de pessoas empregadas (e/ou o número de diárias trabalhadas), número de visitantes, impactos sobre o comércio e outras atividades econômicas etc. Isso impossibilitou análise mais detalhada deste segmento, dentro do agronegócio cavalo.

Embora não dimensionada quanto aos aspectos econômicos no presente estudo, a Cavalhada merece destaque pela sua força histórica e cultural e pelo potencial turístico nas localidades onde são realizadas, devendo ser alvo de políticas públicas para sua preservação.

8.6. Escolas de Equitação

As escolas de equitação apresentam uma grande dispersão, tanto geográfica quanto em tamanho. Os principais clubes hípicas possuem escolas em suas instalações. Mas, existem também escolas menores distribuídas por todo território brasileiro. Nelas, o aluno pode – desde a infância – ter aulas nas diversas modalidades esportivas⁹⁷. O custo mensal das aulas, considerando duas aulas semanais de 45 minutos cada, varia de R\$ 100,00 a R\$ 400,00. O valor da aula inclui todos custos que o aluno incorre, exceto o vestuário (equipamento). Este equipamento completo custa entre R\$ 150,00 e R\$ 300,00 (conforme a qualidade e o local de compra).

Neste tópico, o município de Volta Redonda (RJ) merece destaque. Desde 2003, encontra-se em funcionamento nesta cidade uma escola municipal de hipismo. Com uma procura por vagas superior a mil alunos, a escola está estruturada para atender, gratuitamente, mais de 100 alunos com recursos provenientes de uma parceria com um grupo empresarial. Os alunos competem em provas oficiais e têm obtido bom desempenho. Esta experiência, em que o cavalo é utilizado com sucesso para a formando e recuperando cidadãos, poderia ser replicada em diversos outros municípios. Potencialmente, isso poderia gerar renda e emprego para o Agronegócio Cavalo e produzir excepcionais resultados para a sociedade brasileira.

As escolas de equitação empregam um número considerável de pessoas. Pode-se raciocinar com as seguintes relações: três funcionários fixos (gerente, guarda, picador) e mais outros três funcionários (tratador, treinador e ajudante) para cada 10 animais. Adicionalmente, a atividade demanda serviços contratados de ferradores, veterinários e outros profissionais. Além das aulas, as escolas prestam serviços de hospedagem de animais, alugando baias. Em geral, o cliente é responsável pelos cuidados (ração, medicamentos, etc.) e o aluguel refere-se exclusivamente às instalações físicas. No entanto, existem empresas que também operam oferecendo todos cuidados com o cavalo.

⁹⁷ Ver item 8.4 – Esportes.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



151

Um importante tema em debate refere-se à regulamentação de instrutores, faltando não só normas, mas também a definição dos responsáveis por estas normas e fiscalização. Há uma linha que defende que a capacitação profissional deve ser realizada sob a responsabilidade do CONCEF (Conselho Federal de Educação Física). Para outros, escolas e centros privados, deveriam ter a responsabilidade pela formação do profissional (em nível técnico) e o mercado faria a auto-regulamentação. Há também os que preferem que capacitação ocorra através de instituições aprovadas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), com regulamentação de nível superior. Enfim, há um consenso de que a atividade de instrutor necessita de regulamentação rapidamente, mas não está clara a forma que deve ser utilizada para tanto.

Estima-se que este mercado movimentará R\$ 78 milhões por ano e ocupe 9.000 pessoas.



8.7. Jockey

Embora as corridas não oficiais de cavalos no Brasil já ocorressem com certa frequência, as corridas rasas passaram a serem disputadas oficialmente na metade do século XIX. O primeiro Clube de Corridas, oficializando a competição, foi criado em 6 de março de 1847 no Rio de Janeiro, tendo como primeiro presidente o Duque de Caxias. Sete anos depois, em 9 de junho de 1854, foi fundado o Jockey Club Fluminense e, em 16 de julho de 1868 é fundado, na mesma cidade, o Jockey Club Brasileiro.

Nesta mesma época, surgiram outros jockeys. As corridas que ocorriam no Campo da Luz, em São Paulo, deram origem, em 14 de março de 1875, ao Clube de Corridas Paulistano, posteriormente denominado Jockey Club da Mooca (percussor do Jockey Club de São Paulo). No Paraná, em 2 de dezembro de 1873, foi fundado o Clube de Corridas Paranaense, que, antes do final do século XIX, altera sua denominação para Jockey Club do Paraná. Um pouco mais tarde, em 7 de setembro de 1907, surge o Prado da Independência, posteriormente transformado em Jockey Club do Rio Grande do Sul.

Os principais jockeys em funcionamento até hoje são: Jockey Club Brasileiro (Gávea, no Rio de Janeiro); Jockey Club de São Paulo (Cidade Jardim); Jockey Club do Rio Grande do Sul (Cristal); e, Jockey Club do Paraná (Tarumã). Embora existam atualmente dezenas de jockeys com carta patente distribuídos em diferentes regiões, a maior parte encontra-se desativada.

Os jockeys de Campos (RJ) e de São Vicente (SP), embora não tenham corridas com regularidade, recebem algum destaque na indústria do turfê brasileiro. De acordo com a Portaria nº 482, de 3 de novembro de 2004, no Brasil há 41 entidades turfísticas (jockeys clubs). Desses, 18 constam como desclassificadas (Tabela 20). Dos demais 23, apenas parte pode ser considerada como ativa. Além dos seis jockeys citados anteriormente, completam a relação dos jockeys em atividade⁹⁸ os de Ponta Grossa, Goiânia, Salvador, Recife, Campo Grande, Brasília e

⁹⁸ Na realidade, os outros jockeys promovem corridas esporadicamente. Mas, como os programas ocorrem raramente, esses jockeys não foram incluídos na listas daqueles em atividade.

Sorocaba. Adicionalmente, no interior do Rio Grande do Sul existem vários locais onde são organizadas corridas em cancha reta. Entretanto, muitos desses clubes não possuem carta patente para essa finalidade.

Tabela 20 – Brasil: lista das entidades turfísticas detentoras de carta patente, por categoria de classificação, 2004.

Hipódromos de volta fechada (pista ovalada)	Hipódromos de cancha reta
Categoria A	Categoria A
Jockey Club Brasileiro	Jockey Club de Sorocaba
Jockey Club de São Paulo	Categoria B
Categoria B	Jockey Club Carazinho
Jockey Club do Rio Grande do Sul	Categoria C
Jockey Club do Paraná	Jockey Club de Alegrete
Categoria C	Jockey Club de Lages
Jockey Club de Campos	Jockey Club de Santiago
Categoria D	Desclassificados
Jockey Club de Pelotas	Jockey Club de Vacaria
Jockey Club de Minas Gerais	Jockey Club Fazenda Rio Grande
Jockey Club de São Vicente	Jockey Club Santa Bárbara do Sul
Jockey Club de Goiás	Jockey Club Sociedade Hípica da Cascata
Jockey Club Pontagrossense	Jockey Club Sociedade Hípica Dr. Ildo Pinto
Jockey Club Cachoeira do Sul	
Jockey Club de Pernambuco	
Jockey Club Santamariense	
Jockey Club Cearense	
Jockey Club de Livramento	
Jockey Club de Brasília	
Jockey Club Derby Club Sobralense	

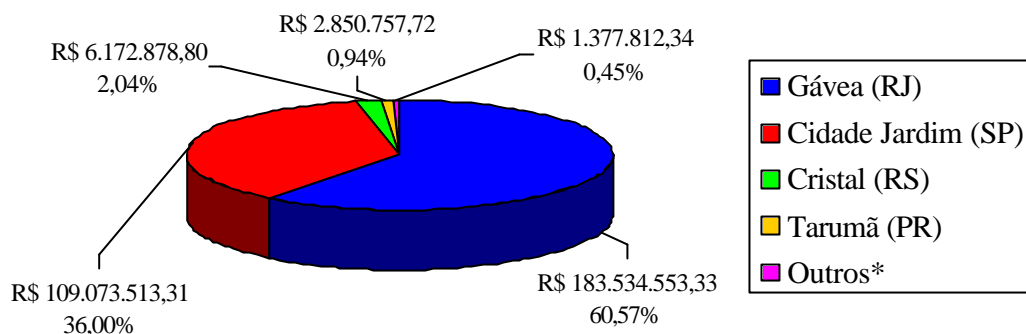
(continua)

(continuação)

Hipódromos de volta fechada (pista ovalada)	Hipódromos de cancha reta
Jockey Club de Bagé	
Desclassificados	
Jockey Club de Barretos	
Jockey Club de Campo Grande	
Jockey Club de Ipameri	
Jockey Club de Ribeirão Preto	
Jockey Club de Rio Grande	
Jockey Club de Salvador	
Jockey Club de Uruguaiana	
Jockey Club do Espírito Santo	
Jockey Club do Piauí	
Jockey Club Ipiranga	
Jockey Club Paracatuense	
Jockey Club Sociedade Hípica de Itapetininga	
Jockey Club de Taquarituba	

A Figura 66 apresenta a distribuição do movimento geral de apostas⁹⁹ nos principais jockeys do País, no ano de 2004, que totalizou R\$ 303.009.515,50. Os jockeys de São Paulo e Rio de Janeiro têm grande destaque, participando com 96,6% do movimento total.

⁹⁹ Existem várias modalidades de apostas, sendo as principais: vencedor (aposta direta no ganhador, usando o número com o qual o cavalo irá correr); placê (é a modalidade mais fácil de acertar, ganha se o cavalo apostado chegar em primeiro ou segundo lugar); e, exata (ganha o apostador que acertar os números dos cavalos na ordem direta de chegada dos dois primeiros colocados).



*Outros: Campos; Goiás; Pernambuco e São Vicente.

Figura 66 – Brasil: distribuição do movimento geral de apostas entre os principais hipódromos, em R\$ e porcentagem, ano hípico 2003/2004

Tanto na Gávea quanto em Cidade Jardim, as agências respondem pela maior parcela do movimento das apostas. O volume de apostas feitas diretamente nos hipódromos representam apenas 15,4% e 22,06% do total dos dois hipódromos, respectivamente (Figuras 67 e 68).

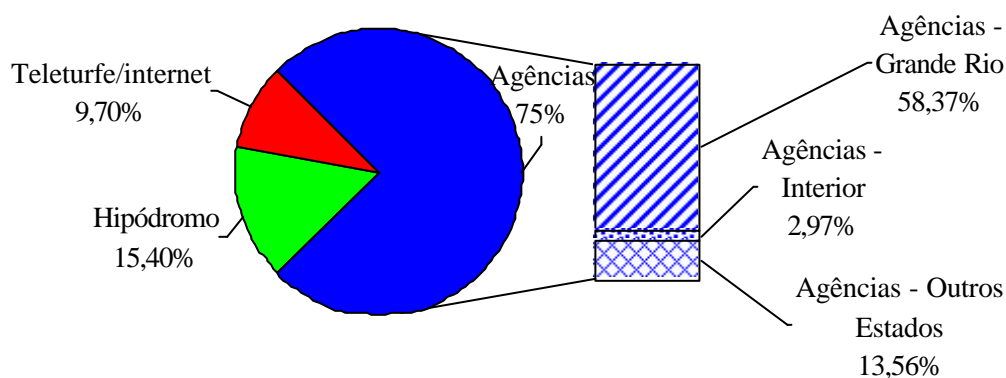


Figura 67 – Participação percentual das diferentes origens no total das apostas da Gávea, ano hípico 2003/2004

Fonte: Dados da pesquisa.

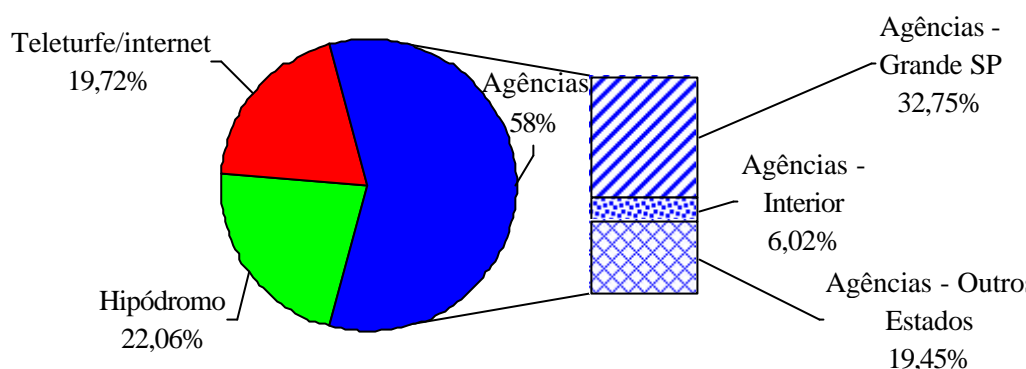


Figura 68 – Participação percentual das diferentes origens no total das apostas de Cidade Jardim, ano hípico 2003/2004

Fonte: Dados da pesquisa.

Além das provas tradicionais, no Brasil - em especial no hipódromo de Sorocaba (SP), inaugurado em 1991 - são também disputadas corridas mais curtas, nas distâncias de 228m, 275m, 301m, 365m, 402m e 503m (Quadro 7). Estima-se que, anualmente, essas corridas movimentam cerca de R\$ 2,5 milhões. Porém, esse valor não foi considerado nas ponderações apresentadas nos parágrafos anteriores.

Quadro 7 – Calendário de provas Gran Prix, 2006, Jockey Club de Sorocaba.

Dias	Mês	Distância. (m)	Dotação
11 e 12	Mar	201 301	270.000,00 25.000,00
01 e 02	Abr	301 a definir	180.000,00 20.000,00
29 e 30	Abr	365 365	450.000,00 25.000,00
27 e 28	Mai	402 402	630.000,00 50.000,00
10 e 11	Jun	a definir a definir	60.000,00 20.000,00
24	Jun	402 301 301	Não disponível
08	Jul	402 301 301	200.000,00 10.000,00 10.000,00
29 e 30	Jul	301 402 a definir	40.000,00 25.000,00 20.000,00
12 e 13	Ago	275 a definir	25.000,00 20.000,00
26 e 27	Ago	275 365 a definir	150.000,00 40.000,00 20.000,00
16 e 17	Set	301 a definir	25.000,00 20.000,00
07 e 08	Out	402 a definir	40.000,00 20.000,00
28 e 29	Out	365 a definir	25.000,00 20.000,00
18 e 19	Nov	a definir	50.000,00

Fonte: <http://www.jockeyclubdesorocaba.com.br/conteudo/calendario.htm>

Além do movimento gerado pelas apostas, os jockeys também realizam a hospedagem de animais¹⁰⁰. Neste caso, o custo médio por animal é de cerca de R\$ 1.000,00 por mês (em jockeys de menor porte, este custo cai para cerca de R\$ 250,00 mensais).

De acordo com as informações obtidas no presente estudo, em termos de emprego, os quatro principais jockeys geram 3.781 empregos diretos (Figura 69).

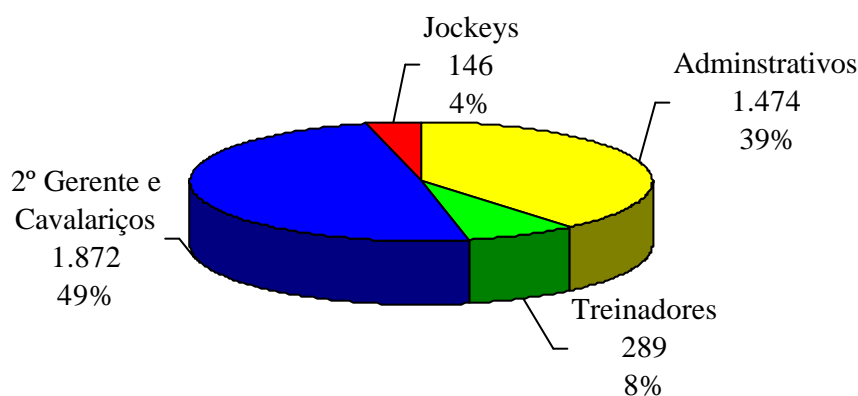


Figura 69 – Distribuição dos empregos diretos gerados pelos quatro principais Jockeys Clubs (Brasileiro, de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Sul), por categoria, em número de trabalhadores e distribuição percentual, 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

Estima-se que o segmento movimenta R\$ R\$ 359.500.000,00 anualmente¹⁰¹.

¹⁰⁰ Os jockeys possuem diversas outras atividades similares a clubes sociais e esportivos, além de receber eventos, como desfiles de moda. Este estudo analisa apenas as atividades organizadas pelos jockeys que estão relacionadas ao cavalo.

¹⁰¹ Ver Anexo D ao final deste estudo.

8.8. Trote

Na primeira metade do século passado, carroceiros que trabalhavam junto ao mercado municipal da cidade de São Paulo realizavam corridas nas ruas da região. Os participantes realizavam apostas, sendo que o prêmio era, muitas vezes, milho ou aveia. Somente na década de 40 surge um local próprio para corridas atreladas (Figura 70), o hipódromo de Vila Guilherme. Após atingir o auge nos anos 70, a atividade entrou em declínio, culminando, neste ano, com a integração da posse do hipódromo pela Prefeitura Municipal¹⁰².



Figura 70 – Corrida de trote

Até o fechamento do hipódromo, os páreos ocorriam duas vezes por semana, embora não houvesse pagamento de prêmio desde 1990. Buscando a melhora do plantel, muitos animais foram importados dos Estados Unidos e Argentina (em menor escala, vieram animais também da Itália e França). Anualmente, são realizados dois ou três eventos, com corridas mas sem apostas, para integração entre criadores e proprietários. Atualmente as atividades estão limitadas a corridas em uma pista em Indaiatuba (SP) e corridas informais entre adeptos da atividade, em geral entre apenas dois competidores (denominadas “mano a mano”).

¹⁰² Isto foi consequência de um processo de desapropriação iniciado em 1986.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Os agentes ligados ao segmento, nas entrevistas realizadas, estimaram que até o fechamento do hipódromo, nele trabalhavam cerca de 150 pessoas, gerando um movimento anual de R\$ 1 milhão.

8.9. Exposições e Eventos

As diversas associações de criadores realizam ao menos um encontro anual. Nestes encontros ocorre uma combinação de atividades como, por exemplo, competição, confraternização, operações comerciais e divulgação da raça. São eventos bastante ecléticos, de diversos tamanhos. Houve, no último ano, desde exposição com custo inferior a R\$ 1.000,00 até eventos que totalizaram centenas de milhares de reais, alguns atingindo valores próximo a R\$ 1 milhão. Além dos eventos específicos de cada raça, em 2005, ocorreu a primeira exposição brasileira reunindo diversas raças e segmentos do agronegócio cavalo, a Expo Eqüi. Cerca de 40 mil pessoas acompanharam 80 expositores e 600 animais neste evento.

Anualmente, cerca de 400 exposições e eventos são organizados com apoio das diversas associações de criadores, movimentando um montante estimado¹⁰³ em R\$ 35.000.000. Somando-se a este movimento o valor apurado em leilões de cavalos¹⁰⁴, atinge-se a movimentação total de R\$ 146.100.000,00. Em geral, cada raça realiza um evento nacional, sendo que as associações de criadores com maior número de associados realizam também diversos eventos de menor porte (alguns com características de selecionarem os participantes para o evento nacional).

A maior concentração destes eventos está nas Regiões Sul e Sudeste, mas outras regiões, mais recentemente, tem sido sede de importantes eventos. Este é o caso da Região Nordeste, que, com o sucesso da vaquejada, passou a sediar exposições e provas que antes só ocorria na Região Sudeste. A Tabela 21 exemplifica a dispersão geográfica que os eventos de uma associação de criadores pode ter. Adicionalmente, observa-se a baixa frequência de eventos durante o verão em relação às demais épocas do ano.

¹⁰³ Estimativa realizada a partir de questionário respondido pela maior parte das associações de criadores de cavalos, detalhando os eventos promovidos no âmbito de cada entidade.

¹⁰⁴ R\$ 111,4 milhões, segundo informações da DBO Editores Associados.

Tabela 21 – Brasil: eventos da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador (ABCCMM), por mês e Unidade da Federação, 2005.

	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro	outubro	novembro	dezembro	Total	Perc.
CE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1%
PB	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1%
PE	-	1	-	1	1	-	-	1	1	1	1	-	7	5%
SE	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	2	2%
AL	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	2	2%
BA	-	-	2	1	2	1	-	2	3	2	-	-	13	10%
GO	-	-	1	-	1	-	-	1	-	1	-	-	4	3%
DF	-	-	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	4	3%
MG	1	1	6	7	5	7	8	4	6	6	2	1	54	42%
ES	1	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	1	5	4%
RJ	-	1	2	1	4	2	3	2	2	1	1	1	20	15%
SP	-	1	2	2	2	-	2	2	2	-	-	1	14	11%
SC	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2	2%
RS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1%
Total	2	4	14	14	18	11	13	13	17	14	5	5	130	
Perc.	2%	3%	11%	11%	14%	8%	10%	10%	13%	11%	4%	4%		

Fonte: ABCCMM.

O principal item de custo em um evento é a sua montagem e administração. As despesas referentes a baias, camas e feno são também relevantes (Figura 71).

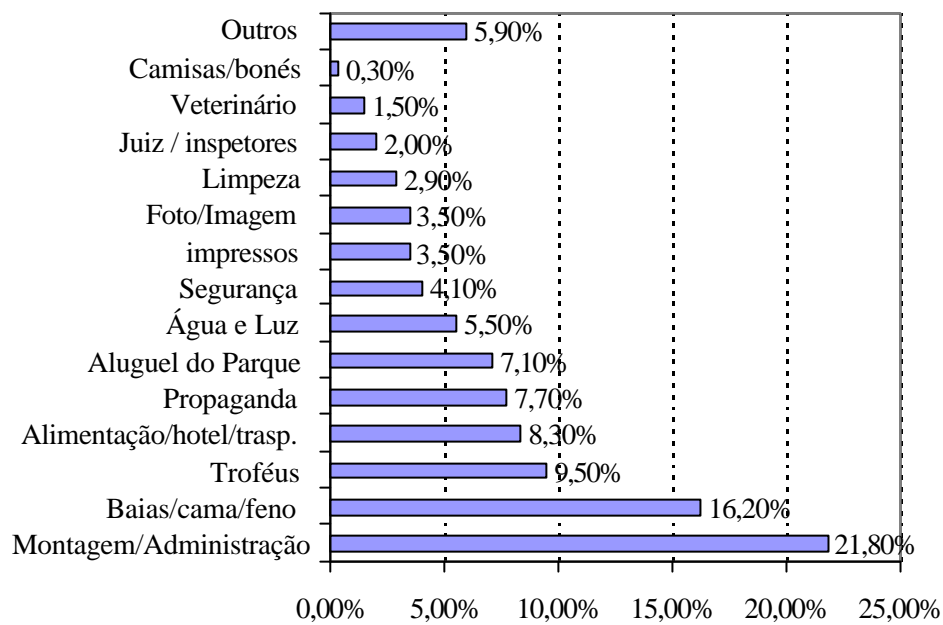


Figura 71 – Custos médios de exposições e eventos relacionados às associações de criadores, em percentual.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados coletados permitem dimensionar alguns mercados relevantes para o Agronegócio Cavalo. O de troféus, por exemplo, fatura cerca de R\$ 3,3 milhões dentro do Complexo do Agronegócio Cavalo. O segmento de baias e cama para os cavalos fatura R\$ 4,2 milhões por ano durante os eventos. Já o segmento de fotografia e filmagens adiciona um produto de R\$ 1,2 milhão, anualmente.

8.10. O Segmento “Consumidor”

No item “8.2. O Cavalos para Lida” foram apresentados cálculos referentes ao produto e ao emprego gerado nas atividades com cavalo no trabalho de auxílio a outros segmentos da pecuária (em particular, bovinos) e da agricultura pelo cavalo de lida.

No presente tópico será abordada a criação de cavalos para atividades centradas neste animal. Nestes, os cuidados com os equinos tendem a ser mais elevados (maior consumo).

Anteriormente, estimou-se que, do efetivo total da tropa brasileira (5.787.250 animais em 2004), aproximadamente cinco milhões de cavalos são utilizados na lida do gado ou no apoio às outras atividades agropecuárias. Assim, esta parte do trabalho, tem foco no plantel restante de cerca de 800.000 cavalos.

Estes animais encontram-se em estabelecimentos com diversos objetivos: comerciais (criação para vender produtos); profissionais (prestação de serviços para terceiros, como, por exemplo, escolas de equitação); e, particular (criação para uso próprio). Os tipos de estabelecimentos podem ser classificados de acordo com o Quadro 8.

Quadro 8 – Tipos de estabelecimentos eqüestres.

Tipo	Destino
Haras	Principal atividade é a criação, mas pode realizar outras atividades, como de centro de treinamento.
Centro Hípico ou Centro Eqüestre	Principal atividade é a manutenção de animais de treinamento, destinados às diversas modalidades esportivas.

(continua)

(continuação)

Tipo	Destino
Pensionato	São cocheiras de aluguel. Em geral os cavalos permanecem confinados (não possuem piquetes para soltar os cavalos)
Manége	Similar a um centro hípico, porém menor.
Rancho	Local de treinamento e/ou criação, principalmente de cavalos das modalidades <i>western</i> .
Centro de Treinamento	Local onde um profissional da modalidade prepara cavalos de propriedade de seus clientes e seus próprios animais.

Fonte: Marins & Leschonski (2005).

Para esta quantidade de animais, foram elaborados os cálculos de valores anuais apresentados a seguir.

- gastos com manutenção¹⁰⁵: $800.000 \text{ animais} \times \text{R\$ } 1.200,00 = \text{R\$ } 960.000.000,00$
- custo de aquisição¹⁰⁶ do animal considerando uma vida útil de 20 anos:
 $800.000 \text{ animais} \times (\text{R\$ } 2.000,00 \div 20 \text{ anos}) = \text{R\$ } 80.000.000,00$
- Número de funcionários nos haras e demais propriedades onde os animais são criados (parâmetros: média de 35 cavalos / 1 proprietário e de 4 funcionários / propriedade):
 $800.000 \text{ animais} \div (35 \text{ cavalos} \div 1 \text{ proprietário}) \times 4 = 91.429 \text{ funcionários}$
- Remuneração da mão-de-obra (incluindo encargos sociais):

¹⁰⁵ R\$ 100,00/mês/animal.

¹⁰⁶ Estimativa conservadora.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



$$91.429 \text{ funcionários} \times (\text{R\$ } 560,00 \times 12 \div 1 \text{ funcionários}) = \text{R\$ } 614.400.000,00$$

Assim, a estimativa da contribuição total deste segmento para o valor bruto do Agronegócio Cavalos é representado pela soma dos valores obtidos nos itens a, b e d, ou seja: R\$ 1.654.400.000,00.



9. Atividades “Pós-Porteira”

Esta parte apresenta e discute os principais agentes que se localizam a jusante da criação de cavalos. São atividades que encerram o ciclo do cavalo, e que podem ocorrer através de três formas: venda interna (leilão), venda externa (exportação) ou abate (frigorífico).

9.1. Leilões



Figura 72 – Leilão de eqüinos.

Existem, basicamente, dois tipos de leilões (Figura 72): os particulares e os de associações. Usualmente, os animais são preparados antecipadamente para deixá-los em bom estado físico, com cuidados especiais em relação aos pêlos, rabo e crina. Muitas vezes, o cavalo é maquiado (focinho, orelhas e olhos) e o casco é pintado. O preço destes serviços oscila entre R\$ 150,00 e R\$ 300,00, de acordo com o número de animais do lote e a complexidade dos arranjos. O mercado brasileiro possui empresas comercializando linhas diferenciadas de cosméticos, inclusive com ação anti-inflamatória e bactericida. Este mercado conta ainda com *shampoos*, sabonete, repelentes, desembaraçadores e outros produto específicos para as diferentes pelagens e com diferentes essências (camomila e noqueira, entre outras).

A organização de um leilão exige, além da equipe de leiloeiro e piteiros, a coordenação de diversas atividades como, por exemplo: aluguel e decoração do recinto, *buffet*, mídia, folhetos, hotéis e translados para convidados, entre outras. Um leilão de porte grande (acima de R\$ 1 milhão) envolve o trabalho direto de 40 a 50 pessoas. A complexidade desta organização varia conforme o tipo de evento, desde leilões virtuais – mais simples, que custam cerca de R\$ 30 mil – até mega eventos em

casas de espetáculos. Neste último, o custo do leilão pode atingir centenas de milhares de reais.

Atualmente, os leilões têm obtido ampla exposição e de grande alcance através de programas em canais de televisão, como o Canal Rural, Canal do Boi e Canal Terraviva.

Embora existam mais de cem empresas leiloeiras, os eventos estão concentrados nas mãos de poucas: menos de cinco empresas dominam o mercado. Estima-se que o faturamento desta indústria é de R\$ 19,1 milhões anuais¹⁰⁷.

O mercado de leilões tem apresentado um forte crescimento nos últimos anos. No período de 1995 a 2004, o número de remates praticamente dobrou, saltando de 133 para 270 no período (Figura 73). Com exceção do ano de 2004, observa-se um número ligeiramente superior de leilões no segundo semestre de cada ano.

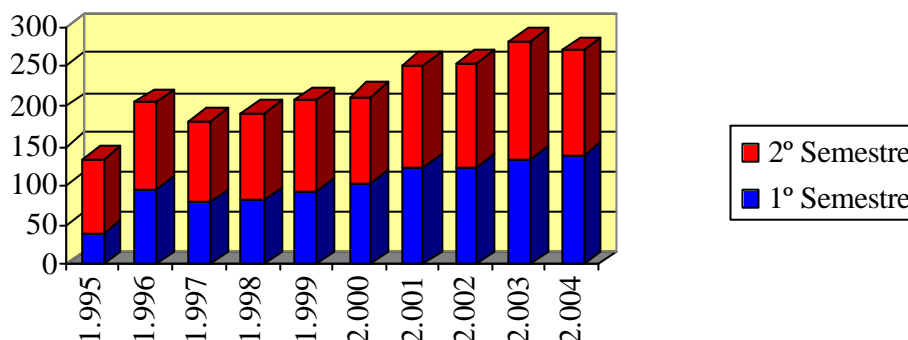


Figura 73 – Brasil: evolução do total de remates anuais em leilões de eqüinos, por semestre, 1º semestre 1995 a 2º semestre 2004.

Fonte: DBO Editores Associados.

A quantidade de animais, de coberturas e de embriões leiloados aumentou 123% de 1995 para 2004 (Tabela 22). No entanto, o volume financeiro apurado apresentou um crescimento bem mais forte, de 430% no período, saltando de R\$ 22,5 milhões em 1995 para R\$ 111,4 milhões em 2004 (Tabela 23). Isto mostra que o

¹⁰⁷ Correspondente à 16% do valor apurado em leilões de cavalos no ano.

valor médio dos negócios mais do que dobrou, passando de R\$ 4.827,23 para R\$ 11.500,43 – crescimento de 138% no período (Figura 74).

Tabela 22 – Brasil: quantidade de cavalos leiloados, 1995 a 2004.

Ano	Machos	Fêmeas	Coberturas	Embriões	N.I.	Total
1.995	881	2.157	5	178	1.440	4.661
1.996	1.781	3.476	11	298	1.178	6.744
1.997	1.871	3.175	32	246	861	6.185
1.998	1.710	2.895	70	189	999	5.863
1.999	1.936	3.108	3	140	1.300	6.487
2.000	2.063	3.314	139	180	1.364	7.060
2.001	2.197	3.792	119	166	2.629	8.903
2.002	2.551	3.553	129	222	2.455	8.910
2.003	3.287	5.144	0	338	1.584	10.353
2.004	2.780	4.609	444	580	1.961	10.374

N.I. = dados de leilões que não informavam detalhes.

Fonte: DBO Editores Associados.

Tabela 23 – Brasil: valor apurado em leilões de cavalos, 1995 a 2004, em Reais.

	Machos	Fêmeas	Coberturas	Embriões	N.I.	Total
1.995	3.994.246	7.373.944	4.240	339.530	10.787.781	22.499.741
1.996	8.494.210	13.459.634	35.400	633.844	8.745.145	31.368.233
1.997	9.161.821	15.423.444	102.410	497.180	3.913.348	29.098.203
1.998	8.732.519	15.646.587	260.967	710.420	3.086.147	28.436.640
1.999	10.321.372	17.297.482	4.200	928.716	4.569.411	33.121.181
2.000	11.702.333	20.609.879	341.994	1.872.402	8.109.793	42.636.401
2.001	15.056.509	30.494.077	255.064	2.193.930	19.743.742	67.743.322
2.002	19.223.803	34.555.783	313.333	1.919.488	18.692.162	74.704.569
2.003	31.554.593	58.754.141	10.000	5.055.495	16.008.039	111.382.268
2.004	28.524.035	61.209.280	1.422.070	7.397.140	20.752.939	119.305.464

N.I. = dados de leilões que não informavam detalhes.

Fonte: DBO Editores Associados.

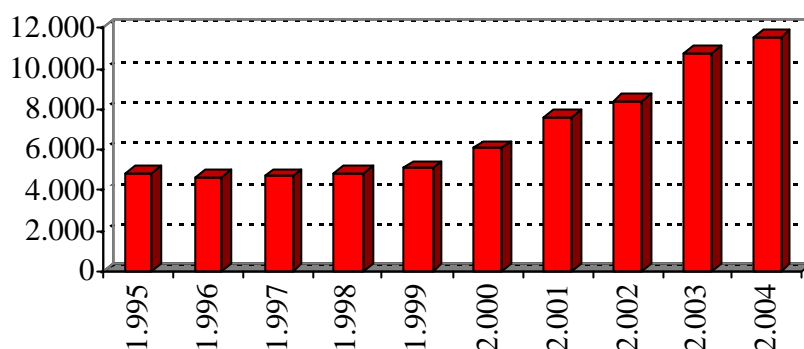


Figura 74 – Brasil: valor médio apurado em leilões de cavalos, 1995 a 2004, em Reais.

Fonte: DBO Editores Associados

A Região Sudeste concentra a maior parte destes eventos, tanto no número de remates quanto na quantidade de animais comercializados (Tabela 23). Nessa região, destaca-se o Estado de São Paulo com o maior número de leilões realizados no período de 1995 a 2004 (Figura 75).

Tabela 23 – Brasil: distribuição dos leilões realizados e quantidade de animais arrematados, por região, em número e percentagem, 1995 a 2004.

Região	Remates		Animais	
	Quantidade	Perentual	Quantidade	Perentual
Norte	38	1,74%	889	1,18%
Nordeste	252	11,55%	7.467	9,88%
Centro-Oeste	220	10,09%	6.155	8,15%
Sudeste	1.141	52,32%	44.435	58,82%
Sul	524	24,03%	16.375	21,68%
Virtual	6	0,28%	219	0,29%
Total	2.181		75.540	

Fonte: DBO Editores Associados.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP

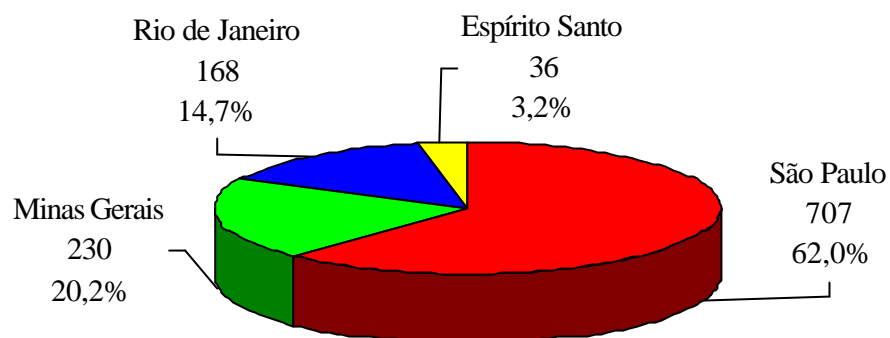


Figura 75 – Região Sudeste: distribuição dos leilões, por Estado, 1995 a 2004.

Fonte: DBO Editores Associados.

9.2. Exportações e Importações de Cavalos Vivos

A preocupação com o melhoramento do plantel brasileiro fez com que, ainda no século XIX, Duque de Caxias iniciasse e estimulasse a importação de animais de qualidade superior. Em 1907, a fundação do Posto Zootécnico da Mooca, em São Paulo (SP), reforçou a busca por animais de qualidade da Europa (principalmente na França, Alemanha e Hungria) e na Argentina.

Nos anos 80, o mercado importador viveu uma fase de euforia, em grande parte devido à crise no mercado norte-americano¹⁰⁸, que disponibilizou animais de grande qualidade a baixos preços. No entanto, a equinocultura, poucos anos mais tarde, também passou por crise no Brasil.

Após o *boom* ocorrido nos anos 80, o início da década de 90 apresentou forte crise no setor. Os que sobreviveram esta fase foram aqueles que investiram em qualidade. Isto teve reflexo positivo no plantel nacional, que passou a ter animais reconhecidos internacionalmente.

Como consequência disso, o volume de exportações brasileiras de cavalos vivos aumentou consideravelmente nos últimos anos, saltando de cerca de US\$ 260 mil, em 1996, para valores superiores a US\$ 2,0 milhões, em 2005. No período entre 1996 e 2004, o seu crescimento foi de 692%. Ou seja, nos últimos anos, essas exportações cresceram a uma taxa média aproximada de 26% a.a.. A Figura 76 apresenta a evolução das exportações anuais brasileiras de cavalos vivos.

¹⁰⁸ O Governo Reagan eliminou substancialmente uma série de significativos incentivos fiscais e creditícios, desestabilizando o setor de equideocultura nos Estados Unidos.

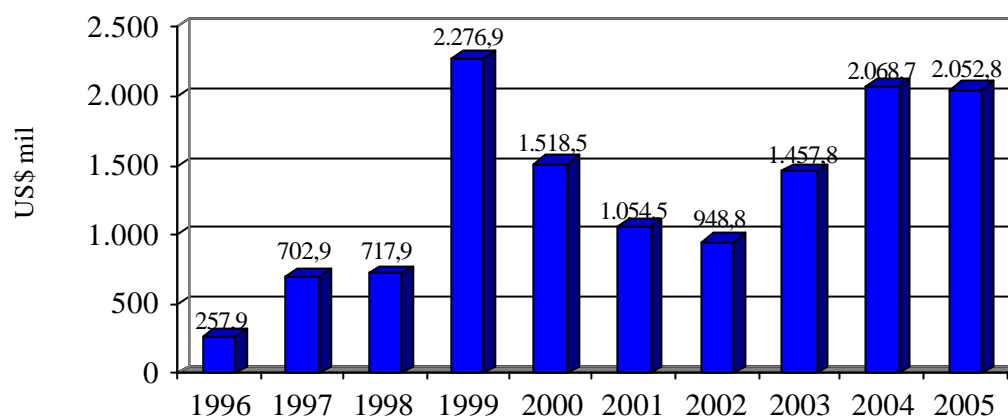


Figura 76 – Brasil: valor das exportações anuais de cavalos vivos, 1996 a 2005, em US\$ mil (FOB).

Fonte: MDIC (2006)

O principal país importador de cavalos vivos do Brasil são os Estados Unidos da América, respondendo por 38,9% das exportações em 2004 e por 50,5% em 2005. Angola aparece como segundo maior importador, com 23,9% das exportações em 2004 e 23,0% em 2005. Em 2004, o terceiro lugar foi ocupado pelo México, com 14,3%. Já, em 2005, aparece o Uruguai ocupando o terceiro lugar, com 7,14%. A Figura 77 apresenta os destinos das exportações brasileiras de cavalos vivos no ano de 2005.

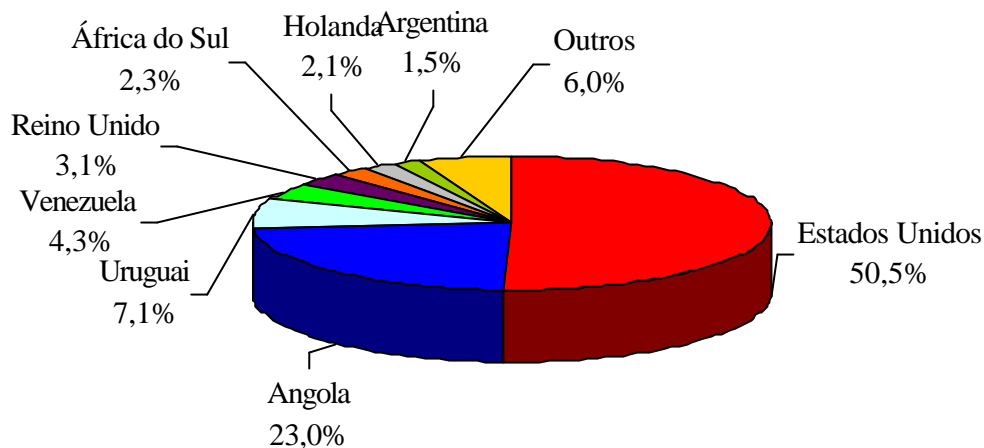


Figura 77 – Brasil: principais destinos das exportações de cavalos vivos no ano de 2005, em percentagem do valor total das exportações.

Fonte: MDIC (2006)

Tradicionalmente, os Estados Unidos e África do Sul têm sido mercados para os cavalos vivos do Brasil. Entretanto, mais recentemente, o Brasil tem buscado oportunidades em outros mercados (Tabela 24).

Tabela 24 – Brasil: volume das exportações anuais de cavalos vivos, por país de destino, 2000 a 2005, em US\$ mil (FOB).

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005
África do Sul	10,0	70,4	72,0	48,0	30,0	47,0
Alemanha	–	13,4	12,0	7,0	6,0	10,6
Angola	–	–	–	–	494,3	472,0
Arábia Saudita	–	–	2,0	–	28,2	–

(continua)

(continuação)

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Argentina	85,0	53,4	21,5	22,3	30,6	31,5
Áustria	4,9	18,6	5,5	–	8,3	4,8
Bahamas	7,0	–	–	–	–	–
Bélgica	5,5	17,5	15,3	10,8	1,5	7,0
Bolívia	–	–	–	–	–	1,7
Chile	1,2	24,4	10,4	69,1	8,0	2,0
Emirados Árabes Unidos	–	40,0	13,0	47,2	13,2	27,0
Equador	–	4,5	–	–	39,1	22,4
Espanha	–	–	3,8	11,8	9,0	5,0
Estados Unidos	1.253,3	698,8	656,8	985,1	804,0	1.037,2
França	3,0	–	–	3,0	22,0	25,0
Guiana Francesa	–	3,9	–	–	–	–
Irlanda	4,5	–	–	–	–	–
Itália	–	4,0	2,0	10,5	13,1	14,0
Jordânia	–	–	–	–	5,8	–
México	65,9	29,6	–	216,2	295,5	3,0
Noruega	–	–	–	–	3,8	–
Países Baixos (Holanda)	10,0	–	–	–	4,5	44,0
Panamá	–	1,5	38,5	–	2,0	–
Paraguai	18,1	5,3	9,2	29,7	–	–
Portugal	–	6,5	–	28,0	24,2	–
Reino Unido	4,8	9,5	3,0	32,5	29,7	63,1

(continua)

(continuação)

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Uruguai	43,3	45,8	75,5	56,1	143,9	146,5
Venezuela	–	7,5	8,4	–	51,4	88,9
Total	1.518,5	1.373,5	948,8	1.577,4	2.068,2	2.052,8

Fonte: MDIC (2006)

O Estado de São Paulo tem sido o maior exportador brasileiro, seguido por Rio de Janeiro. No período analisado, tanto o volume exportado por São Paulo quanto pelo Rio de Janeiro tem mostrado tendência de aumento (Tabela 25).

Tabela 25 – Brasil: valor das exportações anuais de cavalos vivos, por unidade da federação, 2000 a 2005, em US\$ mil (FOB).

UF	2000	2001	2002	2003	2004	2005
CE	–	–	–	–	8.000	–
GO	1.800	–	–	–	–	–
MT	–	–	–	–	–	5.000
MS	19.139	5.300	400	–	–	3.300
MG	13.400	1.500	3.000	5.500	57.625	90.747
PA	–	3.856	–	–	–	–
PE	–	13.404	–	–	6.000	–
PR	–	35.640	16.375	42.879	15.000	62.446
RJ	615.197	592.700	185.201	166.170	180.600	203.800

(continua)

(continuação)

UF	2000	2001	2002	2003	2004	2005
RS	26.670	35.970	62.523	39.379	106.750	89.405
RO	–	–	–	–	–	1.725
SC	–	–	–	–	–	3.900
RR	–	–	8.436	–	–	–
SP	819.236	669.282	665.378	1.167.469	1.622.263	1.540.884

Obs.: A soma das exportações por Unidade da Federação não corresponde ao total exportado pelo Brasil, pois há uma parcela das exportações que não se encontram identificadas no MDIC (2006).

Fonte: MDIC (2006).

Da mesma forma que no caso das exportações, os Estados Unidos são também os principais parceiros no que se refere às importações brasileiras de cavalos vivos¹⁰⁹. Chile e Bélgica também têm sido importantes fornecedores de cavalos para o Brasil (Tabela 26).

Tabela 26 – Brasil: evolução do volume anual de importação de cavalos vivos, 2000 a 2005, em US\$ mil (FOB).

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Alemanha	28,8	36,7	6,0	12,0	2,7	32,6
Argélia	–	–	–	–	–	55,0
Argentina	177,8	310,3	121,1	93,6	96,7	76,2

(continua)

¹⁰⁹ Os Estados Unidos adquiriram um destaque especial no comércio com o Brasil na década de 80. Naquela época, durante o ajuste fiscal imposto pelo Governo Reagan, houve a suspensão dos fartos subsídios e benefícios que eram concedidos aos criadores de cavalos norte-americanos. Isso acabou afetando fortemente a indústria de equinos, instalando uma crise nos Estados Unidos que criou grandes oportunidades para importadores brasileiros. Foi uma época que exemplares de excelentes linhagens foram trazidos para o Brasil, impulsionando a criação nacional.

(continuação)

País	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Bélgica	63,7	85,5	85,5	88,6	73,6	119,1
Canadá	3,0	–	–	–	–	–
Colômbia	4,5	–	–	–	–	–
Chile	–	2,0	21,5	20,0	57,8	168,7
Estados Unidos	213,7	150,1	199,2	201,9	232,2	245,9
França	8,1	25,9	20,0	2,9	9,0	6,8
Hungria	–	–	2,0	–	–	–
Irlanda	–	–	14,5	4,7	2,3	–
México	1,5	–	3,0	–	–	–
Países Baixos (Holanda)	11,7	6,5	1,0	–	71,1	85,9
Paraguai	–	17,9	–	1,6	–	–
Polônia	100,0	17,6	–	2,3	–	–
Portugal	–	52,0	23,0	20,0	17,5	52,9
Reino Unido	3,6	20,5	8,8	12,8	1,4	9,9
Suécia	3,5	3,5	8,5	2,1	101,5	14,5
Uruguai	1,3	7,2	8,9	8,9	4,2	5,7
Não Identificado	–	–	–	–	–	3,2
Total	629,6	746,1	533,1	457,3	674,1	867,6

Fonte: MDIC (2006)

Estados que tradicionalmente não eram destinos das importações brasileiras – Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso – surgem com volumes significativos de importações em 2005 (Tabela 27).

Tabela 27 – Brasil: evolução do volume anual das importações de cavalos vivos, por unidade da federação de destino, 2000 a 2005, em US\$ (FOB).

Unidade da Federação	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Bahia	–	–	5.500	–	–	–
Espírito Santo	–	–	–	–	–	113.050
Goiás	–	–	–	–	4.000	39.819
Mato Grosso	–	–	–	–	9.000	20.000
Mato Grosso do Sul	4.000	12.700	–	–	–	–
Minas Gerais	3.500	–	10.927	1.675	1.852	16.255
Paraná	–	7.645	7.288	–	–	9.540
Rio de Janeiro	–	17.900	2.000	–	–	–
Rio Grande do Sul	23.900	50.500	58.823	95.206	215.097	65.941
São Paulo	27.000	39.100	69.525	11.000	6.065	83.780

Obs.: A soma das importações por Unidade da Federação não corresponde ao total importado pelo Brasil, pois há uma parcela das importações que não se encontram identificadas no MDIC (2006).

Fonte: MDIC (2006)

As Tabelas 28 e 29 apresentam os principais países exportadores e importadores de cavalos vivos no mercado mundial. A comparação dos países que constam dessas tabelas com aqueles apresentados nas Tabelas 24 e 26 mostra que o Brasil não tem entre seus parceiros tradicionais, com poucas exceções (principalmente dos Estados Unidos), os principais países exportadores e importadores em nível mundial. Isto indica que ainda há um grande mercado para ser explorado e conquistado pelo Brasil no comércio internacional de cavalos vivos. Curiosamente, o Brasil ocupou a 31ª posição tanto nas exportações mundiais (0,11% do mercado) quanto nas importações mundiais (0,06% do mercado).

Tabela 28 – Mundo: volume das exportações (em US\$ mil FOB) e participação percentual dos principais países no mercado de cavalos vivos, em 2004.

País	Exportação	
	US\$ Mil	Participação
Estados Unidos	514.859	26,84%
Reino Unido	348.251	18,16%
Emirados Árabes	166.480	8,68%
Irlanda	147.341	7,68%
França	124.075	6,47%
Holanda	101.121	5,27%
Nova Zelândia	85.748	4,47%
Alemanha	84.081	4,38%
Austrália	79.539	4,15%
Polônia	48.261	2,52%
Canadá	43.282	2,26%
Outros	175.040	9,13%
Total	1.918.078	100,00%

Fonte: FAO (2006)

Tabela 29 – Mundo: volume das importações (em US\$ mil (FOB) e participação percentual dos principais países no mercado de cavalos vivos, 2004.

País	Importação	
	US\$ Mil	Partic.
Reino Unido	597.313	29,90%
Emirados Árabes	261.222	13,08%
Estados Unidos	248.855	12,46%
Irlanda	238.730	11,95%
Japão	115.916	5,80%
Itália	88.376	4,42%

(continua)

(continuação)

País	Importação	
	US\$ Mil	Partic.
França	75.412	3,78%
China e Hong Kong	58.977	2,95%
Austrália	48.727	2,44%
Canadá	31.362	1,57%
Suíça	27.146	1,36%
Outros	205.569	10,29%
Total	1.997.605	100,00%

Fonte: FAO (2006)

Os cavalos de corrida compõem um do segmento mais ativo no comércio internacional. Analisando a evolução das importações e exportações desses animais, é interessante notar que, no Brasil, há maior frequência de fêmeas nas importações, enquanto que nas exportações predominam os machos (Figura 79).

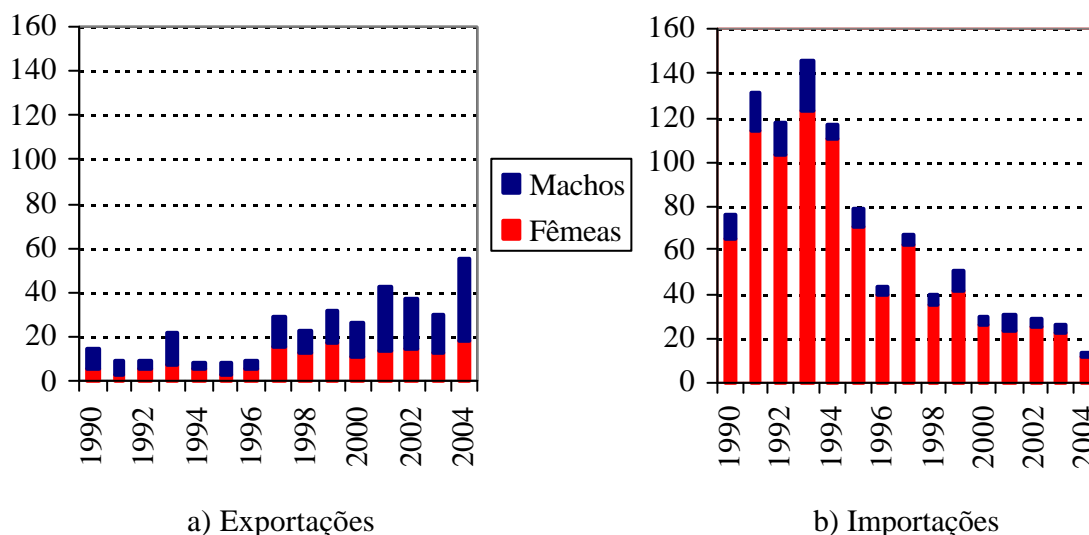


Figura 79 – Brasil: evolução do número de animais exportados e importados anualmente para (de) os Estados Unidos, por sexo, 1990 a 2004.

Para o transporte, os animais¹¹⁰ são colocados em *pallets*. Cada *pallet* (que comporta três cavalos) é comercializado por unidade, e o seu custo independe do número de animais transportados (apenas um animal, deixando espaço de dois cavalos ociosos ou três animais, utilizando integralmente os espaços disponíveis). Isto faz com que o número de animais nas operações de importações e exportações sejam – preferencialmente – múltiplos de três. As despesas associadas ao comércio internacional são consideravelmente altas em razão das suas características peculiares. Além do *pallet*, existem despesas relacionadas aos seguintes itens: quarentena dos cavalos (mínimo de 21 dias); exames obrigatórios para emissão de certificado zôo-sanitário, carimbo do zôo-sanitário na Embaixada Brasileira (no país de origem das importações); passagem e despesas de acompanhante (veterinário); sobretaxa de combustível no transporte aéreo (excesso de peso); e, despachante. Somando estas despesas, a importação de um *pallet* da Europa, por exemplo, totaliza 17.000 euros, ou seja, aproximadamente seis mil euros por cavalo.

Outras despesas ocorrem com animal, após chegada, em solo brasileiro. Entre outros têm-se: despesas com despachante; despesas de Associação de Criadores ou CBH para emissão de parecer zootécnico requerido na liberação da importação no MAPA (R\$ 1.000 por cavalo); despesas de aeroporto; e, impostos. De tributos, incide ICMS – 17% do valor CIF, isto é, com a adição do valor do frete na base de cálculo – e COFINS (16% do valor CIF). Excetuando o valor dos impostos (que variam de acordo com o valor dos animais, incluindo o frete), as despesas por animal atingem valores entre sete e oito mil reais.

Pelo exposto acima, para que ocorra diluição de custos, só é interessante a importação de cavalos de alto valor.

O segmento de importação e exportação de cavalos vivos movimenta cerca de R\$ 9 milhões anualmente¹¹¹.

¹¹⁰ Os autores agradecem a veterinária Adriana Busato pela colaboração no levantamento destas despesas.

¹¹¹ Ver Anexo D ao final deste estudo.

9.3. Carne

O aproveitamento da carne de cavalo não implica na mudança do objetivo de sua criação, mas constitui aproveitamento complementar da espécie¹¹². No Brasil, não existe criação de cavalo exclusivamente para o aproveitamento de sua carne. Esta utilização resulta num valor adicional do animal, podendo incentivar sua criação.

Na Europa, a carne de cavalo era consumida sem restrições até a Idade Média. Ela era, inclusive, utilizada em cerimônias religiosas teutônicas em adoração ao deus Odin (França, 2004). Para combater os costumes pagãos, o papa Zacarias (741-742) proibiu o consumo de carne cavalo. Somente no início do século XIX, o preconceito contra este tipo de carne começou a decrescer, sendo seu consumo expandido durante períodos de guerra (Torres & Jardim, 1977). Atualmente, a carne de cavalo é consumida principalmente na Europa e na Ásia, inclusive na forma de embutidos (muitas vezes misturada com carne de porco ou outras carnes).

Como atrativos para o consumidor, a carne de cavalo apresenta uma agradável cor vermelha (Figura 80) e baixo teor de gordura quando comparada com a carne bovina (Tabela 30).



Figura 80 – Carne de cavalo: exemplos de alguns cortes.

¹¹² Este capítulo baseia-se na monografia Orsolini (2005).

Tabela 30 – Composição química (Koenig) da carne bovina e da carne eqüina.

Classe	Composição				
	Água	Albuminóides	Graxas	Hid. Carb.	Cinzas
Carne bovina gorda	56,2%	18,0%	25,0%	–	0,8%
Carne bovina magra	75,5%	20,5%	2,8%	–	1,2%
Carne eqüina	74,7%	21,5%	2,5%	0,3%	1,0%

Fonte: Torres & Jardim (1977)

Em termos mundiais, quatro países concentram as exportações de carne de cavalo: Bélgica, Argentina, Canadá e Polônia. Somados, esses países responderam, em 2004, por mais de 50% do volume mundialmente exportado (Figura 81).

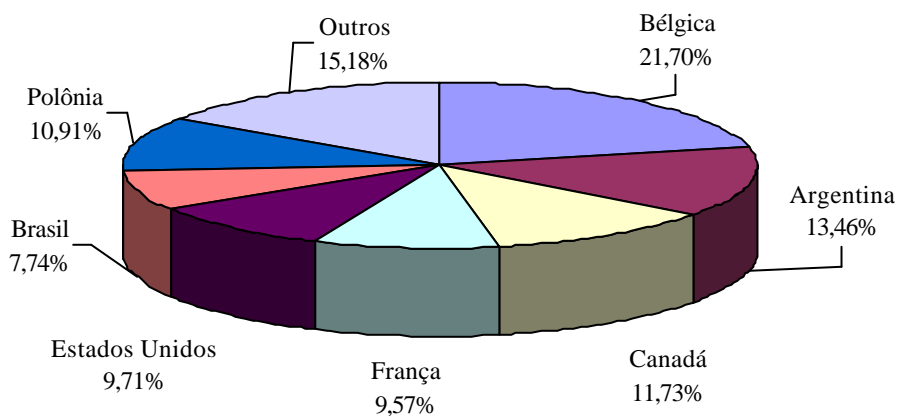


Figura 81 – Participação percentual dos maiores países exportadores de carne de cavalo no total mundial, em 2004.

Fonte: FAO (2006)

Muitos países exportadores são também importantes importadores de carne de cavalo. Da mesma forma que as exportações totais, as exportações líquidas (valor das exportações deduzido o valor das importações), estão também concentradas em poucos países. Mas, observam-se alterações significativas. Alguns países, como a Bélgica, por exemplo, importam carne de cavalo *in natura* para produção de embutidos que são re-exportados. Assim, os maiores exportadores mundiais líquidos de carne de cavalo são: Argentina, Canadá, Polônia, Estados Unidos e Brasil. Em 2004, esses cinco países responderam por 87% do volume exportado líquido no mercado mundial (Figura 82).

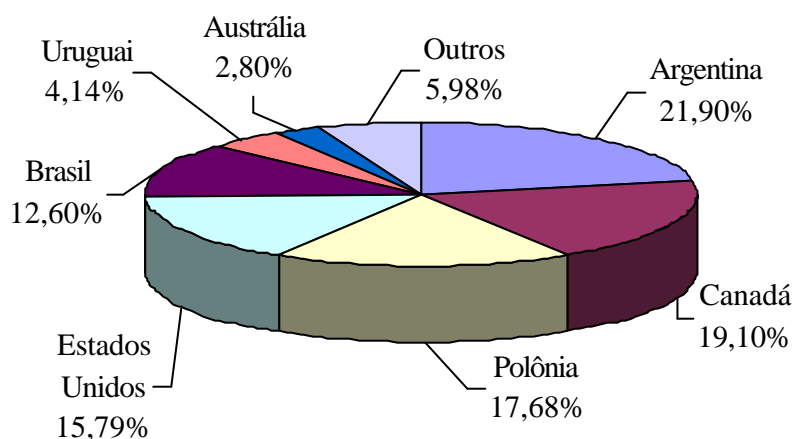


Figura 82 – Participação percentual dos maiores países exportadores mundiais líquidos – em US\$ – de carne de cavalo, em 2004.

Fonte: FAO (2006)

A concentração do mercado mundial de carne de cavalo ocorre também entre os importadores. Três países (França, Bélgica e Itália), responderam, em 2004, por 64,6% do volume importado no mercado mundial (Figura 83).

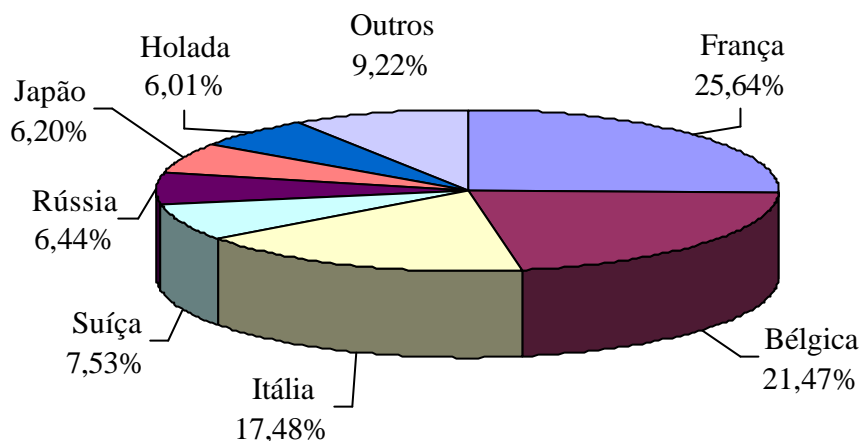


Figura 83 – Participação percentual dos maiores países importadores no montante total, em US\$, comercializado de carne de cavalo no mundo, em 2004.

Fonte: FAO (2006)

No cálculo das importações líquidas (valor das importações deduzido do valor das exportações), nota-se que o mercado é ainda mais concentrado. Quatro países (França, Itália, Suíça e Rússia) responderam, em 2004, por 77,1% do volume de importações líquidas no mercado mundial (Figura 84).

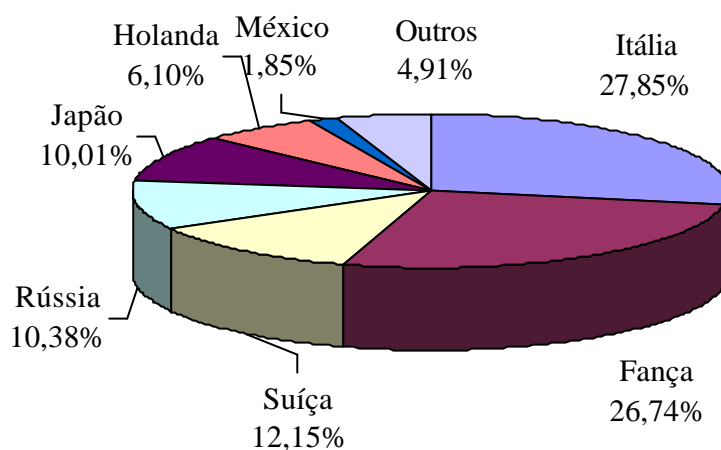


Figura 84 – Participação dos maiores importadores líquidos de carne de cavalo em nível mundial, no ano de 2004.

Fonte: FAO (2006)

No Brasil, a quase totalidade da produção de carne eqüina destina-se ao mercado externo, sendo desprezível o valor comercializado internamente. Na exportação, apenas sete frigoríficos – distribuídos nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais – respondem pela totalidade do comércio externo de carne de cavalo (Tabela 31). Além destes frigoríficos, apenas mais um apresentava autorização do SIF (Serviço de Inspeção Federal) para o abate de eqüídeos, o Notaro Alimentos S.A., no município de Belo Jardim (PE), conforme informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2006). Deve-se destacar que a legislação brasileira não permite que um matadouro de bovinos ou outro animal também realize abate de eqüinos.

Tabela 31 – Brasil: Frigoríficos habilitados a exportar carne de cavalo, 2006.

Frigorífico	Localização
King Meat Alimentos do Brasil S.A.	Apucarana (PR)
Rei do Gado Fazendas Ltda	Santa Fé (PR)
Pomar S.A. Industrial e Comercial	Araguari (MG)
Três Vale S/A Industrial e Comercial de Carnes	Teófilo Otoni (MG)
Matadouro Itaobim S.A. – MAISA	Itaobim (MG)
Frigorífico Miramar Ltda	Pelotas (RS)
Frigorífico Foresta Ltda	São Gabriel (RS)

Fonte: MAPA (2006).

O volume de exportações brasileiras de carne de cavalo tem crescido anualmente. Nos últimos 15 anos, entre 1990 e 2005, as exportações setuplicaram, passando de menos de US\$ 5 milhões para valores próximos a US\$ 34 milhões, com crescimento médio anual de 13,8%. A Figura 85 apresenta a evolução das exportações anuais brasileiras de carne equina, desde 1989.

Em termos estacionais, as exportações de carne de cavalo apresentam estabilidade, sem oscilações significativas ao longo do ano (Orsolini & Lima, 2004).

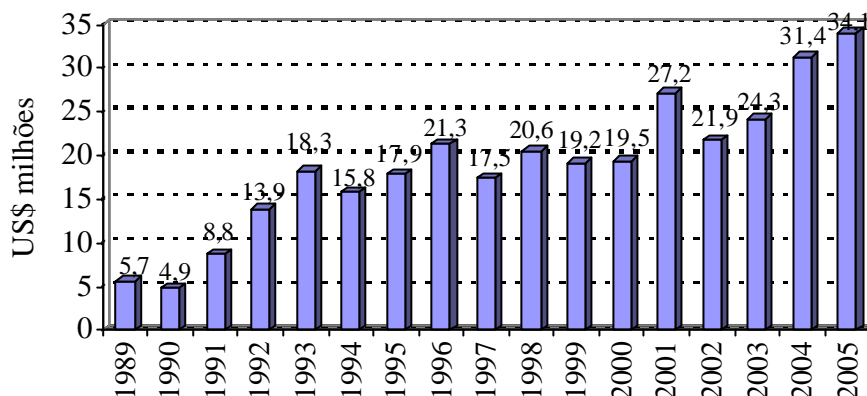


Figura 85 – Brasil: evolução do valor das exportações anuais de carne de cavalo, 1989 a 2005, em US\$ (FOB).

Fonte: MDIC (2006)

O Paraná é, atualmente, o maior estado exportador de carne de cavalo no Brasil (Figura 86). Além disso, nos últimos três anos, a sua participação cresceu significativamente. Em ordem de importância, este estado é seguido pelo Rio Grande do Sul e Minas Gerais (Tabela 32). Ao contrário do Paraná, no período analisado, o Rio Grande do Sul vem diminuindo a sua participação nas exportações brasileiras de carne de cavalo, passando de 40,47% em 1996 para 24,32% em 2005. Por outro lado, o Estado de Minas Gerais manteve a terceira posição no período, exceto no ano de 2001. Os demais Estados – São Paulo, Santa Catarina e Espírito Santo – apresentam participações marginais na produção e exportação de carne de cavalo.

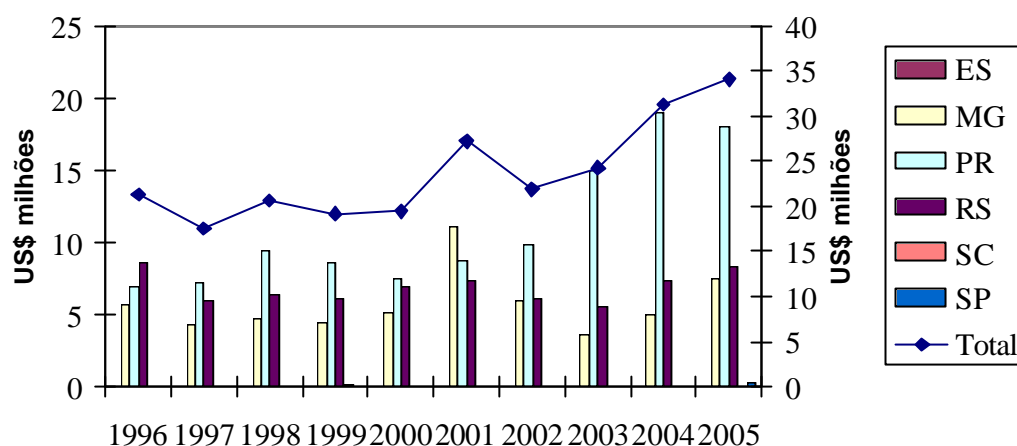


Figura 86 – Brasil: origem das exportações de carne de cavalo, 1996 a 2005, em milhões de dólares FOB.

Fonte: MDIC (2006).

Tabela 32. Brasil: origem das exportações de carne de cavalo, 1996 a 2005, em percentual.

Origem	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Espírito Santo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,00	0,00
Minas Gerais	26,91	24,46	22,96	22,83	26,15	40,62	27,02	15,08	15,90	21,91
Paraná	32,57	41,17	45,93	44,76	38,35	32,34	45,11	61,81	60,84	52,83
Rio Grande do Sul	40,47	34,37	31,11	31,95	35,50	27,04	27,88	23,05	23,27	24,32

(continua)

(continuação)

Origem	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Santa Catarina	0,00	0,00	0,00	0,46	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
São Paulo	0,05	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,93

Fonte: MDIC (2006).

O meio de transporte mais utilizado na exportação de carne de cavalo é o marítimo que responde por 86% do valor das exportações (Tabela 33). A carne exportada por via marítima é a congelada. A carne resfriada, de maior valor unitário (US\$/t), é transportada via aérea. O meio rodoviário, por sua vez, tem participação desprezível na exportação de carne de cavalo.

Os portos internacionais de destino mais utilizados são os de Rotterdam (Holanda), Yokohama (Japão), Antuérpia (Bélgica), Gênova (Itália) e Osaka (Japão).

Tabela 33 – Brasil: meios de transporte utilizados para a exportação de carne de cavalo, 1996 a 2005, em percentagem.

Meio	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Aéreo	13,51	19,22	11,76	14,26	20,00	32,36	18,91	20,81	19,53	14,11
Marítimo	86,49	80,78	88,24	85,74	80,00	67,64	81,05	79,19	80,47	85,89
Rodoviário	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00

Fonte: MDIC (2006).

Apesar do Estado de São Paulo não ter importância no abate e na origem das exportações, este Estado possui dois dos mais importantes portos para a exportação do País: o aeroporto de Guarulhos na Grande São Paulo e o porto marítimo de Santos. Em 2005, esse aeroporto respondeu por 13,88% do total das exportações (98,38% das exportações aéreas). Neste mesmo ano, a soma das exportações feitas a partir de São Paulo (Santos e Guarulhos) totalizou 34,01% do total exportado pelo País (Tabela 34).

Em razão da perda da importância do Estado no abate, o Porto de Rio Grande (RS) vem também reduzindo a sua participação nos embarques, caindo de mais de 32% das exportações em 1996 para 23,5%, em 2005. O Porto de Paranaguá (PR), apresentou comportamento oposto, aumentando a sua participação de 14% para 35% no período analisado (Tabela 34).

Tabela 34 – Brasil: evolução da participação percentual dos principais portos brasileiros nas exportações anuais de carne de cavalo, 1996 a 2005.

Porto	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Campinas	0,00%	0,00%	1,65%	0,00%	0,08%	0,44%	0,00%	0,07%	0,00%	0,00%
Chuí	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,24%	0,00%
Foz do Iguaçu	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,04%	0,00%	0,00%	0,00%
Itajaí	11,78%	11,24%	13,36%	14,31%	16,67%	13,49%	9,80%	19,66%	6,94%	7,06%
Paranaguá	14,06%	16,01%	27,11%	25,24%	15,95%	10,82%	23,04%	24,86%	31,35%	35,14%
Porto Alegre	0,04%	0,04%	0,00%	1,81%	2,23%	2,40%	1,25%	0,57%	0,32%	0,22%
Rio de Janeiro	2,31%	2,37%	2,51%	0,62%	0,30%	3,16%	0,04%	1,32%	0,00%	0,01%
Rio Grande	32,29%	30,32%	28,11%	27,04%	31,09%	21,39%	22,77%	21,51%	21,99%	23,49%
Santos	23,15%	19,56%	19,07%	15,65%	12,69%	18,15%	21,08%	12,08%	14,06%	20,13%
São Francisco do Sul	5,20%	3,65%	0,58%	3,50%	3,60%	3,78%	4,36%	1,08%	6,56%	0,07%
São Paulo	11,17%	16,82%	7,60%	11,83%	17,40%	26,37%	17,62%	18,86%	18,55%	13,88%

Fonte: MDIC (2006).

Entre os destinos das exportações brasileiras de carne de cavalo destacam-se Bélgica e Holanda (juntos, respondem por 50,5% das exportações), além de Itália, Japão e França (Figura 87).

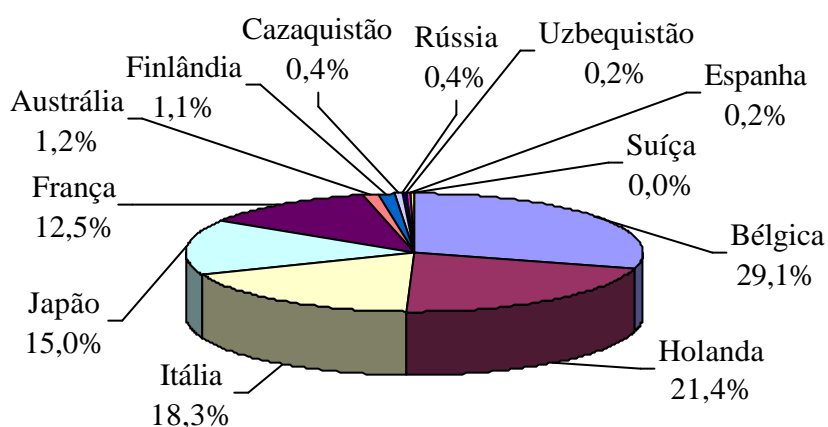


Figura 87 – Brasil: principais destinos das exportações de carne de cavalo no ano de 2005, em percentagem do valor total das exportações.

Fonte: MDIC (2006)

O Brasil tem aparecido como um dos principais exportadores mundiais e tem apresentado melhoria em diversos indicadores de competitividade, tais como: elevação da sua participação no mercado mundial; e, vantagem comparativa com relação aos países do Mercosul. Entretanto, as vendas brasileiras estão concentradas em países também exportadores, como Holanda, Bélgica e Itália. Assim, percebe-se que há espaço para o crescimento das exportações brasileiras de carne de cavalo. Porém, para tanto, é necessário continuar elevando a competitividade, buscando maior aproximação aos índices atingidos pelos demais países do Mercosul, assim como explorar melhor os principais mercados importadores, como, por exemplo, a Rússia (através da adequação sanitária).



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



A indústria de carne de cavalo é responsável pela criação de milhares de empregos diretos e indiretos no país. A demanda direta de trabalhadores nos frigoríficos é de um funcionário para cada animal abatido ao dia. Ou seja, para um abate de 100 animais ao dia, o frigorífico deve ter em torno de 100 funcionários. Além destes, a indústria gera também milhares de empregos indiretos, como tropeiros, motoristas, empregos em curtumes, entre outros.

Segundo informações do Sistema de Inspeção Federal (SIF), são abatidos cerca de 200.000 eqüideos, anualmente¹¹³. Considerando que para atingir essa quantidade de abate os frigoríficos estejam operando com abate de 1.000 animais por dia, estima-se que estejam sendo empregadas 1.000 pessoas nesse segmento.

Considerando o volume exportado em 2005 (US\$ 34.109.303) e a taxa de câmbio no encerramento de 2005 (R\$ 2,34/US\$), estima-se que o setor fature R\$ 80 milhões por ano.

¹¹³ Foram abatidos 205.600 eqüideos em 2004 e 199.355 em 2005.



9.3.1. Curtume

A pele de cavalo, salgada nos frigoríficos e processada em curtumes (no Brasil, esta atividade está limitada em apenas um curtume no Rio Grande do Sul), é destinada para fábricas de calçados femininos (ela é muito fina e frágil para os masculinos), bolsas e artefatos, além de exportação.

A qualidade do couro de cavalo é inferior ao do bovino. Ao contrário do boi, o cavalo é abatido velho. Isso eleva a probabilidade do animal ter enfrentado doenças e problemas que prejudicam a qualidade de seu couro. Como consequência, o seu preço é inferior ao couro bovino.

Cerca de 160 pessoas trabalham no setor, que fatura R\$ 15 milhões por ano.



10. Atividades de Apoio

Esta parte do relatório apresenta e discute os agentes que contribuem para o adequado desempenho do Complexo do Agronegócio Cavalos, interferindo e facilitando as diversas transações que ocorrem ao longo de toda a sua estrutura: antes, dentro e pós-porteira.

10.1. Seguro

O mercado brasileiro de seguro de cavalo está concentrado em duas seguradoras que operam com um número relativamente baixo de animais. Estima-se que apenas cinco mil cavalos são segurados no País. Os seguros são realizados em diversas modalidades, nomeadamente:

- Básica:
 - Vida; e,
 - Transporte.
- Coberturas Adicionais:
 - Reembolso Clínico (reembolso de gastos clínicos para preservar a vida do animal);
 - Reembolso Cirúrgico (reembolso de despesas cirúrgicas necessárias para preservação da vida do animal);
 - Cirurgia Eletiva (no caso de morte do animal durante o procedimento cirúrgico eletivo);
 - Fertilidade para éguas e garanhões (cobertura de acidente que ocasione a perda de fertilidade do animal);
 - Função (cobertura de acidente que ocasione a perda de função ou uso do animal);
 - Prenhez (cobertura de perda da prenhez da égua);
 - Produto ao pé (cobertura de vida do produto ao pé da égua); e,
 - Extensão para Território Internacional (cobertura de vida para o animal que será transportado para o exterior, inclusive durante a sua permanência nestes locais).

Os valores dos animais segurados variam de cerca de R\$ 5.000,00 até centenas de milhares de reais. O valor médio é estimado em R\$ 28.280,00. Observa-se que a distribuição do valor dos animais segurados é assimétrica, com

aproximadamente três quartos dos animais apresentando valores inferiores a R\$ 30.000,00 (que é muito próximo do valor médio citado acima), conforme Figura 88.

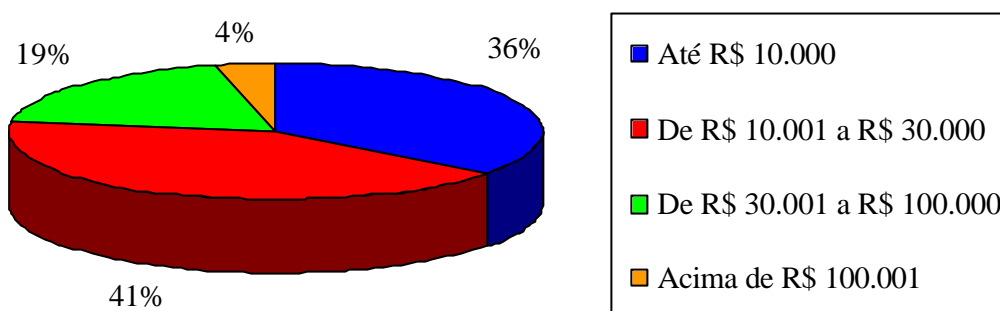


Figura 88 – Brasil: distribuição percentual do rebanho de cavalos segurado, por valor, 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os animais segurados são, em sua maior parte, fêmeas. Os animais castrados representam apenas 5% do total (Figura 89).

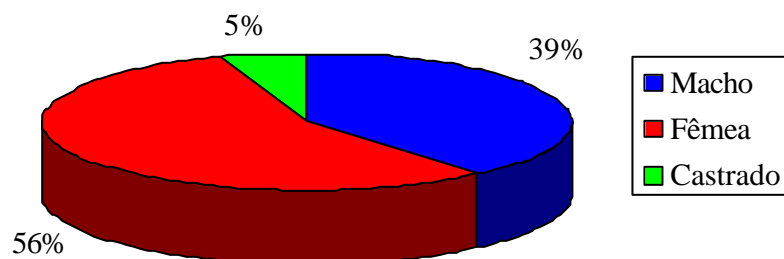


Figura 89 – Brasil: distribuição percentual do rebanho de cavalos segurado, por sexo, 2005

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora a maioria dos animais segurados seja jovem, alguns animais com idade superior a 20 anos também encontram-se segurados. A Figura 90 mostra que apenas 4% dos animais segurados possuem 16 anos ou mais.

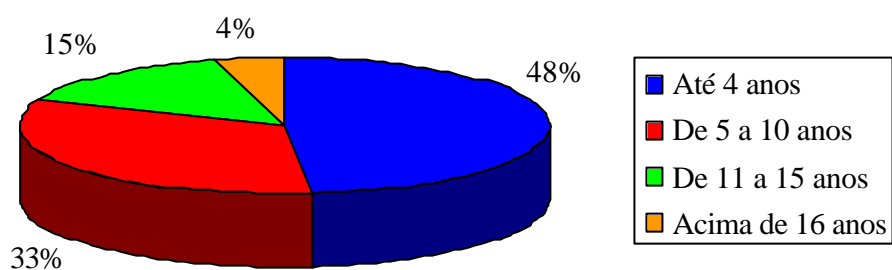


Figura 90 – Brasil: distribuição percentual do rebanho de cavalos segurados, por idade, 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora seja possível encontrar animais segurados nos diversos estados da União e no Distrito Federal, cerca de dois terços dos cavalos com seguro estão localizados em três Estados: São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (Figura 91).

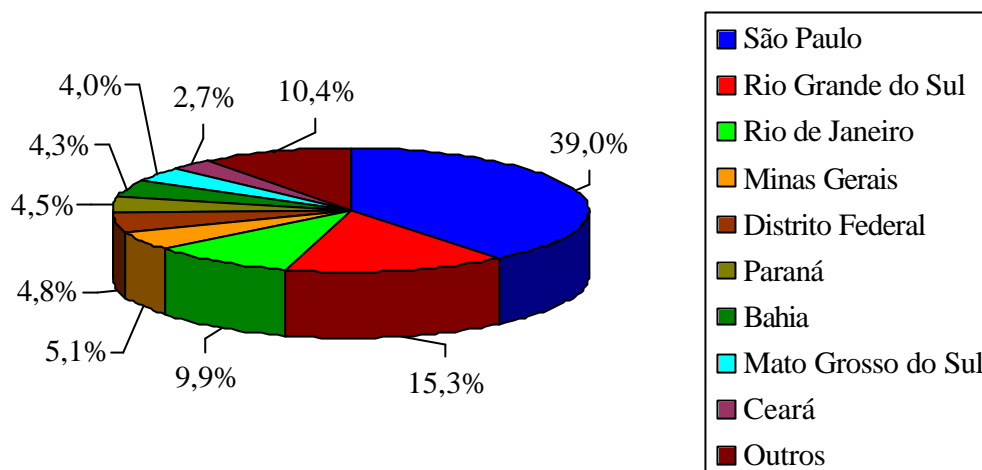


Figura 91 – Brasil: distribuição percentual do rebanho de cavalos segurado, por Unidade da Federação, 2005.

Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar do prêmio médio anual ser de aproximadamente 4% do valor do animal segurado, o desembolso médio – por apólice – é de apenas R\$ 500,00. Ou seja, apenas 1,8% do preço médio dos cavalos segurados. Isto ocorre porque muitas apólices são emitidas por prazos inferiores a um ano.

No total, estima-se que esta modalidade de seguro movimento, anualmente, cerca de R\$ 2,5 milhões em prêmios de seguro¹¹⁴. No entanto, uma parcela significativa deste volume é realizada por seguradoras internacionais (*off-shore*). Calcula-se que este mercado tenha potencial para atingir um volume de prêmios da ordem de R\$ 5 milhões, em médio prazo. Entre os desafios de crescimento que este mercado enfrenta, destac a-se o desconhecimento – pelos criadores e proprietários – das alternativas de seguro existentes.

O cálculo do número de trabalhadores envolvidos nesta atividade é complicado na medida em que os empregados, em geral, dividem seu tempo entre seguros de eqüinos e bovinos. Assim, estima-se que a atividade demanda o

¹¹⁴ Ver Anexo D ao final deste estudo.



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



equivalente¹¹⁵ a 25 postos de emprego, ocupados por profissionais ligados ao seguro de cavalos.

¹¹⁵ Isto é, considerando apenas as horas dedicadas aos equinos.

10.2. Instituições Financeiras

Durante a coleta de dados, muitos entrevistados apontaram a ausência de crédito para a equinocultura como um ponto fraco do setor. Nas entrevistas conduzidas com agentes do mercado financeiro, verificou-se que a queixa procede e, em grande parte, está relacionada à dificuldade de acesso às linhas de crédito decorrente de problemas de informação, em que o criador é prejudicado em vários aspectos.

Em primeiro lugar, a indústria bancária demonstra desconhecimento do papel desempenhado pela equinocultura, sua dimensão e seu nível de profissionalismo. Os diversos segmentos do agronegócio cavalo têm recibo tratamento por parte das instituições financeiras de atividades não produtivas. O Banco do Brasil – principal agente nas operações com agronegócio no Brasil – destaca, por exemplo, em seu boletim “Banco do Brasil Private (agosto de 204), matéria com título “Cavalo pode ser um hobby lucrativo”. O próprio título já deixa clara a visão do mercado financeiro em relação à equinocultura: caracteriza-a como hobby e surpreende-se com a possibilidade de ser lucrativo. Esta visão, ao não considerar o cavalo como atividade pecuária economicamente viável, impede o acesso a linhas de custeio, investimento e comercialização de crédito rural. A mesma restrição também ocorre com relação aos repasses de recursos do BNDES, como nas atrativas operações de FINAME.

Agravando este quadro, há o que foi denominado de “amadorismo nas propostas” pelos entrevistados do mercado financeiro. As propostas apresentadas pelos clientes não têm apresentado mínima estrutura e sustentação para permitir análise financeira e de viabilidade. A defesa da operação de financiamento nos comitês de crédito – que, como visto, tendem a apresentar viés contrário à atividade – fica fragilizada, inviabilizando a aprovação dos financiamentos ao setor.

Apesar do setor de crédito não ser hoje expressivo no Agronegócio Cavalo, existe um grande potencial neste mercado, desde que sejam superados – ou minimizados – os problemas e as dificuldades associadas à informação, citados nos parágrafos anteriores.

10.3. Médico Veterinário

A presença do médico veterinário foi uma constante ao longo deste relatório, nos diversos segmentos comentados. Conforme destacado em artigo recente¹¹⁶, quando devidamente qualificado, a valorização deste profissional vem ocorrendo gradualmente. À medida que a equinocultura se profissionaliza – o que é uma exigência na fase de pós-crise do início dos anos 90 – vão surgindo parâmetros que permitem ao criador ou proprietário avaliar comparativamente os custos dos tratamentos em relação aos benefícios proporcionados.

Recentemente, novos campos de atuação têm se desenvolvido para atuação do profissional de saúde, com a homeopatia.

No Brasil, o rendimento anual de um médico veterinário é de cerca de R\$ 40.000,00. Considerando apenas os profissionais direta e independentemente dedicados ao cavalo, estima-se que existem 500 médicos veterinários em atividade no País¹¹⁷. Estes, ao exercerem a clínica com equinos, geram R\$ 20 milhões para o Agronegócio Cavalo.

¹¹⁶ Paccola, W. **Boas novas para 2005**. São Paulo, Guia Horse, v.3, p.18, 2005.

¹¹⁷ Neste número estão excluindo os veterinários que deixaram de exercer, prioritariamente, a medicina. São os casos dos diversos profissionais inseridos em empresas de outros segmentos como, por exemplo, a indústria farmacêutica veterinária.

11. Ambiente de Negócios

Neste capítulo é apresentada uma síntese dos pontos levantados nas entrevistas realizadas e que estão relacionados ao ambiente institucional e às políticas para o setor.

Entre os aspectos salientados, destacam-se:

- ausência de iniciativas de marketing envolvendo o setor, especificamente para criação e esportes;
- dificuldade de acesso ao crédito; e,
- falta conhecimento de legislação.

Adicionalmente, foi constatado que muitos contratos firmados neste setor são feitos informalmente, prevalecendo a “palavra” das partes envolvidas.

Estes assuntos estão relacionados, pois a informalidade existente nas operações prejudica o crescimento do Agronegócio (Figura 92). Deve-se destacar que a informalidade é elevada no Brasil, cerca de 40% do PIB segundo os estudos mais recentes. Esta informalidade, generalizada na economia, tem impacto nas operações que envolvem o agronegócio cavalo. A questão mais importante é a falta de transparência em muitas operações devido à informalidade. Em muitos casos, falta ao potencial patrocinador ou analista de crédito uma visão das dimensões e resultados do Agronegócio Cavalo. A informalidade de algumas atividades não permite a visão clara da real (positiva) situação.

Da mesma forma, o amadorismo em muitas atividades decorre, em parte, do fato da criação não ser a principal fonte de renda de muitos empresários e profissionais liberais. Este aspecto, equivocadamente, resulta em menor atualização e reciclagem da parte técnica – veterinária, zootécnica e administrativa.

Felizmente, neste aspecto, o setor está melhorando. Esta alteração positiva é, em parte, reação à crise dos anos 90 e parte resultado do movimento crescente de centros de formação profissional – para todos níveis de trabalhadores, dos mais básicos até a pós-graduação.

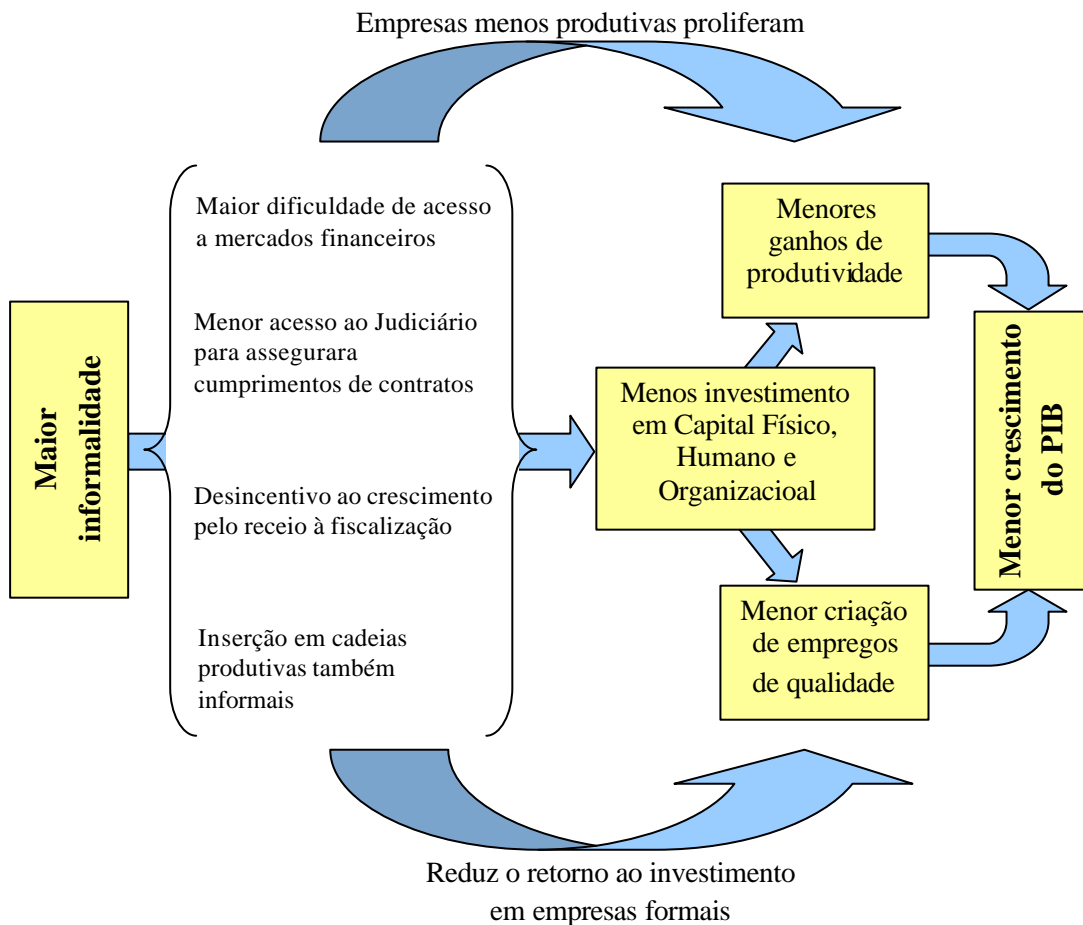


Figura 92 – Impactos da informalidade no crescimento do PIB.

Fonte: McKinsey & Company (2004)

As interferências do Governo no setor têm sido pontuais. Em alguns momentos foram decisivas, como quando evitou a extinção do cavalo pantaneiro. Na década de 70 do século passado, dois fatores – cruzamento com muitas outras raças mestiças e disseminação da anemia infecciosa equina (AIE) – reduziu drasticamente

o plantel do cavalo pantaneiro. Em 1972, o Ministério da Agricultura implantou o Projeto Cavalo Pantaneiro, criando um núcleo de criação, preservação e fomento para raça. No entanto, observa-se que a presença do Estado poderia ser mais incisiva em muitos momentos.

A defesa animal é um dos pontos em que o Estado tem uma preocupante postura de afastamento. A preocupação, neste sentido, é agravada com o baixo volume de recursos contemplados pelo Orçamento da União para as atividades sanitárias na pecuária nacional. O volume anual de recursos orçados para defesa animal tem sido em torno de R\$ 100 milhões (Figura 93). Isto, para todas espécies de animais e, o que é pior, sistematicamente apenas uma parcela deste orçamento é executada.

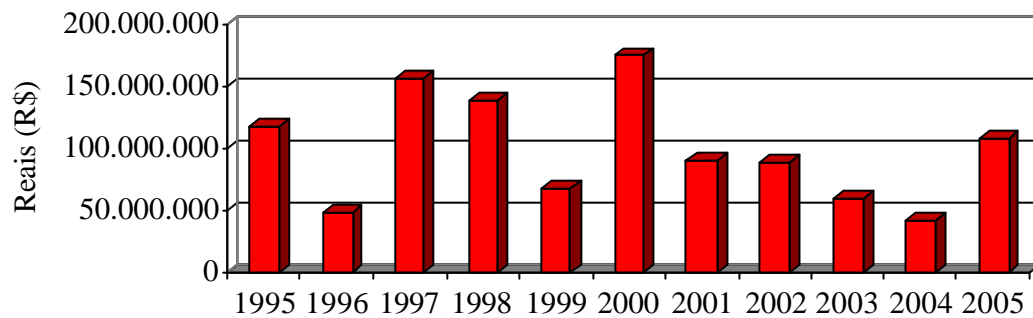


Figura 93 – Brasil: Evolução das despesas autorizadas para defesa animal pelo Orçamento Geral da União, período de 1995 a 2005, em reais de 2005 (deflacionado pelo IGP-DI).

Fonte: Elaborado a partir de valores nominais apresentados no site www.pt.org.br/assessor/comparativoAgropecuaria1995e1006.doc.

A situação referente aos recursos para saúde de nosso plantel é ainda mais grave. Nos últimos anos, a dotação autorizada pelo Orçamento da União tem sido de apenas um milhão de reais anuais para as atividades de prevenção, controle e erradicação das doenças da equinocultura. Deste montante, também apenas parte é efetivamente executada. No ano de 2005, de acordo com as últimas informações disponíveis pelo SIAFI (Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal), apenas 20% do orçado (R\$ 202.034,30) havia sido executado (Figura 94).

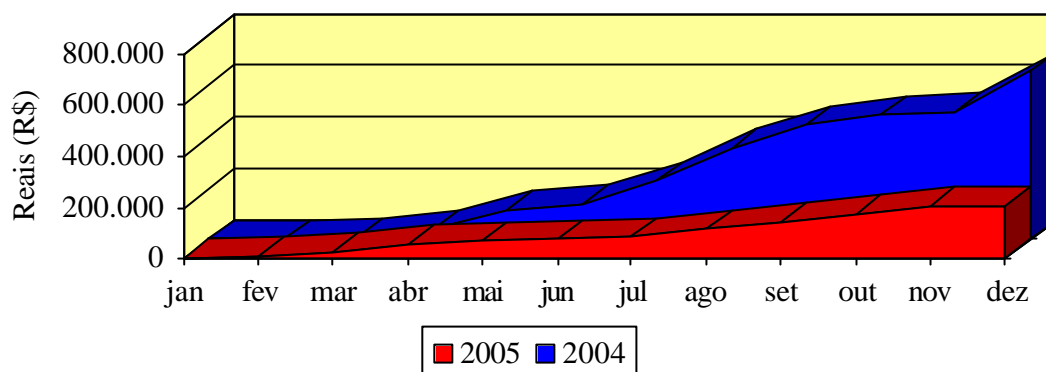


Figura 94 – Brasil: Evolução mensal da despesa empenhada referente à prevenção, controle e erradicação das doenças da equinocultura, acumulada, nos anos de 2004 e 2005, em reais.

Fonte: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/siafi/>.

Nota: O valor acumulado em 2005 considera apenas 11 meses, de janeiro a novembro.

Para alterar este cenário de poucos recursos, é necessário que o Plano Plurianual (PPA) contemple a defesa animal como uma das prioridades do Governo e que a Lei Orçamentária inclua uma adequada dotação de recursos. Assim, faz-se necessário que ocorram pressões (democráticas) para que as futuras leis contemplem orçamentos mais generosos para sanidade de nossos animais. Essa preocupação é reforçada pelo momento favorável que atravessa o agronegócio cavalo no Brasil, com crescentes oportunidades de exportação. Como o próprio Governo destacou no Relatório de Gestão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do exercício 2004: “Esses temas [falhas na defesa agropecuária] serão, num futuro próximo, barreiras ao comércio internacional e é preciso que o Brasil se antecipe a esse cenário”.

11.1. Normas

Atualmente, poucas normas¹¹⁸ se aplicam diretamente à equinocultura ou aos cavalos. As principais normas estão comentadas a seguir.

- Decreto nº 58.984, de 8 de agosto de 1966. (Este Decreto foi revogado pelo Decreto s/n, de 5/9/1991, e revigorado pelo decreto s/n, de 16/6/1997).
Dispõe sobre o registro genealógico de animais domésticos no País.
- Lei nº 7.291, de 19 de dezembro de 1984.
Dispõe sobre as atividades da equideocultura no País.
- Decreto nº 96.993, de 17 de outubro de 1988.
Regulamenta a Lei nº 7.291, de 19 de dezembro de 1984, que dispõe sobre as atividades da equideocultura no País.
- Portaria nº 5, de 13 de janeiro de 1993, do Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária.
Esta portaria aprova as normas técnicas para importação e exportação de equídeos, para reprodução, competições de hipismo e provas funcionais.
- Portaria nº 9, de 3 de março de 1997, do Ministério da Agricultura e do Abastecimento.
Aprova o modelo de Passaporte Equino.

¹¹⁸ “Normas escritas são as elaboradas pelo Estado, que podem ser as emendas à Constituição, leis, decretos, medidas provisórias e resoluções” (Palaia, 2002).



De acordo com as informações obtidas nas entrevistas realizadas, alguns aspectos da equinocultura necessitam de normas mais adequadas ao desenvolvimento da atividade. Este sentido, destaca-se a necessidade de melhor legislação referente aos aspectos sanitários, inclusive quanto a profilaxia e regulamentação de laboratórios e indústrias veterinárias. No campo da regulamentação, as atividades de instrutores de equitação e de treinadores de cavalos necessitam de normas específicas, inclusive definindo competências de fiscalização e capacitação profissional¹¹⁹.

Também foi levantada a necessidade de equiparação na legislação tributária quanto às atividades de equinocultura e bovinocultura. Também há necessidade de normas específicas para as atividades das associações de criadores assemelhadas aos serviços públicos.

¹¹⁹ Ver item 8.6 Escolas de Equitação neste relatório

12. Pontos críticos

Durante a execução do estudo diversos pontos críticos foram identificados, muitos já relatados ao bngo deste relatório. A seguir, estes pontos, acrescidos de outros apontados nas entrevistas realizadas, mas ainda não relatados, são sistematizados no Quadro 9, identificando potenciais soluções e sugestões.

Quadro 9 – Agronegócio Cavalos no Brasil: pontos críticos, potenciais soluções e sugestões.

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Medicamentos Veterinários	<ul style="list-style-type: none"> • Segmento de equinos em grande parte das empresas representa parcela pequena do faturamento global da indústria ou do grupo econômico, implicando em orçamentos limitados para pesquisa, desenvolvimento e marketing. • Adicionalmente, parcela do esforço comercial da área de equinos da indústria, é convertida em vendas de outras áreas (por exemplo, bovinos), subdimensionando os resultados do segmento equinos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensionamento da contribuição de produtos utilizados em equinos, mas originariamente destinados a bovinos e humanos. • Maior transparência do potencial do mercado, com divulgação de dados quantitativos da dimensão do agronegócio cavalos no Brasil.

(continua)

(continuação)

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Rações	<ul style="list-style-type: none"> Atualmente, o comércio de rações representa cerca de um terço do mercado potencial. Muitos proprietários e criadores desconsideram a qualidade da ração, orientando-se apenas no custo (imediato), não confrontando com os benefícios (futuros) de melhor nutrição. 	<ul style="list-style-type: none"> Melhor esclarecimentos aos compradores quanto à diferenças de qualidade, custos e benefícios das diferentes rações.
Feno	<ul style="list-style-type: none"> Ausência de padronização do produto. Baixa competição entre fornecedores, devido aos custos de entrada na atividade e limitações de atuação geográfica pelo custo do frete. 	<ul style="list-style-type: none"> Padronização do feno comercialização, com clara identificação das características físicas e qualidade nutricional do produto ofertado.
Forrageiras	<ul style="list-style-type: none"> A Brachiaria possui larga adaptação, mas é prejudicial à saúde de eqüinos. 	<ul style="list-style-type: none"> Buscar o controle da propagação, por exemplo, proibindo a utilização da Brachiaria nas áreas controladas pelos Departamentos de Estrada de Rodagem (DER).
Casqueamento e Ferrageamento	<ul style="list-style-type: none"> Presença de muitos ferradores sem a adequada qualificação e treinamento, o que, inclusive, reduz o rendimento dos bons profissionais. Estrutura de mercado pouco competitiva. 	<ul style="list-style-type: none"> Regulamentação da atividade. Incentivo a cursos de formação e capacitação profissional. Atenção a defesa econômica, prevenindo contra condutas anticoncorrenciais.

(continua)

(continuação)

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Selaria e Acessórios	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade na obtenção de mão-de-obra qualificada. • Ausência de máquinas e equipamentos específicos para o segmento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio aos atuais cursos de formação de seleiro e incentivos para formação de mão-de-obra (maior oferta de cursos profissionalizantes e de atualização) • Incentivo à produção nacional de máquinas e equipamentos, com linhas de financiamentos favoráveis e sensibilização de potenciais fabricantes com a divulgação do mercado potencial para estes produtos.
Transporte de Equinos	<ul style="list-style-type: none"> • Parte do transporte é realizada em veículos não adequados às normas de segurança. 	<ul style="list-style-type: none"> • Maior oferta e acesso a linhas de financiamento como, por exemplo, FINAME.
Educação e Pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo apoio a pesquisa e estudos específicos do agronegócio cavalo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação da dimensão econômica e social do Agronegócio Cavalo contribuirá para despertar novas pesquisas e patrocínio para os estudos.
Mídia e Publicações	<ul style="list-style-type: none"> • Baixo volume de recursos captados fora do setor para os espaços publicitários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Transparência do número e perfil dos envolvidos do agronegócio, evidenciando a dimensão de atividades como a vaquejada e demais competições, auxiliaria na sensibilização de potenciais investidores e patrocinadores.

(continua)

(continuação)

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Cavalo Militar	<ul style="list-style-type: none"> Restrição de investimentos de acordo com a dotação orçamentária. 	<ul style="list-style-type: none"> Parcerias com o setor privado devem ser incentivadas, a exemplo do que já ocorre no convênio entre a Coudelaria de Rincão e o Haras Joter.
Lida	<ul style="list-style-type: none"> Baixo investimento na tropa. 	<ul style="list-style-type: none"> Valorização do animal e dos profissionais, com investimentos em cursos e treinamento (por exemplo, sobre doma), equipamentos de melhor qualidade (relação custo/benefício) e eventual incorporação de valor residual no animal, para utilização em outras atividades, agregando receita no animal de descarte do trabalho na lida com bovino.
Equioterapia	<ul style="list-style-type: none"> Ampliação do atendimento através de Planos de Saúde. 	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação e esclarecimento do trabalho desenvolvido pela equioterapia no Brasil, buscando a sensibilização da iniciativa privada para incorporação desta modalidade entre as terapias cobertas pelos Planos de Saúde.

(continua)

(continuação)

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Esportes	<ul style="list-style-type: none"> Falta de visibilidade do esporte na mídia não especializada (por exemplo, canais abertos de televisão). Custos operacionais elevados (como os referentes aos exames – mormo e AIE) Defesa pecuária 	<ul style="list-style-type: none"> Divulgação ampla do movimento de público (nas vaquejadas, por exemplo) e das atividades envolvidas em cada competição. Detalhamento do perfil tanto dos competidores quanto dos expectadores. Elevação dos recursos orçamentários para defesa pecuária. Acompanhamento da estrutura, conduta e desempenho do setor de laboratórios e medicamentos veterinários.
Turismo Equestre	<ul style="list-style-type: none"> Qualificação da mão-de-obra e dos empreendimentos. Baixa divulgação de roteiros turísticos. Carência de normas, especialmente nas atividades mais radicais. 	<ul style="list-style-type: none"> Treinamento e cursos profissionalizantes para trabalhadores e empreendedores. Mapeamento dos estabelecimentos e eventos. Apoio a iniciativas de ordenação e estruturação do turismo equestre, como o Bureau de Cavalgadas. Apoio e divulgação de eventos culturais, como a Cavalhada.
Escolas de Equitação	<ul style="list-style-type: none"> Ausência de regulamentação de instrutores. Carência de normas e fiscalização dos empreendimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> Definição clara de responsáveis pela regulamentação e fiscalização das atividades. Implementação de regulamentação no curto prazo.

(continua)

(continuação)

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Jockey	<ul style="list-style-type: none"> O turfe enfraqueceu-se com a elevação de alternativas de lazer (competição pelo seu público) e os jogos de loteria. 	<ul style="list-style-type: none"> Continuidade do trabalho que vem sendo desenvolvido para reestruturação dos Jockeys Clubs e do turfe no Brasil.
Exposições e Eventos	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade em atrair novos expectadores e potenciais criadores. 	<ul style="list-style-type: none"> Maior dinamismo nas exposições e (maior) inclusão de espetáculos e competições nos eventos.
Segmento Consumidor	<ul style="list-style-type: none"> Falta de profissionalismo Empirismo na criação Fragilidade de controles Ausência de marketing 	<ul style="list-style-type: none"> Investimentos em cursos profissionalizantes e de técnicas gerenciais. Divulgação de casos de sucesso, exemplos a serem seguidos. Assessoria de marketing nas associações de criadores. Regulamentação e valorização das atividades de apoio (ferrageamento, por exemplo).
Exportação e Importação de Animais Vivos	<ul style="list-style-type: none"> Custo elevado e entraves operacionais nas transações internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> Desburocratizar procedimentos para exportação e importação de animais. Adequar a infra-estrutura de portos, em especial de aeroportos, para o trânsito de animais.
Carne	<ul style="list-style-type: none"> Falta de transparência das atividades implica em preconceito e fantasias de maus tratos. 	<ul style="list-style-type: none"> Esclarecimentos das atividades dos frigoríficos. Entendimento que se trata de um elo competitivo do agronegócio, gerador de renda, emprego e divisas para o Brasil.

(continua)

(continuação)

Segmento	Pontos Críticos	Potenciais soluções e Sugestões
Instituições Financeiras	<ul style="list-style-type: none">• Dificil acesso a linhas de crédito.	<ul style="list-style-type: none">• Esclarecimento do que é o Agronegócio Cavallo no Brasil.• Desfazer a imagem de hobby.• Instruir melhor o criador sobre como elaborar e apresentar um projeto de financiamento.

13. Considerações Finais

Esta pesquisa encerra-se após estudar a configuração do Complexo do Agronegócio Cavalos. Trata-se de um complexo de grande importância para o Brasil. As estimativas apresentadas, calculadas com base em critérios conservadores, indicam que o complexo movimentará valor econômico superior a **R\$ 7,5 bilhões** anuais. Somente nas atividades analisadas, foram estimadas em cerca de **640.000 pessoas ocupadas**. Considerando que cada emprego direto corresponde a quatro empregos indiretos, tem-se **3,2 milhões de empregos diretos e indiretos**, relacionados ao cavalo no Brasil. Trata-se de números expressivos.

A Tabela 35 apresenta um resumo das contribuições dos diversos segmentos do agronegócio cavalos.

Tabela 35 – Resumo das contribuições dos diversos segmentos do Complexo do Agronegócio Cavalos no Brasil.

Segmento	Movimentação econômica	Pessoas Ocupadas
Medicamentos Veterinários	R\$ 54.142.630,20	300
Rações	R\$ 53.440.000,00	
Feno	R\$ 176.400.000,00	1.300
Selaria	R\$ 174.600.000,00	12.000
Casqueamento e Ferrageamento	R\$ 143.640.000,00	2.100
Transporte de Eqüinos	R\$ 86.400.000,00	85
SENAR	R\$ 976.000,00	30
Mídia	R\$ 10.000.000,00	
Militar	R\$ 176.000.000,00	6.286
Lida	R\$ 3.954.275.000	505.050
Equoterapia	R\$ 43.200.000,00	2.500
Esportes (hipismo)	R\$ 57.600.000,00	2.000

(continua)

(continuação)

Segmento	Movimentação econômica	Pessoas Ocupadas
Pólo	R\$ 1.684.400,00	1.500
Vaquejada	R\$ 164.000.000,00	1.430
Turismo Eqüestre	R\$ 21.000.000,00	1.500
Escolas de Equitação	R\$ 78.000.000,00	9.000
Jockey	R\$ 359.500.000,00	4.000
Trote	R\$ 1.000.000,00	150
Exposições e Eventos	R\$ 146.100.000,00	
Segmento “Consumidor”	R\$ 1.654.400.000,00	91.429
Leilões	R\$ 19.100.000,00	200
Exp. e imp. de cavalos vivos	R\$ 8.833.623,68	
Carne	R\$ 80.000.000,00	1.000
Curtume	R\$ 15.000.000,00	160
Seguro	R\$ 2.500.000,00	
Veterinários	R\$ 20.000.000,00	500
Total	R\$ 7.501.791.653,88	642.520

Após uma bolha de crescimento artificial nos anos 80 e a crise subsequente, nos anos 90, o setor encontra-se em nova fase de crescimento, com maior maturidade. O profissionalismo, uma das principais críticas ao setor, vem se elevando. Novos e bons cursos têm sido ofertados e demandados em todos níveis profissionais. As associações de criadores, de um modo geral, encontram-se em reestruturação na busca de maior eficiência e transparência.

O recente esforço do Governo e das instituições – como a CNA – tem procurado soluções para antigos problemas como a crise do turfe. Buscam-se, também, alternativas para o desenvolvimento sustentado da eqüinocultura. É nesse contexto, conforme destacado na introdução deste trabalho, que esta pesquisa está inserida: procurou-se elaborar um documento que pudesse iluminar os futuros caminhos na direção do melhor entendimento da indústria eqüestre. Espera-se que, a partir dos resultados obtidos, eficientes políticas – de crédito, sociais, de fomento,



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO CEPEA/ESALQ/USP



entre outras – possam ser formuladas para a consolidação e o dinamismo do Complexo do Agronegócio Cavalos.

No lado do setor privado, fica evidente a necessidade de aglutinar e organizar os diferentes esforços que estão sendo desenvolvidos tanto nos segmentos tradicionais quanto nas novas atividades relacionadas com o cavalo. Nesse sentido, o setor teria muito a ganhar fortalecendo as iniciativas voltadas para a busca de maior transparência, divulgação e profissionalização dos seus diversos segmentos.

A organização e união de todo o setor em torno de objetivos comuns poderia facilitar e viabilizar os esforços necessários para romper com a equivocada imagem de que a indústria do cavalo está relacionada ao interesse restrito de uma elite e distante da realidade do brasileiro médio.

Por exemplo, os ótimos resultados – inclusive na dimensão social – obtidos pela equiterapia brasileira e a forte geração de empregos poderiam ser destacadas para remover a idéia, histórica e incorreta, de que as atividades relacionadas ao cavalo limitam-se à elite econômica do país. Uma ampla divulgação de casos de sucesso e de impacto econômico e social – como a experiência da escola municipal de hipismo em Volta Redonda (RJ) – poderia contribuir para mostrar a importância do agronegócio cavalos.

Finalmente, deve-se reconhecer que o trabalho apresenta limitações quanto a profundidade em que alguns setores foram tratados nesta pesquisa. Isto se deve ao pioneirismo do estudo que, como destacado na introdução deste relatório, teve caráter exploratório, essencialmente de filtragem e organização de informações dispersas e muitas vezes inconsistentes – no universo do cavalo no Brasil. Assim, sugere-se que futuros estudos – aprofundando, estendendo e complementando a presente pesquisa – sejam desenvolvidos em benefício do Complexo do Agronegócio Cavalos.

14. Bibliografia Consultada

- ABRATURR – Associação Brasileira de Turismo Rural.
<http://www.turismorural.org.br/abraturr/> (acesso em 24 out. 2005)
- ANDE-BRASIL – Associação Nacional de Equoterapia.
<http://www.equoterapia.org.br> (acesso em 4 nov 2005)
- ARAUJO, M. **Vaquejada: a nova paixão nacional**. São Paulo, Cavalos, v.10, n.60, fev. 2005. p.12-16.
- BARBETTA, P.A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Flórida nópolis: Editora da UFSC, 2002.
- BARROS, A.L.M.; HAUSCNEST, J.C.O.V. **Quais as perspectivas para a pecuária de corte?** São Paulo, DBO, v.24, n.298, ago.2005. p.14-15.
- BASTOS FILHO, J.A. **A missão militar francesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.
- BRANDÃO, A.L.; SANTIS, V. **Do tropeiro ao peão: 50 anos de rodeio**. Piracicaba, Painel Ciência & Cultura, n.45, nov. 2004, p.32-34.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil**. http://www.fomezero.gov.br/download/turismo_rural.pdf (acesso em 24 de outubro de 2005)
- BRAUNE, G. **Em busca da economia**. http://www.saudeanimal.com.br/em_busca_da_economia.htm (acesso em 7 fevereiro de 2006)
- BRITO, A.A. et al. **Trabalhador na equideocultura**. Brasília: SENAR, 1996. 24p. (Série conteúdos ocupacionais ; 44)
- CBH – Confederação Brasileira de Hipismo **Primeiras competições e formação dos cavaleiros, o início da equitação desportiva**. <http://www.cbh.org.br/historiadohipismo/primeirasComp.asp> (acesso em 3 de novembro de 2005)
- CINTRA, A.G.C. **O mercado de cavalos no Brasil 2005**. Amparo, 2005 (mimeo)
- CINTRA, A.G.C. **O mercado de rações para cavalos no Brasil 2006**. Amparo, 2006 (mimeo)
- CNT. Confederação Nacional do Transporte. Disponível em: http://http://www.cnt.org.br/cnt/noticia_dia_escolhida.asp?cod=5582. Acesso em: 03 nov. 2004.



- DAVIS, J.H.; GOLDBERG, R.A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957. 152p.
- DIAS, D. **Cavalos, recurso indispensável na fazenda pecuária**. In: FNP; Anualpec 2005. São Paulo : Finep Consultoria & Comercio, 2005. p. 38-40.
- DOMINGUES, J.L.; HADDAD, C.M. **O que avaliar para comprar um feno de qualidade**. Informativo Allnutri, n.9, set. 2004.
- DRUMOND, A. **Fardo pesado para amadores**. Belo Horizonte, Encontro Rural, v.3, n.29.
- EDWARDS, E.H. **The new encyclopedia of the horse**. London: Dorling Kindersley, 2000.
- ENCONTRO RURAL. Belo Horizonte, diversos números.
- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. Disponível em: <http://faostat.fao.org>. Acesso em 01 fev. 2006.
- FEI - FÉDÉRATION EQUESTRE INTERNATIONALE **Annual Report 2004**. Lausanne: FEI, 2005. 65p.
- FERRAZ, J.V. **Tempos de mudança na pecuária de corte brasileira**. In: FNP; Anualpec 2005. São Paulo : Finep Consultoria & Comercio, 2005. p. 46-49.
- FERREIRA, R. **História do hipismo brasileiro**. <http://www.cbh-hipismo.com.br> (acesso em 3 nov 2005)
- FRANÇA, M.M. **Cavalo: do hobby ao negócio**. Itapetininga: Faculdades Integradas de Itapetininga, Fundação Karnig Bazarian, 2004. 89p. (Monografia).
- FREYRE, G.M. **Nordeste : aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro : Jose Olympio, 1937
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1971. 248p.
- GARCIA, E. **Trabalho de ferrador ganha novos contornos**. <http://www.bichoonline.com.br/artigos/se0009.htm> (acesso em 24 out 2005)
- GOE, M.R. **Situacion actual de as invesigaciones sobre traccion animal**. Revista Mundial de Zootecnia, v.45, p.2-17, jan./mar. 1983.
- GOULART, J.A. **O cavalo na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. 249p.
- GUILHOTO, J.J.M.; FURTUOSO, M.C.O.; BARROS, G.S.C. **O agronegócio na economia brasileira 1994 a 1999**. Piracicaba: CNA/CEPEA, 2000. 139p.
- HADDAD, C.M. **Pastagem: uma sucessão de erros**. <http://www.endurancebrasil.com.br/port/tecnicas/pastagem.php> (acesso em 1 fev 2006)
- HADDAD, C.M. et alii **O projeto equoterapia da ESALQ**. Revista Cultura e Extensão, n.0, jul./dez. 2005.

- HACKER, S.L. **Ambiente competitivo e comportamento do mercado farmacêutico veterinário no Brasil.** Piracicaba, 2000. 115 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo.
- HERMSDORFF, G.E. **Zootecnia especial**, tomo i: eqüídeos. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1956. 626p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 1995-96** (compact disc). Rio de Janeiro, 1997.
- JORNAL DO CAVALEIRO. Jundiaí, diversos números.
- KAGEYAMA, A. (Org.) **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais.** In: DELGADO, G.C.; GASQUES, J.G.; VERDE, C.M.V. (Org.) Agricultura e políticas públicas. Brasília: IPEA, 1990.
- KLEFFMANN; **Perfil Comportamental e Hábitos de Mídia.** São Paulo: ABMR&A, 2005
- LANDERS, D.S. **Riqueza e a pobreza das nações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- LEÃO, P. **Cavalo se transforma em instrumento de terapia.** São Paulo: Zoornal de São Paulo, outubro 2005, p.A4.
- LERMONTOV, T. **Equoterapia.** <http://www.saudevidaonline.com.br/artigo74.htm> (acesso em 7 nov 2005)
- MANDARINO, J.H. **O turfe no Brasil: uma perspectiva econômica.** 2000. (mimeo)
- MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 01 fev. 2006.
- MARINS, A. **Cavalo também é cultura.** São Paulo, Guia Horse, v.3, p28-33, 2005.
- MARINS, A.; LESCHONSKI, C.S. **Implantação de estabelecimentos eqüestres.** São Paulo, Horse Cursos, 2005.
- McKINSEY & COMPANY **Eliminando as barreiras ao crescimento econômico e à economia formal no Brasil.** São Paulo: McKinsey & Company, 2004.
- MICHAELIS 2000: Moderno dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Readers Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000. 2v.
- MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Disponível em: <http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 01 fev. 2006.
- MIALHE, L.G. **Máquinas motoras na agricultura.** São Paulo: EPU, 1980.
- NUNES, E.P.; CONTINI, E. **Complexo agroindustrial brasileiro - caracterização e dimensionamento.** Brasília: ABAG, 2001.



- ORSOLINI, H.M.P.; LIMA, R.A.S. **Evolução das exportações brasileiras de carne de cavalo, no período de julho de 1996 a junho de 2004.** Apresentado ao 12. Simpósio Internacional de Iniciação Científica, Piracicaba, 2004.
- ORSOLINI, H.M.P.; LIMA, R.A.S. **Evolução da concentração do mercado importador de carne de cavalo, no triênio 2000-02.** Apresentado ao 12. Simpósio Internacional de Iniciação Científica, Piracicaba, 2004.
- ORSOLINI, H.M.P. **Caracterização e evolução do mercado de carne de cavalo (*Equus caballus*) no Brasil, período de 1996 a 2005.** Piracicaba: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, 2005. 72p. (Monografia).
- PALAIA, N. **Noções essenciais de direito.** São Paulo: Saraiva, 2002.
- PORTUGUEZ, A.P. **Agroturismo e desenvolvimento regional.** São Paulo: Hucitec, 1999.
- PRADO JUNIOR, C. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1962. 354p.
- RINK, B.; RINK, M. **A pátria de ferraduras.** São Paulo, Guia Horse, v.3, p.20-27, 2005.
- ROQUE, A.M. **Turismo no espaço rural brasileiro: um estudo multicaso nas regiões sul e sudoeste de Minas Gerais.** Lavras, 2001. 102 p. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Lavras.
- SANTO, C.E. **Um novo Brasil está sendo descoberto.** São Paulo: Empresas & Negócios, 15 set. 2004, p.4 (Suplemento Turismo & Lazer)
- SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **Relatório de atividades 2004.** Brasília: SENAR, 2005.
- SIMONSEN, R.C. **História econômica do Brasil (1500/1820).** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. 475p.
- SINDAN – Sindicato das Indústrias Farmacêuticas Veterinárias. <http://www.sindan.com.br> (acessado em 31 mai 2005)
- TEIXEIRA, A.L.S. **Equoterapia: a cura através do cavalo.** <http://www.horseonline.com.br/equoterapiaremediocavalo.htm> (acesso em 4 nov 2005).
- TORRES, A.P.; JARDIM, W.R. **Criação de cavalos e de outros eqüinos.** São Paulo: Nobel, 1977. 654p.
- VALLE, M. **Destinos de luxo: o Brasil ainda pode ser um.** Turismo em números, v. 44, p.8-17, 2005.



- VICENTE, J. R. **Destino das Exportações e Origem das Importações Brasileiras de Produtos dos Agronegócios.** São Paulo: Informações Econômicas, v. 32, n.6, jun. 2002. 73 p.
- WAACK, R.S. **Fusões e aquisições na indústria farmacêutico-veterinária.** São Paulo: Caderno de Pesquisas em Administração, v.7, n.3, jul./set. 2000. p.81-98.
- WAACK, R.S.; ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M.F. **Aspectos de tecnologia no setor produtor de insumos veterinários.** São Paulo: Caderno de Pesquisas em Administração, v.0, n.0, jul./dez. 1994. p.7-14.
- WESTERN MAGAZINE. São Bernardo do Campo, diversos números.
- ZYLBERSZTAJN, D. **Estruturas de governança e coordenação do agribusiness : uma aplicação da nova economia das instituições Ambiente competitivo e comportamento do mercado farmacêutico veterinário no Brasil** São Paulo, 1995. 238p. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.



15. Termo de Encerramento

O presente relatório é composto por 250 (duzentas e cinquenta) folhas, todas numeradas, digitadas de um só lado e está datado e assinado.

Piracicaba, 22 de junho de 2006.

Prof. Dr. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros
Coordenador do Projeto



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



16. Anexos



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Anexo A

Roteiro de Entrevista – Empresas



Roteiro de Entrevista – Empresas

Entrevistador:	Data:
Início:	Final:

Entrevistado

Nome:	
Função:	Escolaridade:
Endereço:	
Telefone:	e-mail:

Identificação da atividade

Nome da empresa	
Endereço:	
Telefone:	site:
Ramo/segmento:	Tempo na atividade:
Histórico:	_____

Roteiro de acesso:	_____

Percentual da sua atividade relacionado com cavalo

% faturamento
% tempo
% investimento
Outros:

Caracterização da atividade

		<u>Insumo / serviço (“antes da porteira”)</u>	
<i>Produção</i>		<i>Serviços</i>	
Medicamentos	<input type="checkbox"/>	Veterinário/hospital.	<input type="checkbox"/>
Alimentos / Suplemento	<input type="checkbox"/>	Assist. Técnico (agron./zoot.)	<input type="checkbox"/>
Selaria, ferragem, etc.	<input type="checkbox"/>	Treinamento animal	<input type="checkbox"/>
Acessórios	<input type="checkbox"/>	Transporte	<input type="checkbox"/>
Moda	<input type="checkbox"/>	Financeiro / seguro	<input type="checkbox"/>
Veículos	<input type="checkbox"/>	Cursos equitação	<input type="checkbox"/>
Outros:	<input type="checkbox"/>	Hospedagem/alojamento	de <input type="checkbox"/>
_____		animais	

Criação de animais

Corrida	<input type="checkbox"/>
Lazer	<input type="checkbox"/>
Trabalho	<input type="checkbox"/>
Reprodução	<input type="checkbox"/>
Esporte	<input type="checkbox"/>
(especificar):	_____
Outros:	_____

“depois da porteira”

Hípica	<input type="checkbox"/>
Leilões	<input type="checkbox"/>
Lazer	<input type="checkbox"/>
Abatedouro	<input type="checkbox"/>
Escola	<input type="checkbox"/>
(especificar):	_____
Outros:	_____



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Quantificação:

Área construída:
Investimento:
Volume de
Vendas:
Quantitativo: _____
Qualitativo: _____
Mão-de-obra:
fixos: _____
Familiar: _____
Temporários: _____
Outros: _____

Problemas do setor:

Desafios / Informações Adicionais:

Perspectivas futuras:

<u>Curto prazo</u>	<u>Médio prazo</u>	<u>Longo prazo</u>



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Anexo B

Roteiro de Entrevista – Associações de Criadores



Roteiro de Entrevista – Associações de Criadores

Apresentação

Diante da ausência de informações precisas sobre o espaço que a equideocultura ocupa atualmente na economia brasileira (considerando todos os segmentos de produção e serviços que giram em torno dela), a CNA e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) firmaram um convênio de parceria e contrataram o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo (CEPEA/ESALQ-USP), para a elaboração de um estudo detalhado sobre a dimensão do complexo do agronegócio cavalo. Entre seus objetivos está a organização de informações que, posteriormente, servirão de base para a elaboração de propostas a serem apresentadas ao Governo de políticas específicas para o setor, identificando os necessários incentivos ao desenvolvimento da atividade no País.

Em especial, o estudo deverá abordar as seguintes questões:

- Configuração do Complexo do Agronegócio Cavalos no Brasil;
- Dimensão econômica e social do Complexo do Agronegócio Cavalos no Brasil;
- Aspectos institucionais mais importantes do setor;
- Estrutura e desempenho das organizações do Complexo do Agronegócio Cavalos no Brasil; e,
- Principais grupos de interesse organizados no âmbito do Complexo do Agronegócio Cavalos no Brasil.

Trata-se de um grande desafio, particularmente, em um país onde as informações são escassas. Entretanto, acredita-se que ele deverá trazer benefícios a todos os agentes envolvidos com o cavalo no Brasil. Nas palavras da Comissão Nacional do Cavalo:

“Com base nos resultados deste estudo será possível identificar quais são os parceiros, os empecilhos, as necessidades e a dimensão econômica e social do agronegócio cavalo, hoje, no País. A partir deste estudo, será possível diagnosticar quais serão as ações de Governo mais eficazes para alavancar a equideocultura. Também será possível identificar os setores não governamentais que, num futuro próximo, poderão se tornar parceiros na criação de eventos de grande porte que contribuam para o crescimento de todos os segmentos econômicos que vivem em função do cavalo.”



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Entrevistador:	Data:
Início:	Final:

Entrevistado

Associação:	
Nome:	
Função:	
Endereço:	
Telefone:	e-mail:

Histórico da Associação:

Número de associados:

População da raça (nº de animais registrados):

Éguas	Garanhões	Potros	Total

Mercado externo:

Item	Exportação		Importação	
	Quantidade	Valor (indicar moeda)	Quantidade	Valor (indicar moeda)
Reprodutores				
Medicamentos				
-				
-				
-				



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



O IBGE estima que a tropa no Brasil é de cerca de 5,8 milhões de cabeças. Você considera este número:

Baixo
Quanto?

Razoável

Alto
Quanto?

Comentários: _____

Qual a sua opinião sobre as instituições relacionadas ao setor?

Como são as relações contratuais no setor?

Problemas do setor:

Desafios / Informações Adicionais:



Perspectivas futuras:

Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo

Dados técnicos:

- As questões a seguir referem-se a um haras “típico” (mais freqüente) dos associados. Observação: este haras “: típico” refere-se à realidade atual e não em termos ideais.
- Entende-se por unidade de animal (por exemplo, no caso do consumo unitário de alimentos) a média entre animais adultos e potros. Observação: quando não souber ou não for possível informar esta média, informar os dados por tipo de animal (garanhão, égua e potro).

Número mínimo de animais:

Número máximo de animais:

Número mais freqüente (“típico”) de animais:

Número de funcionários:

	Quantidade	Custo Total Anual (caso os funcionários exerçam outras atividades na propriedade, ponderar pelo tempo gasto na atividade “cavalo”)
Fixos:		
Familiar:		
Temporários:		
Outros:		



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Anexo C

Roteiro de Entrevista – Campo

Roteiro de Entrevista – Campo

Entrevistador:		Data:
Início:	Final:	Entrevista nº

1) Identificação

Entrevistado:	
Cargo/função:	
Município:	
Estado:	
Telefone:	e-mail:

2) Dados da propriedade:

Área Total:		ha
• Própria:		ha
• Arrendada:		ha
• Parceria:		ha
• Outros:		ha
Área ocupada com eqüinos:		ha. Obs.:
Número de eqüinos:		
Número de asininos:		
Número de muares:		
Número de bovinos:		

3) Valor da terra ocupada pelos eqüinos (R\$/ha): _____

4) Quanto se paga por arrendamento de terra na região (R\$/ha)? _____

5) Atividades econômicas desenvolvidas na propriedade (assinalar qual é a ordem de importância econômica):

	Ordem	Atividade			Ordem	
()	()	Eqüinocultura		()	()	Soja
()	()	Bovinocultura de corte		()	()	Fruticultura
()	()	Bovinocultura de leite		()	()	Outros (listar principais):
()	()	Suinocultura				
()	()	Avicultura				

6) Tempo de existência da atividade de criação de eqüinos na propriedade: _____ anos.

7) O proprietário mora na propriedade? () Sim () Não

8) Forma de gerenciamento da propriedade:

()	Gerência do proprietário
()	Gerência de outros membros da família
()	Gerência contratada
()	Outros: _____

16) Existe benefícios não financeiros?

() Sim () Não

Se a resposta for sim, quais?

	Tipo de benefício	Quantidade	Valor do benefício por funcionário/mês	Valor total dos benefícios / mês
()	Moradia			
()	Cesta básica			
()	Transporte			
()	Água e luz			
()	Leite			
()	Outro:			

17) Custos diretos:

Insumo	Unidade	Consumo Diário unidade/animal/dia	Quantidade (mês)	Custo (R\$/unidade)	Observações
Aveia					
Ração					
Milho					
Alfafa					
Feno					
Outros alimentos					
Suplemento					
Medicamento					
Teste de DNA					
Teste de tipagem sanguínea					
Inseminação					
Outro:					

18) Custos indiretos:

Insumo	Unidade	Consumo Diário unidade/animal/dia	Quantidade (mês)	Custo (R\$/unidade)	Observações
Área de pastagem					
Piquetes					
Baias					
Galpões					
Pistas					
Escritório					
Isolamento					
Outras construções:					
Selaria					
Tralhas					
Vestuário					
Aluguel/Arrendamento					
Seguro					
Trator					
Trailer:					
Outro:					

19) De quem compra os insumos utilizados na criação e cavalos?

<input type="checkbox"/>	Da cooperativa
<input type="checkbox"/>	De empresas particulares através da Associação de Produtores
<input type="checkbox"/>	De empresas particulares
<input type="checkbox"/>	Outros: _____

20) Período em que são realizadas as compras dos insumos: _____

21) Transporte de eqüinos:

Equipamento	Quantidade	Próprio?	Número de viagens por mês	Custo operacional por viagem	Observações

22) Encargos sociais sobre a criação de eqüinos:

Encargos	Valor (R\$)
INCRA	
Sindicato Rural	
CNA	
Outro:	
Outro:	

23) Recebe algum acompanhamento técnico na criação de eqüinos?

Se a resposta for sim, quais?

Serviço técnico	Nº de dias (no mês)	Valor (R\$/dia)	Valor total (R\$/mês)
Técnico / Veterinário contratado pelo criador			
Técnico / Veterinário contratado pelo haras			
Técnico / Veterinário contratado pela hípica			
Outro:			
Outro:			

24) Para quem vende sua criação de eqüinos?

	Forma	% das Vendas	
		Animais	Reais (R\$)
<input type="checkbox"/>	Leilão		
<input type="checkbox"/>	Outros criadores		
<input type="checkbox"/>	Hípicas e similares		
<input type="checkbox"/>	Frigoríficos		
<input type="checkbox"/>	Outros: _____		
<input type="checkbox"/>	Outros: _____		

25) Realiza seguro de animas?

Sim Não



ESTUDO DO COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO CAVALO
CEPEA/ESALQ/USP



Anexo D

Memória de cálculo – Estimativas de movimento econômico e de pessoas ocupadas

Memória de cálculo

Estimativas de movimento econômico e de pessoas ocupadas realizadas neste estudo (parte)

- **Medicamentos veterinários**

Gasto anual com medicamentos:

$$\text{R\$ } 18,24/\text{mês/animal} \times 12 \text{ meses} = \text{R\$ } 218,88/\text{ano/animal}$$

Número de animais:

$$\text{R\$ } 54.142.630,20/\text{ano} \div \text{R\$ } 218,88/\text{ano/animal} = 247.362 \text{ animais}$$

- **Rações**

Consumo anual = 320.000.000 kg

Preço médio coletado nas entrevistas realizadas:

$$\text{R\$ } 25,66/\text{mês} \div (5,12\text{kg}/\text{dia} \times 30 \text{ dias}) = \text{R\$ } 0,167/\text{kg}$$

Gasto anual com rações:

$$\text{R\$ } 0,167/\text{kg} \times 320.000.000 \text{ kg} = \text{R\$ } 53.440.000,00$$

- **Casqueamento e Ferrageamento**

Faturamento bruto por ferrador:

$$90 \text{ jogos}/\text{mês} \times \text{R\$ } 70,00 = \text{R\$ } 6.300,00$$

$$1.900 \text{ ferradores} \times \text{R\$ } 6.300,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} = \text{R\$ } 143.640.000,00$$

- **Transporte de Equínos**

Custo mensal com transporte:

$$\text{R\$ } 24,00/\text{cavalo}/\text{mês} \times 300.000 \text{ cavalos} = \text{R\$ } 7.200.000,00$$

Custo anual com transporte:

$$\text{R\$ } 7.200.000,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} = \text{R\$ } 86.400.000,00$$

- **SENAR**

Custo médio dos cursos: R\$ 2.000,00.

Considerando 488 cursos por ano (como ocorreu em 2005):

$$\text{R\$ } 2.000,00/\text{mês} \times 488 \text{ meses} = \text{R\$ } 976.000,00$$

Considerando que um ano corresponda a 1.600 horas para um instrutor em tempo integral e que para cada instrutor há duas pessoas de apoio:

$$16.222 \text{ horas} \div 1.600 \text{ horas}/\text{instrutor} \times 3 \text{ pessoas}/\text{instrutor} = 30 \text{ pessoas}$$

- **Equoterapia**

Custo médio mensal de cada praticante: R\$ 300,00.

Considerando 12.000 praticantes:

$$\text{R\$ } 300,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} \times 12.000 \text{ praticantes} = \text{R\$ } 43.200.000,00$$

- **Esportes**

Considerando 8.000 atletas filiados às federações estaduais de hipismo:

Gasto médio mensal de atleta: R\$ 600,00 (incluindo inscrições para as competições, equipamentos, aulas, entre outras despesas dos esportistas).

Valor movimentado:

$$\text{R\$ } 600,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} \times 8.000 \text{ praticantes} = \text{R\$ } 57.600.000,00.$$

- **Pólo**

Despesas com clube:

Considerando 250 sócios em clubes de pólo, com mensalidade de R\$ 450,00 (valor médio):

$$\text{R\$ } 450,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} \times 250 \text{ sócios} = \text{R\$ } 1.350.000,00.$$

Inscrições por torneio:

$$\text{R\$ } 190,00/\text{atleta} \times 4 \text{ atletas/equipe} \times 20 \text{ equipes/torneio} \times 22 \text{ torneios} = \text{R\$ } 334.400,00.$$

Movimento total:

$$\text{R\$ } 1.350.000,00 + \text{R\$ } 334.400,00 = \text{R\$ } 1.684.400,00$$

- **Vaquejada**

Foram considerados 400 vaquejadas de grande porte e 1.600 de pequeno porte.

Pessoa ocupadas pelo período de três dias:

- 400×200 pessoas = 80.000 empregos
- 1.600×25 pessoas = 40.000 empregos
- Total de pessoas ocupadas no período de três dias = 120.000

Considerando que o ano apresenta 84 (252 dias úteis/ano \div 3 dias) períodos de 3 dias:

- 120.000 pessoas ocupadas / 3 dias \div 84 períodos de 3 dias \cong 1.430 pessoas ocupadas / ano

Movimentação econômica:

- $400 \times \text{R\$ } 250.000,00 = \text{R\$ } 100.000.000,00$
- $1.600 \times \text{R\$ } 40.000,00 = \text{R\$ } 64.000.000,00$
- Total movimentado = R\$ 164.000.000,00

- **Turismo Equestre**

Movimentação econômica:

$$100.000 \text{ usuários} \times \text{R\$ } 70,00/\text{dia} \times 3 \text{ dias/ano} = \text{R\$ } 21.000.000,00/\text{ano}$$

- **Escolas de Equitação**

Considerando 30.000 alunos.

Movimentação econômica:

- Mensalidade:

$$30.000 \text{ alunos} \times \text{R\$ } 150,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} = \text{R\$ } 54.000.000,00/\text{ano}$$

- Vestuário e equipamento:

$$30.000 \text{ alunos} \times \text{R\$ } 200,00/\text{ano} = \text{R\$ } 6.000.000,00/\text{ano}$$

- Animais:

$$\text{Quantidade de cavalos} = 30.000 \text{ alunos} \div 2 \text{ cavalos/aluno} = 15.000 \text{ cavalos}$$

$$\text{Custo de baia} = 15.000 \text{ cavalos} \times \text{R\$ } 100,00/\text{mês} \times 12 \text{ meses} = \text{R\$ } 18.000.000,00$$

- Total movimentado = R\$ 78.000.000,00

Pessoas ocupadas:

$$15.000 \text{ cavalos} \times (6 \text{ funcionários} \div 10 \text{ cavalos}) = 9.000 \text{ pessoas ocupadas}$$

- **Jockey**

Movimentação econômica:

Movimento geral de apostas (Cidade Jardim, Gávea, Cristal e Tarumã, Campos, Goiás, Pernambuco e São Vicente) = R\$ 303.000.000,00

Jockey de Sorocaba = R\$ 2.500.000,00

Hospedagem de animais = R\$ 4.500.000,00/mês \times 12 meses = R\$ 54.000.000,00/ano

Total movimentado = R\$ 359.500.000,00

- **Exportações e importações de cavalos vivos**

Taxa de câmbio considerada: R\$ 2,34 / US\$ (taxa de câmbio comercial para venda, em 30/12/2005).

Exportações: $US\$ 2.052.764,00 \times R\$ 2,34 \div US\$ = R\$ 4.803.467,76$

Importações: $US\$ 867.588,00 \times R\$ 2,34 \div US\$ = R\$ 2.030.155,92$

Despesas diversas (despachante, aeroporto, *pallet*, etc.):

$R\$ 4.000,00/\text{animal} \times 500 \text{ animais} = R\$ 2.000.000,00$

Total movimentado = R\$ 8.833.623,68

- **Seguro**

Movimentação econômica:

$5.000 \text{ cavalos segurados} \times R\$ 500,00 \text{ (valor médio do prêmio)} = R\$ 2.500.000,00$

- **Veterinários**

Movimentação econômica:

$500 \text{ médicos veterinários} \times R\$ 40.000,00 \text{ (rendimento anual / veterinário)} = R\$ 20.000.000,00/\text{ano}$